

Histórias de Vida

de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Cláudia Sofia dos Santos Viegas

DISSERTAÇÃO

Mestrado em Ciências da Educação e da Formação

(Especialidade em Educação e Formação de Adultos)

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Doutor Joaquim Matias Pastagal do Arco

Prof. Doutor António Carlos Pestana Fragoso de Almeida

Volume I

2016

Histórias de Vida

de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Cláudia Sofia dos Santos Viegas

DISSERTAÇÃO

Mestrado em Ciências da Educação e da Formação

(Especialidade em Educação e Formação de Adultos)

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Doutor Joaquim Matias Pastagal do Arco

Prof. Doutor António Carlos Pestana Fragoso de Almeida

Volume I

2016

Declaração de Autoria de Trabalho

Declaro ser autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Cláudia Sofia dos Santos Viegas

Copyright

©2016 Cláudia Sofia dos Santos Viegas

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Dedicatória

Dedico este estudo ao meu marido, o arquiteto dos meus sonhos, porque com ele construí os alicerces da minha pessoa e a estrutura da nossa vida. Com ele sempre me senti apoiada e confiante e isso permitiu a concretização de mais esta etapa no meu percurso pessoal e profissional.

Agradecimentos

Durante todo este percurso contei com o apoio de muitas pessoas sempre disponíveis que permitiram a realização deste trabalho e a concretização dos meus objetivos:

- As minhas colegas professoras do 1.º CEB que deram corpo e alma a este estudo: Ana Jacinto, “Antónia”, Carla Marques, Francisca Martins, Isabel Marum, Maria Gonçalves (Tisha), “Natália” e Telma Guerreiro;
- Os meus professores, em particular o Professor Joca, que me inspirou, orientou e acompanhou;
- Os meus pais, que me apoiaram em tudo para que eu pudesse dedicar-me a este estudo e também ao meu trabalho de professora do 1.º CEB;
- O meu marido, João, que me encorajou, apoiou e sempre me fez acreditar que seria possível.

MUITO OBRIGADA!

Resumo

A partir de histórias de vida de oito professoras do 1.º CEB pretendeu-se, neste estudo, dar a conhecer o que é ser professora do 1.º CEB e que significados atribuir aos seus percursos pessoais e profissionais. As participantes, oito professoras do 1.º CEB ainda a lecionar, tiveram a oportunidade de relatar na 1.ª pessoa as suas histórias de vida, os seus percursos profissionais e refletir sobre eles.

Este estudo compreende seis grandes domínios, sendo eles, a abordagem histórica da educação em Portugal, onde se referem as políticas e reformas educativas (Capítulo I), o professor do 1.º CEB (Capítulo II), história de vida (Capítulo III), as questões metodológicas (Capítulo IV), as histórias de vida das professoras participantes e a análise e interpretação dessas oito histórias de vida (Capítulo V) e por fim as conclusões (Capítulo VI), onde se pretende dar resposta à questão de partida deste estudo: “O que é ser professora do 1.º CEB?”.

Palavras-Chave: Histórias de vida - Professora - 1.º Ciclo do Ensino Básico - Percursos

Abstract

From the life stories of eight teachers of the Elementary School it was intended, in this investigation, to show what does it mean to be teacher of the Elementary School and assign meanings to their personal and professional paths. The participants, eight teachers of the Elementary School still teaching, had the opportunity to report on the 1st person their life stories, their career paths and reflect on them.

This study comprises six main areas, namely, the historical approach of education in Portugal, where is mentioned the political and educational reforms (Chapter I), the elementary teacher (Chapter II), life stories (Chapter III), methodological issues (Chapter IV), the life stories of the participating teachers and the analysis and interpretation of their eight life stories (Chapter V) and finally the conclusions (Chapter VI), where is intended to answer to the initial question of this investigation, "What does it mean to be Elementary Teacher?".

Keywords: Life Stories - Teacher - Elementary School - Path

Índice

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice	v
Índice de Quadros	viii
Índice de Siglas e Abreviaturas	ix
Introdução	1
Capítulo I - Políticas e Reformas Educativas em Portugal	3
1 - Políticas e Reformas Educativas	3
1.1 - POLÍTICAS EDUCATIVAS NA 1.ª REPÚBLICA.....	5
1.1.1 - O Professor na 1.ª República	6
1.2 - POLÍTICAS EDUCATIVAS NO ESTADO NOVO.....	6
1.2.1 - O Professor no Estado Novo	9
1.3 - POLÍTICAS EDUCATIVAS ENTRE O 25 DE ABRIL DE 1974 E O PERÍODO DA REFORMA EDUCATIVA DE 1986	11
1.3.1 - O Professor entre o 25 de abril de 1974 e o período da Reforma Educativa	12
1.4 - POLÍTICAS EDUCATIVAS DEPOIS DA REFORMA EDUCATIVA DE 1986....	13
1.4.1 - O Professor depois da Reforma Educativa	15
Capítulo II - O Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico	17
1 - O professor do 1.º CEB	17
1.1 - O Professor do 1.º CEB no Apoio Educativo	23
1.2 - O Professor do 1.º CEB no Apoio às Necessidade Educativas Especiais	24
1.3 - O Professor do 1.º CEB na Alfabetização de Adultos.....	25
Capítulo III - História de Vida	26
1 - Estudo da história de Vida de professores	26
Capítulo IV - Questões Metodológicas	30
1 - Metodologia	30
1.1 - QUESTÕES DE PARTIDA E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	31
1.2 - DESENHO DA INVESTIGAÇÃO.....	31
1.3 - PARTICIPANTES	33
1.4 - DELINEAMENTO DO ESTUDO.....	34

Capítulo V - Histórias de Vidas de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico	40
1. - HISTÓRIAS DE VIDAS DE PROFESSORAS DO 1.º CEB: RELATO NA 1.ª PESSOA	40
1.1. - Cláudia Viegas.....	40
2 - HISTÓRIAS DE VIDAS DE PROFESSORAS DO 1.º CEB: PROFESSORAS PARTICIPANTES	46
2.1 - Ana Jacinto	46
2.1.1 - Síntese biográfica.....	46
2.1.2 - A docência	49
2.2 - Antónia	50
2.2.1 - Síntese biográfica.....	50
2.2.2 - A docência	54
2.3 - Carla Marques	56
2.3.1 - Síntese biográfica.....	56
2.3.2 - A docência	58
2.4 - Francisca Martins	60
2.4.1 - Síntese biográfica.....	60
2.4.2 - A docência	63
2.5 - Isabel Marum.....	64
2.5.1 - Síntese biográfica.....	64
2.5.2 - A docência	66
2.6 - Maria Gonçalves.....	68
2.6.1 - Síntese biográfica.....	68
2.6.2 - A docência	71
2.7 - Natália.....	74
2.7.1 - Síntese biográfica.....	74
2.7.2 - A docência	76
2.8 - Telma Guerreiro	79
2.8.1 - Síntese biográfica.....	79
2.8.2 - A docência	81
3 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS 8 HISTÓRIAS DE VIDA	83
4 - SÍNTESE REFLEXIVA.....	88
Capítulo VI - Conclusões	94
1 - A vida de professora e a carreira no 1.º CEB	94
2 - Limitações da investigação	98

3 - Futuras linhas de investigação	98
Referências Bibliográficas	100

Nota: Todos os documentos elaborados e mencionados neste primeiro volume do estudo encontram-se em **ANEXO** no segundo volume, sendo esse também parte integrante da Dissertação “Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

Índice de Quadros

Quadro 1 - Momentos da história da educação em Portugal	4
Quadro 2 - Quadro comparativo da configuração dos sistemas educativos em Portugal antes e depois da aplicação da LBSE	12
Quadro 3 - Etapas do estudo das histórias de vida	30
Quadro 4 - Calendarização das entrevistas realizadas	37
Quadro 5 - Categorias e subcategorias de análise	38
Quadro 6 - Análise comparativa das 8 histórias de vida	83

Índice de Siglas e Abreviaturas

1.º CEB - 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.º CEB - 2.º Ciclo do Ensino Básico

AEC - Atividades de Enriquecimento Curricular

ATL - Atividades de Tempos Livres

EB ou EB1 - Escola Básica do 1.º Ciclo

EB1/JI - Escola Básica do 1.º Ciclo e Jardim de Infância

EBI - Escola Básica Integrada

EBM - Escola Básica Mediatizada

ESE - Escola Superior de Educação

GNR - Guarda Nacional Republicana

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

NEE - Necessidades Educativas Especiais

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico

PEEA - Programa de Educação Estética e Artística

PGA - Prova Geral de Acesso

PNEP - Programa Nacional de Ensino do Português

QA - Quadro de Agrupamento

QZP - Quadro de Zona Pedagógica

UAAlg - Universidade do Algarve

Introdução

Hoje ser professor é sentir-se realmente vocacionado para a grande missão de partilhar conhecimentos e valores e de ser capaz de se adaptar a inúmeras realidades, por vezes até bastantes complexas, para conseguir transformá-las em momentos de aprendizagem e de conhecimento, que vão influenciar positivamente aqueles que com ele interagem e partilham esses momentos.

O trabalho do professor é um trabalho realizado em função dos outros, ele molda e influencia aqueles que estão predispostos para receber conhecimento e com ele produzir algo novo.

O professor, segundo Teixeira (1995), é um “ser aberto à relação com outros seres pessoais e que encontra nessa relação o sentido da sua própria existência” (p.160).

Sendo o trabalho do professor um trabalho tão relevante e importante para todos os que com ele interagem, bem como para toda a sociedade, faz todo o sentido o estudo da vida e carreira dos professores, para que se possa compreender e valorizar a pessoa e o profissional.

Todos os professores desempenham um papel de grande relevância na vida dos alunos, pois são eles que lhes abrem as portas do conhecimento e das oportunidades, no entanto, o professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), o primeiro professor, é aquele que constrói os alicerces para todas as aprendizagens posteriores, é aquele que fica na memória pelas aprendizagens e afetos recebidos em criança.

Assim, reconhecendo e valorizando a nobre missão do professor do 1.º CEB, pretende-se com este estudo dar a conhecer e compreender o trabalho dos professores do 1.º Ciclo, articulando as suas experiências/vivências pessoais com as exigências de hoje nessa profissão, dando destaque a duas questões muito relevantes, que serviram de ponto de partida para este estudo:

- O que é ser professora do 1.º CEB?
- Que significados atribuir ao percurso pessoal e profissional da professora do 1.º CEB?

Para se conseguir obter respostas para essas questões iniciais, recorreu-se ao estudo das histórias de vida de oito professoras do 1.º CEB que lecionam no Algarve e diariamente honram a sua profissão com o empenho e dedicação aos seus alunos.

Segundo Couceiro (1996), “importa reconhecer as histórias de vida como uma abordagem ela própria produtora de conhecimento (conhecimento de si) e mobilizadora da construção pessoal do sujeito (conhecimento para si)” (p.156).

Com o recurso à metodologia de histórias de vida é possível “tomar consciência das nossas dependências e das nossas liberdades, dos nossos triunfos e das nossas limitações, do sentido e do não-sentido das nossas vidas, das ideias recebidas e das conceções pessoalmente elaboradas”. Assim, esta metodologia “coloca-nos face à responsabilidade das escolhas da vida e a criatividade relativamente aos meios que nos damos para criar condições onde a qualidade das relações humanas e das relações sociais passe pelo respeito mútuo, a alegria da partilha e a preocupação da intercompreensão” (Couceiro, 1996, p.153).

Recorrendo a histórias de vida de professoras do 1.º CEB pretende-se dar a possibilidade aos professores de se expressarem, analisarem e refletirem sobre a sua missão e assim contribuir para algo positivo na sua vida e na sua carreira, e consequentemente, também na dos seus alunos.

Para melhor compreender o trabalho hoje realizado pelos professores do 1.º CEB, foi necessário também conhecer e compreender o passado da educação e do ensino básico em Portugal, por isso foi primordial a contextualização histórica da educação e do ensino. Depois desse momento de enquadramento histórico, foi possível analisar o presente e estudar o trabalho e a vida de professoras do 1.º CEB.

Este estudo envolvendo o 1.º CEB e as histórias de vida de oito professoras, deu corpo e forma a este trabalho que aqui se apresenta, neste primeiro volume, e que se encontra estruturado em seis capítulos, sendo eles:

- Políticas e Reformas Educativas em Portugal;
- O Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- História de Vida;
- Questões Metodológicas;
- Histórias de Vida de Professoras do 1.º CEB;
- Conclusões do estudo.

O segundo volume, também parte integrante desta Dissertação “Histórias de Vida de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico”, contém apenas os Anexos, ou seja, todos os documentos elaborados e mencionados neste primeiro volume do estudo, pois devido ao elevado número de páginas desses documentos foi necessário organizar todo o trabalho em dois volumes.

Capítulo I - Políticas e Reformas Educativas em Portugal

1 - POLÍTICAS E REFORMAS EDUCATIVAS

A educação foi e continua a ser uma área de constante mudança e evolução, pautada por avanços e, por vezes, alguns retrocessos, ao longo dos diferentes momentos históricos vividos em Portugal, por isso torna-se imperioso conhecer o contexto histórico da educação e do ensino para melhor compreender o presente.

Muitas têm sido as mudanças aos princípios orientadores que pautam o sistema educativo, o papel dos professores, dos encarregados de educação e dos alunos, mas o que se manteve foi o profissionalismo e a dedicação dos professores à sua missão de educar.

Abarcando os diferentes momentos vividos na educação, pretende-se neste capítulo evidenciar as políticas e reformas educativas em Portugal e o papel do professor, em diferentes momentos da história nacional, sendo eles, a 1ª República, o Estado Novo, o período entre o 25 de abril de 1974 e a Reforma Educativa de 1986 e a atualidade.

Muitos são os episódios significativos da história da educação em Portugal e que se encontram mencionados neste capítulo, no entanto também é de referir que durante o período da monarquia, para além da Igreja, algumas figuras de grande relevo nacional também se destacaram na vontade e no dever de educar o povo português.

Um desses exemplos foi D.Dinis, Rei de Portugal entre 1279 e 1325, que segundo Carneiro (2003), “foi o primeiro monarca a manifestar sensibilidade e a interessar-se realmente pela educação” (p.40). Para além da “criação e implementação dos Estudos Gerais, D.Dinis também proporcionou o aumento do número de professores, contribuiu para o desenvolvimento cultural do país e fundou a Universidade” (p.43).

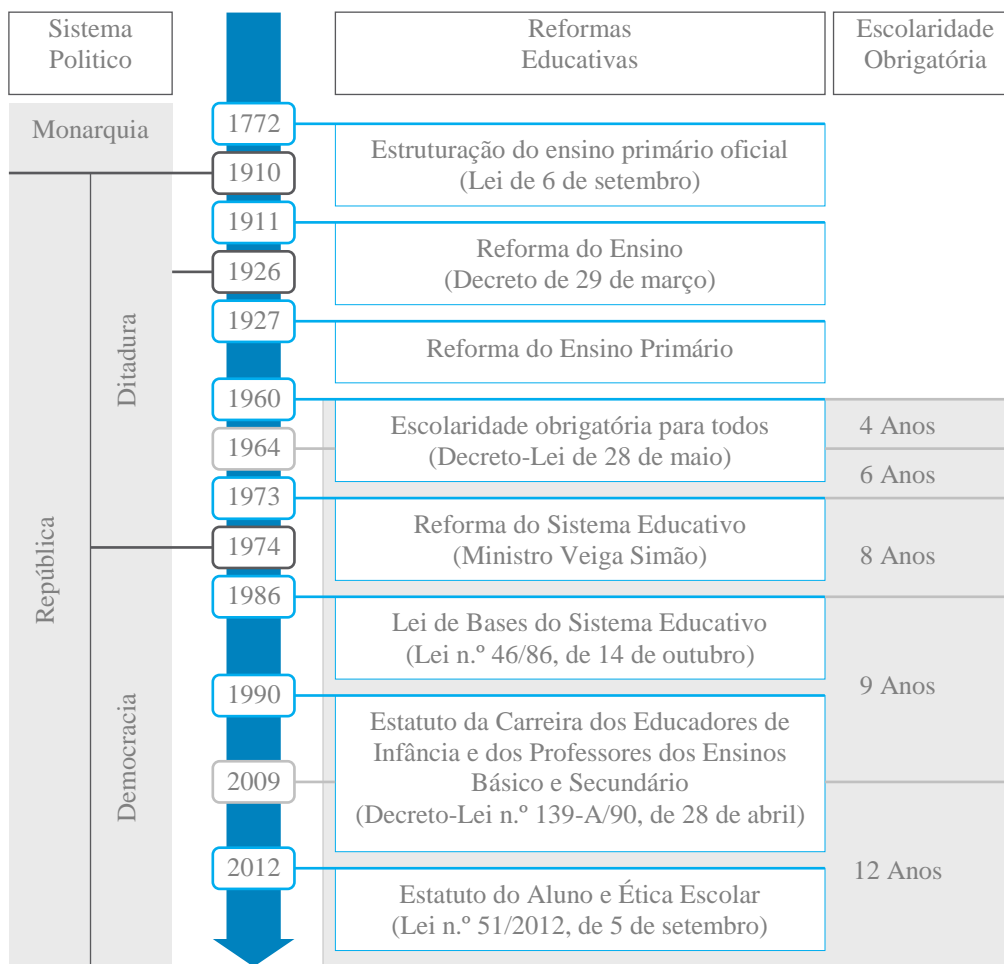
Também durante o reinado de D.José I (1750-1777) foi nomeado Secretário de Estado e Ministro do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, homem de forte personalidade e vontade, pois

Libertou-se dos Jesuítas que dominavam a maior parte do ensino médio e criou as estruturas que viriam a assumir responsabilidades sobre o subsistema do ensino não superior. Retirou à Igreja grande parte das prerrogativas que tinha sobre a instrução. Recorrendo a um imposto especial entretanto lançado sobre o vinho e seus derivados, o Estado assumiu os encargos da instrução pública e passou a controlar a vida escolar, especialmente em termos de seleção, colocação e disciplina dos professores (Carneiro, 2003, p.149).

Também com D.João VI, com a revolução de 24 de agosto de 1820 e consequentemente a primeira Constituição Política (1822), foi dada “maior visibilidade ao problema da instrução pública, face ao reconhecimento de que todo o indivíduo tem direito à educação escolar, cabendo ao Estado o dever de a proporcionar” (Carneiro, 2003, p.301).

Para além destas figuras nacionais, outras poderiam ser aqui referidas, mas esta contextualização histórica incide sobre as políticas e reformas educativas após a proclamação da 1ª República, uma vez que este foi um momento muito relevante e de mudança para Portugal, destacando-se alguns episódios no quadro subsequente:

Quadro 1 - Momentos da história da educação em Portugal



Fonte: Elaboração própria

1.1 - POLÍTICAS EDUCATIVAS NA 1.ª REPÚBLICA

A 5 de outubro de 1910 foi proclamada a primeira República e com ela veio o desejo de mudança e renovação da “mentalidade portuguesa, propondo-se executá-la por diversas vias e, em situação de realce, pela via da instrução e da educação” (Carvalho, 1996, p.651).

Falava-se então em “educação republicana”, pois seria uma educação que perspetivava a “criação e consolidação de uma nova maneira de ser português, capaz de expurgar a Nação de quantos males a tinham mantido, e mantinham, arredada do progresso europeu, sem força, sem meios para sacudir de si a sonolência em que mergulhara” (Carvalho, 1996, p.651).

Assim, a reforma republicana na educação e no ensino começou pela instrução primária, pois segundo Carvalho (1996), essa era a base da hierarquia escolar e através dela pretendia-se projetar a transformação mental do país. “As crianças de então seriam os homens de quem se esperava a consolidação da República” (p.664).

Com o Decreto de 29 de março de 1911, é publicada a Reforma do Ensino, mais propriamente do ensino primário, e essa seria uma “reforma de sonho, em que se programava o que seria bom ver realizado, sem se atender à situação real do país, à sua pobreza sem remédio, à impreparação dos seus executores, à sonolência dos serviços do Estado e à inércia nacional” (Carvalho, 1996, p.666).

Nesse decreto de 1911, Carvalho (1996) refere que a escolarização seria gratuita, teria início aos 7 anos e o ensino primário estaria dividido em três escalões, o elementar, o complementar e o superior, sendo apenas o elementar de carácter obrigatório para rapazes e raparigas, entre os 7 e os 14 anos. “Nele também não ficaram esquecidas a obrigatoriedade de excursões, de visitas, de passeios pedagógicos, a colheita e a coleção de espécimes para o estudo das Ciências Naturais, tudo isto num país com insuficientes escolas e em grande número degradadas, sem material de ensino e sem professores habilitados” (p.674).

Também nesse decreto se evidenciava o facto de a religião “ser banida da escola. Quem quiser que a dê à criança no recanto do lar, porque o Estado, respeitando a liberdade de todos, nada tem com isso” (p.675).

Esta reorganização curricular, segundo Arco (2015), provinha de uma nova mentalidade associada à renovação pedagógica do Movimento da Escola Nova, em que o papel do professor primário, o professor da Escola Nova, era imprescindível, pois ele seria o grande responsável pela educação e pela moral do país. Esse movimento terá sido iniciado, no plano teórico, por Jean Jacques Rousseau, entre o final do século XIX e o

princípio do século XX, e teve continuidade com os seus pioneiros promotores das denominadas escolas novas.

Com a primeira República a educação tornou-se um tema relevante que “originou debates no seio do movimento pedagógico, quanto ao papel da escola primária”. O ensino primário foi então considerado “um campo de intervenção prioritário, um nível de ensino privilegiado para formar uma nova geração de portugueses. Foi no ensino primário que se iniciaram as primeiras reformas educativas” (p.19).

1.1.1 - O PROFESSOR NA 1.ª REPÚBLICA

Com a primeira República, Carvalho (1996) refere que foi atribuída ao professor primário uma maior responsabilidade, pois ele passaria a “ser o árbitro dos destinos morais da Pátria”, uma vez que no preâmbulo do Decreto de 29 de março de 1911 é referido que “a religião foi banida da escola”. Assim, a escola passaria a “ser neutra. Nem a favor de Deus, nem contra Deus. Dela se banirão todas as religiões, menos a religião do dever, que será o culto eterno desta nova igreja cívica do Povo” (p.675).

Tomando consciência da árdua missão aí atribuída, o Governo concluiu que “não seria fácil despertar a consciência da responsabilidade nos professores primários, cuja vida económica era pouco mais do que miserável”. Então, uma das medidas prioritárias foi o aumento dos salários dos professores primários, pois, tal como também está referido no Decreto de 29 de março, “os aumentos sucessivos que aos professores primários a República irá fazendo nos seus ordenados contribuirão grandemente para tornar mais sólida, mais respeitável e mais bela a sua ação moral, dentro da escola” (Carvalho, 1996, p.675).

1.2 - POLÍTICAS EDUCATIVAS NO ESTADO NOVO

A 28 de maio de 1926, com um golpe militar, a primeira República teve o seu fim e Portugal inicia assim um período político muito opressivo e ditador, o Estado Novo.

O novo Governo convidou um professor de Economia e Finanças da Universidade de Coimbra, António Oliveira Salazar, para Ministro das Finanças e a 30 de maio de 1926 foi nomeado para esse cargo.

A 27 de abril de 1928, António Salazar foi, pela segunda vez, nomeado Ministro das Finanças e evidenciando o seu forte caráter e personalidade austera, aceitou novamente o convite, mas impôs a condição de controlar todos os outros ministérios. Com o controlo e

supervisão de António Salazar, o professor de Literatura Germânica da Faculdade de Letras, Gustavo Cordeiro Ramos, foi nomeado Ministro da Instrução Pública.

A primeira Reforma do Ensino Primário do regime, publicada a 17 de maio de 1927, refere que “o ensino primário geral, agora chamado “elementar”, obrigatório como antes, foi reduzido de um ano, dos 7 aos 11 anos, o superior, agora designado “complementar”, também reduzido de um ano, dos 11 aos 13. Retrocedeu-se, portanto no processo escolar” (Carvalho, 1996, p.729).

Posteriormente, o Decreto de 22 de março de 1930, definia que o ensino primário elementar passaria a ter dois graus, englobando no primeiro grau as três primeiras classes e um exame final.

A escolaridade obrigatória foi reduzida de cinco para três anos e segundo Carvalho (1996), a crença “de que a cultura suficiente a fornecer às crianças rurais era o saber ler, escrever e contar, conduziram à conclusão de que não se justificava haver grandes preocupações com a preparação científica e pedagógica dos professores primários” (p.736).

O Estado controlava a reduzida formação que era facultada aos alunos nas escolas e também pretendia formatá-los cívica e moralmente. A 9 de março de 1932, por decreto, ficou estipulado que os livros de leitura deveriam conter, obrigatoriamente, as frases mencionadas no referido documento, pois segundo o Governo, fomentariam a moral e os bons costumes do povo português. São alguns desses exemplos:

- “Na família o chefe é o Pai, na escola o chefe é o Mestre, no Estado o chefe é o Governo.
- Mandar não é escravizar: é dirigir. Quanto mais fácil for a obediência, mais suave é o mando.
- A tua Pátria é a mais linda de todas as Pátrias: merece todos os teus sacrifícios” (p.738).

Esses foram anos em que a educação e o ensino foram subjugados ao poder, pois as evidências eram constantes, como a redução da escolaridade obrigatória, a obsessão pela educação moral, cívica e religiosa segundo os padrões de quem governava e ditava as ordens do país e a fraca intenção de educar, formar e desenvolver crianças e jovens num Portugal que tanto necessitava de valores e de educação.

Com a entrada de António Carneiro Pacheco para o Governo, em 1936, como Ministro da Instrução Pública, a educação foi alvo de algumas renovações com a “Lei Remodelação do Ministério da Instrução Pública”, destacando-se:

- “Base I: O Ministério da Instrução Pública passa a denominar-se Ministério da Educação Nacional.

- Base XI: Será dada à mocidade portuguesa uma organização nacional e pré-militar que estimule o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação de caráter e a devoção à Pátria e a coloque em condições de poder concorrer eficazmente para a sua defesa.

- Base XIII: Em todas as escolas públicas do ensino primário infantil e elementar existirá, por detrás e acima da cadeira do professor, um crucifixo, como símbolo da educação cristã determinada pela Constituição” (p.754-756).

Para completar as novas políticas educativas e assegurar o objetivo do Governo em relação à educação, foi instituído o uso de um livro de leitura da escola primária, único e singular, correspondendo exatamente aos valores que seriam obrigatórios e exemplares.

Posteriormente, com o intuito de elevar as taxas de alfabetização e o nível de educação do povo português, o Ministro da Educação Nacional, Pires de Lima, tomou medidas que foram ao encontro desses objetivos e deu início ao Plano de Educação Popular, aos Cursos de Educação de Adultos e à Campanha Nacional de Educação para Adultos.

Dez anos depois do fim da II Guerra Mundial, com o Ministro da Educação Nacional, Leite Pinto, surge a necessidade urgente de “preparar homens desembaraçados e decididos para quem a máquina, mesmo altamente sofisticada, fosse um instrumento de trabalho tão facilmente manejável como um martelo ou uma chave de fendas, homens esclarecidos e confiantes nos meios novos de trabalho que lhes eram colocados nas mãos” (Carvalho, 1996, p.794).

Carvalho (1996) refere que começa-se assim a valorizar a educação e a reconhecê-la como um fator importante para o desenvolvimento económico do país e por isso, o Ministro Leite Pinto, em 1959, preparou o “Plano de Fomento Cultural, cuja realização ambiciosa necessitaria de meios técnicos e financeiros que excediam as possibilidades nacionais” (p.795). Para conseguir a execução desse plano, foi pedido apoio à OCDE e iniciou-se um trabalho em comum.

Com o Ministro Leite Pinto dá-se também outra reforma do Ensino Primário onde se estabelece o aumento da escolaridade obrigatória até à 4.ª classe, só para os rapazes, e o prolongamento do ensino dos adultos também até à 4.ª classe. Só com o Decreto-Lei de 28 de maio de 1960, do mesmo ministro, é que se estabelece a escolaridade obrigatória até à 4ª classe para as raparigas. Posteriormente, com o Decreto-Lei de 9 de julho de 1964, o

Ministro da Educação Nacional, Galvão Teles, define um novo limite para a escolaridade obrigatória, passando assim a ser de seis anos.

Em 1968, devido a problemas de saúde, pois havia sofrido um grave acidente, o Presidente do Conselho, António Salazar, foi exonerado do seu cargo e sucedeu-lhe como Presidente do Conselho, Marcelo Caetano. Este novo Presidente do Conselho nomeou José Veiga Simão, professor da Universidade de Coimbra, para a pasta da Educação, com o intuito de remodelar e estimular toda a vida nacional.

O Ministro Veiga Simão, inovador e determinado, define uma nova reforma para o sistema educativo, em 1973, onde se destacam algumas inovações, como:

- “Institucionalização da educação pré-escolar;
- Extensão da escolaridade obrigatória de seis para oito anos;
- Polivalência do ensino secundário e acréscimo de um ano na sua duração;
- Expansão e diversificação do ensino superior;
- Novo enquadramento da formação profissional;
- Consagração do princípio da democratização do ensino” (Carvalho, 1996, p.809).

Em 1974 Portugal passou por uma das maiores e mais relevantes mudanças políticas e sociais, e conseqüentemente, a reforma educativa do Ministro Veiga Simão, que se encontrava em curso, não veio a ser totalmente implementada.

A 25 de abril de 1974 um golpe militar pôs fim ao regime de Ditadura, autoritário e opressivo, em que os portugueses viviam. Com ele nasceu uma nova esperança de crescimento, melhoria e liberdade para o povo português.

1.2.1 - O PROFESSOR NO ESTADO NOVO

O Estado Novo, segundo Lopes (2001), caracterizou-se por um excesso de conservadorismo e nacionalismo, que se traduziu em anti-modernização e isolamento.

Neste período, os professores e a escola portuguesa encontravam-se subjugados ao poder político e o seu trabalho e formação não eram devidamente valorizados, pois segundo Carvalho (1996), “a execução do plano salazarista impunha à Escola Portuguesa as regras de pensamento e de comportamento da sua doutrina social” (p.725).

Só em 1930, com o Decreto de 19 de julho, são implementadas as Escolas do Magistério Primário que tinham como objetivo a formação de professores primários do ensino elementar e do ensino infantil, onde a sua admissão seria condicionada por um exame e pela exigência do 2.º grau do ensino primário elementar dos candidatos.

Carvalho (1996) refere que em 1931 foram criados os Postos de Ensino, pois segundo o Decreto de 30 de novembro, seriam “mais um instrumento da iniciativa da Ditadura em prol da diminuição do número dos iletrados, ou seja, da resolução do problema do analfabetismo”, e aí lecionavam os regentes escolares. Estes seriam escolhidos com a aprovação do Ministro da Instrução Pública, onde não seria exigida qualquer habilitação, bastando apenas terem “a necessária idoneidade moral e intelectual” (p.736).

Essa falta de exigência e de competências dos regentes escolares fez com que muitas pessoas, só por apresentarem comportamentos considerados irrepreensíveis, fossem consideradas aptas para o ensino e isso deu origem a sucessivos abusos. Para contrariar toda a situação negativa daí originada, quatro anos depois, em 1935, foi publicado um novo decreto, que referia que passaria a ser necessário um exame de aptidão para o desempenho da função de regentes escolares dos Postos de Ensino, que contemplaria três provas escritas e uma prova oral de Português, Aritmética, e do restante exigível no ensino primário. (Carvalho, 1996)

Com o Decreto-Lei de 24 de novembro de 1936, os Postos de Ensino foram convertidos em Postos Escolares e o ensino primário passaria a ser ministrado em regime de separação de sexos. Também nesse decreto, no artigo 9.º, ficava bem definida a intervenção do Estado na vida pessoal das professoras primárias, pois nele estava referido que “o casamento das professoras não poderá realizar-se sem autorização do Ministério da Educação Nacional, que só deverá concedê-la nos termos seguintes:

1.º - Ter o pretendente bom comportamento moral e civil;

2.º - Ter o pretendente vencimentos ou rendimentos, documentalmente comprovados, em harmonia com os vencimentos da professora” (p.762).

Em 1953, o Estado implementou a Campanha Nacional de Educação de Adultos que visava “o combate ao analfabetismo pelo incremento do ensino primário, como condição prévia para o desenvolvimento económico” e vigorou até 1956. Durante essa Campanha os “professores primários, regentes escolares e outras pessoas com garantias de competência pedagógica e de idoneidade moral e cívica” recebiam “uma gratificação por cada iletrado que preparassem até aprovação no exame do ensino primário elementar, sendo os professores e regentes também beneficiados na carreira de acordo com aquele quantitativo” (Grácio, 1986, p.55).

Nóvoa (1992) refere que os professores viveram uma época contraditória de desvalorização e dignificação da sua imagem social durante o Estado Novo, pois por um lado o Estado exercia um controlo autoritário sobre os professores, inviabilizando a sua

autonomia profissional e a degradação do seu estatuto, e por outro, criava condições de dignidade social que salvaguardavam o prestígio e a imagem dos seus professores.

1.3 - POLÍTICAS EDUCATIVAS ENTRE O 25 DE ABRIL DE 1974 E O PERÍODO DA REFORMA EDUCATIVA DE 1986

Com a revolução de abril de 1974, Portugal viveu momentos de grande esperança, expectativa e mudança em todas as áreas, inclusive na área da educação. A escola socialmente segregada podia agora tornar-se numa escola aberta a todos, uma escola para as massas.

Gomes (1999) refere que, com o estabelecimento de um Estado-Providência que asseguraria as necessidades da população nas áreas da proteção social e do fornecimento de serviços sociais, como a educação, entre 1974 e 1975, dá-se uma expansão escolarizadora e uma igualdade de oportunidades de acesso ao ensino.

A segunda metade da década de 70 também trouxe inovações para o ensino em Portugal, entre elas, a promulgação de nova legislação, a unificação do Ensino Secundário e os novos modelos de gestão escolar, no entanto continuou a assistir-se à violação dos direitos à educação, pois o Estado tolerava a violação à lei do trabalho infantil, planeava seletivamente a distribuição da rede escolar e não dotava as escolas, suburbanas e do interior, dos recursos humanos e financeiros necessários ao cumprimento da escolaridade obrigatória. (Gomes, 1999)

Canário (2007) refere que “com o processo de adesão à União Europeia, em 1986, vivia-se, em termos gerais, um ponto de viragem nos campos político e social e era aguda a perceção da necessidade de introduzir mudanças profundas e sistemáticas no sistema educativo português, como forma de combater o atraso e promover a modernização do país” (p.218).

Assim, à educação foi então “atribuído o estatuto de prioridade nacional indeclinável, pois representava um setor vital à modernização acelerada do País, o que exigia um esforço verdadeiramente nacional vivido com um esforço de geração” (Teodoro, 1994, p.142).

Nesse contexto, Portugal voltou a passar por outro grande momento de reforma e renovação na educação e em 1986, tendo como Ministro da Educação e Cultura, João de Deus Pinheiro, é publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro de 1986). Esse momento foi, tal como refere Canário (2007), um “momento marcante e de viragem na história do sistema educativo português” (p.218).

A Lei de Bases, segundo o Conselho Nacional de Educação, “estabelece o quadro geral do sistema educativo e pode definir-se como o referencial normativo das políticas educativas que visam o desenvolvimento da educação e do sistema educativo”.

Com a LBSE, a educação e o ensino em Portugal sofreram alterações necessárias e positivas, tendo o próprio sistema em si sido alvo de uma nova estruturação, tal como Sequeira e Batista (1997) resumem no seguinte quadro:

Quadro 2 - Quadro comparativo da configuração dos sistemas educativos em Portugal antes e depois da aplicação da LBSE

Antes da LBSE	Idade	Anos de Escolaridade	Depois da LBSE
Ensino Superior a)	23 anos	18.º Ano	Ensino Superior a)
	22 anos	17.º Ano	
	21 anos	16.º Ano	
	20 anos	15.º Ano	
	19 anos	14.º Ano	
	18 anos	13.º Ano	
Secundário Complementar	17 anos	12.º Ano	Ensino Secundário
	16 anos	11.º Ano	
	15 anos	10.º Ano	
Secundário Unificado	14 anos	9.º Ano	3.º Ciclo do Ensino Básico
	13 anos	8.º Ano	
	12 anos	7.º Ano	
Ciclo Preparatório	11 anos	6.º Ano	2.º Ciclo do Ensino Básico
	10 anos	5.º Ano	
Ensino Primário	9 anos	4.º Ano	1.º Ciclo do Ensino Básico
	8 anos	3.º Ano	
	7 anos	2.º Ano	
	6 anos	1.º Ano	
Ensino Pré-Primário	5 anos		Ensino Pré-Escolar
	4 anos		
	3 anos		

a) Pode ter de 3 a 6 anos de duração e ser universitário ou politécnico

Fonte: Sequeira e Batista (1997, p.335)

Em 1997 a Lei de Bases do Sistema Educativo foi submetida a alterações e desde então outras alterações foram promulgadas, respetivamente em 2005 e 2009.

1.3.1 - O PROFESSOR ENTRE O 25 DE ABRIL DE 1974 E O PERÍODO DA REFORMA EDUCATIVA

Com a renovação política e social vivida em Portugal após abril de 1974, todas as áreas sentiram o impacto dessa nova esperança e mudança. Um dos sinais dessa mudança surgiu com o Decreto-Lei n.º 290/75, de 14 de junho de 1975, onde se define o primeiro reajustamento salarial dos professores, cria um sistema de fases na carreira docente e

afirma no seu preâmbulo “a necessidade de reestruturação do estatuto do pessoal docente” e da “futura institucionalização de uma autêntica carreira”. A carreira docente aí inicialmente definida, só viria a materializar-se mais tarde, em 1990, com Decreto-Lei n.º 139-A/90, de 28 de abril, que define o Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário.

A grande mudança e reforma da educação e do ensino neste período, envolvendo todos os seus intervenientes, deu-se em 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), a Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, que abarcaria todos os intervenientes no processo educativo.

A escola primária e o professor primário passaram então a designar-se de Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A formação dos professores também foi considerada na LBSE, pois essa é uma área de grande relevância nesse novo contexto educativo. No Capítulo IV encontram-se os princípios gerais sobre a formação de educadores e professores (Artigo 30.º) e a formação inicial de educadores de infância e de professores dos ensinos básico e secundário (Artigo 31.º). O Artigo 35.º, também realça a importância da formação contínua como um direito de todos os educadores e professores, no entanto, posteriormente com publicação do Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de novembro, ficaria finalmente estabelecido um sistema de formação contínua com condições para assegurar o direito e o dever de todos os professores à sua formação.

1.4 - POLÍTICAS EDUCATIVAS DEPOIS DA REFORMA EDUCATIVA DE 1986

A reforma educativa de 1986 foi, segundo Teodoro (1994), um elemento-chave para a modernização da economia nacional e uma condição para dar resposta aos desafios resultantes da integração europeia.

As novas expectativas sociais criadas pela ideia de igualdade de oportunidades para todos obrigaram o Estado a expandir a rede escolar, sob pena de custos políticos insuportáveis, pois em 1987, Portugal apresentava a mais baixa taxa de escolarização da Europa, mas em 1990 já apresentava taxas de escolarização mais elevadas.

No campo da educação não são necessárias apenas as políticas educativas, as inovações, os meios e as tecnologias, também são necessários mecanismos de regulação para garantir a correta e eficaz aplicação dessas medidas. O Estado, a partir da década de

80, deixou de regular tão diretamente as escolas, atribuiu-lhes autonomia, mas continuou a controlar e a monitorizar todo o sistema.

Para que o sistema educativo funcione de forma equilibrada e harmoniosa, muitos são os intervenientes que têm que se articular e trabalhar em sintonia, não só destacando os alunos e o seu sucesso escolar, mas também todos os que permitem esse sucesso.

Assim, valorizando e reconhecendo os direitos e deveres do corpo docente, em 1990, com o Decreto-Lei n.º 139-A/90, de 28 de abril, é criado e definido o Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário. Desde a sua promulgação, esse estatuto tem vindo a ser alterado e vários são os decretos que definem essas alterações.

O ensino e a educação em Portugal evoluíram e essa evolução também se refletiu na importância atribuída à escolaridade obrigatória dos alunos portugueses, pois:

- Em 1960, com o Ministro Leite Pinto, a escolaridade obrigatória seria de 4 anos (até à 4.ª classe);
- Em 1964, com o Ministro da Educação Nacional, Galvão Teles, passaria a ser de seis anos;
- Em 1973, com o Ministro Veiga Simão, passaria de seis para oito anos;
- Em 1986, com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro de 1986), teria a duração de nove anos;
- Em 2009, com a Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto, que ainda vigora, fica definido no Art. 2.º:

“A escolaridade obrigatória cessa:

- a) Com a obtenção do diploma de curso conferente de nível secundário da educação;
- ou b) Independentemente da obtenção do diploma de qualquer ciclo ou nível de ensino, no momento do ano escolar em que o aluno perfaça 18 anos”.

Tal como a escolaridade obrigatória dos alunos, também todo o sistema educativo, e consequentemente a organização da escola e do trabalho dos professores hoje é diferente daquilo que já foi, pois:

- O aluno, que quase só tinha deveres e obrigações, hoje tem direitos e deveres e beneficia de um Estatuto do Aluno e Ética Escolar (Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro);
- As escolas primárias transformaram-se em escolas do 1.º ciclo do ensino básico (1.º CEB);

- O professor primário, em regime de monodocência, hoje é o professor do 1.º CEB que mesmo continuando em regime de monodocência, pode trabalhar com várias turmas da mesma escola em regime de permuta de lecionação;
- O professor primário que podia dedicar-se por inteiro aos seus alunos, hoje, para além do trabalho com os alunos, também tem que se envolver em muita burocracia e reuniões de trabalho;
- O currículo do ensino primário, limitado ao saber ler, escrever e contar, hoje segue as orientações do currículo nacional (Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro);
- A escola primária que se centrava no seu dever de dar instrução, hoje é uma escola do 1.º CEB onde, para além do currículo, com os respetivos programas das diferentes áreas, também leciona o Inglês com carácter obrigatório para o 3.º e 4.º ano de escolaridade (Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro);
- A escola primária com horário duplo, com turmas no período da manhã e outras no período da tarde, hoje é uma escola do 1.º CEB que funciona em horário normal (das 9h às 15h30m) e após esse horário ainda oferece aos alunos Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC);
- As escolas agruparam-se e hoje tudo funciona em agrupamentos de escolas, tal como previsto na LBSE, mas concretizado com o Despacho n.º 27/97 e o Decreto-Lei n.º 115-A/98.

Portugal mudou política, económica e socialmente e ainda continua em mudança, pois o tempo presente é um tempo de progressos em todas as áreas e consequentemente, de evolução e de prosperidade. Também a visão e a importância dadas à educação e ao ensino hoje são diferentes, mas mesmo assim, Portugal continua a apresentar um atraso educativo significativo em relação aos outros países da Europa e isso deve-se a vários fatores, sendo um deles, o fraco investimento do Estado na educação em alguns momentos da sua história.

1.4.1 - O PROFESSOR DEPOIS DA REFORMA EDUCATIVA

A valorização e a formação dos professores foi um dos pilares da LBSE, pois esta destaca a formação contínua como um direito dos professores e posteriormente, em 1992, com o Regime Jurídico de Formação Contínua de Professores, fica então estabelecida a formação como um dever dos professores e é conferido ao Estado o direito de definir o seu papel nesse processo formativo.

Teodoro (1994) refere que “o desenvolvimento do ensino contribuiu decisivamente para a produção de um corpo de saberes pedagógicos específicos dos professores, etapa fundamental na profissionalização da atividade docente” (p.184).

O perfil geral de desempenho de educadores e professores viria a ser definido em 2001, com o Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, e com o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, onde ficariam estabelecidos os perfis específicos de desempenho profissional relativos aos educadores de infância e aos professores do 1.º CEB.

O trabalho do professor, segundo Tardif e Lessard (2005), não se resume apenas a cumprir ou executar, pois é também uma atividade de pessoas que não podem trabalhar sem dar sentido ao que fazem, é uma interação constante entre pessoas, colegas, alunos, pais, etc.

Essa interação acontece em todos os níveis de ensino, mas no 1.º ciclo do ensino básico é muito evidente e focada no trabalho diário com os alunos.

Hoje o trabalho do professor é controlado, temporizado, calculado, planeado, mensurado, submetido a um conjunto de regras burocráticas e o espaço e a duração da sua realização são controlados. Assim, é visível como o trabalho do professor comporta inúmeros aspetos formais, codificados e rotineiros. (Tardif e Lessard, 2005)

Nestes últimos anos a função docente e o papel do professor têm sido alvo de constantes reformas e mudanças e hoje os professores são dinâmicos, empreendedores, ativos e muito conscientes da sua missão enquanto educadores e formadores.

Segundo Tardif e Lessard (2005), “a docência, como trabalho humano sobre seres humanos, constitui, no âmbito das sociedades modernas, uma atividade social fundamental” (p.275).

Capítulo II - O Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico

1 - O PROFESSOR DO 1.º CEB

Ser professor é “ser um profissional da relação. Ser professor é ser capaz de interação com os outros” (Teixeira, 1995, p.161).

O professor realiza o seu trabalho diário em interação e harmonia com os outros, cumprindo as diferentes funções que lhe competem e segundo Teixeira (1995), as funções do professor dizem respeito às atividades, atuações e comportamentos que emergem do seu estatuto profissional.

Teixeira (1995) agrupa as funções dos professores em duas grandes vertentes:

- A vertente política educativa, onde as funções podem ser funções expressivas ou instrumentais;
- A vertente sociológica, onde é reconhecida ao professor “margem de manobra para levar, tão longe quanto possível, as estratégias que decorrem do seu projeto pessoal” (p.109).

Assim, na vertente política educativa, as funções expressivas referem-se ao essencial da profissão docente e englobam:

- A função de instruir

Como o professor não é um simples administrador de programas escolares, ele deve também considerar e reconsiderar o modo como esses programas são assimilados pelos alunos. Para isso, no desempenho desta função ele foca-se em dois aspetos, instruir de acordo com os programas em vigor e avaliar todo o processo de ensino aprendizagem, tal como previsto no Estatuto da Carreira Docente.

- A função de educar

Esta função encontra-se muito presente nos deveres profissionais dos professores no Estatuto da Carreira Docente e engloba dois aspetos, educar para valores e atitudes e apoiar/participar em atividades extra letivas de carácter educativo.

- A função de desenvolver uma ação educativa no meio

O professor não é apenas alguém que se relaciona com os alunos e lhes leciona os conteúdos programáticos, ele também é um elemento facilitador, e de grande relevância, nas relações entre a escola e a comunidade educativa e isso também se encontra referido no seu Estatuto.

As funções instrumentais, da vertente política educativa, também aparecem referidas no Estatuto da Carreira Docente, e designam funções menores, mas orientadas para a eficaz aquisição das funções expressivas, englobando:

- Cuidar de equipamentos e instalações

Espera-se que o professor se corresponsabilize “pela preservação e uso adequado de instalações e equipamentos” e também proponha “medidas de melhoramento e renovação” (Art.º 10.º, n.º2).

- Realizar estudos e trabalhos de investigação

É assim reconhecida aos educadores e professores dos ensinos básico e secundário a realização de “trabalhos de investigação” (Art.º 82.º, n.º3).

- Dirigir serviços

O exercício dos professores em funções de órgãos de administração e gestão de escolas vem mencionado no Art.º 80.º.

Seguindo o pensamento de Teixeira (1995), a outra grande vertente das funções dos professores é a vertente sociológica e esta será abordada dando destaque a seis diferentes funções:

- Função de relação: O professor como pessoa

O professor é um profissional da relação e está também “impelido a dar a atenção a si mesmo, a cultivar o seu ser pessoal para que seja um centro positivo dessa relação” (p.111).

Ele deverá dar atenção a si próprio e assim enriquecer a dimensão de relação, pois é a primeira função que deverá assumir no seu desempenho profissional e pessoal.

- Função de promoção: O professor com os alunos

A atividade do professor centra-se no aluno e por isso o professor deverá apoiá-lo “na tarefa de se fazer pessoa” (p.112).

Para isso, o professor deverá ser um “facilitador de aprendizagens”, ou seja, “aquele que cria um ambiente em que se promove a curiosidade, o pensamento crítico, a independência intelectual e a autoconfiança do aluno” (p.113).

- Função de cooperação: O professor e os outros professores

O professor necessita de se sentir apoiado pelos seus pares para assim conseguir a confiança e autoestima necessária para assumir, com sucesso, esta profissão que exige uma forte carga relacional.

- Função de complementaridade: O professor e os pais

Para que o professor conheça realmente o aluno, terá que também conhecer e dialogar com os pais desse aluno, pois esta interação e colaboração terá efeitos benéficos para todos.

- Função de descoberta: O professor e os outros trabalhadores da educação

A educação é uma “atividade que ocorre em comunidade”, por isso todos os seus atores desempenham papéis relevantes, como é o caso dos trabalhadores administrativos e dos auxiliares de educação. (p.119)

“Esta função do professor será tanto mais facilitada quanto mais a Administração da escola investir na adequada formação de todos os seus trabalhadores” (p.121).

- Função de extensão: O professor e a comunidade

Ao aluno do ensino básico “espera-se que a escola lhe crie atitudes e hábitos positivos de relação e de cooperação no plano da intervenção consciente e responsável na realidade circundante” (p.122).

Assim, o trabalho docente não se pode restringir à sala de aula e deve ser aberto à comunidade e à mudança, pois todos os membros da comunidade educativa colaboram e contribuem para o mesmo objetivo, o sucesso dos alunos.

Para que um professor desempenhe todas as suas funções, referidas anteriormente, de forma harmoniosa e eficaz deverá ser um professor forte e confiante e “para se tornar forte, para ganhar confiança em si próprio, precisa de investir na sua formação: tem de saber, com uma grande dose de segurança, o que está a fazer, tem que ter consciência de que domina a sua profissão” (p.111). Desse modo o professor está a investir e a construir a sua carreira profissional.

Segundo Gonçalves (2009) a carreira profissional de um docente “é um percurso relacional e contextualmente vivenciado e construído”. Aí a “pessoa-professor desenvolve-se diacronicamente segundo um conjunto de etapas ou fases com características próprias, em espaços e tempos diferenciados e com necessidades específicas de formação” (p.23).

O domínio em sala de aula, a confiança e a segurança conquistam-se e aprimoram-se ao longo da carreira, que segundo Huberman, caracteriza-se por diferentes fases. Assim, Huberman (2000) identifica e caracteriza sete diferentes fases perceptíveis na carreira de um professor:

- Entrada na carreira: O professor nesta fase inicial, nos primeiros anos da sua carreira, vivencia momentos de “sobrevivência”, quando se depara com a confrontação inicial da realidade e da complexidade da sua profissão, e também momentos de “descoberta” ao viver o entusiasmo e a motivação inicial, a experimentação e a responsabilidade. (p.39)

- **Estabilização:** O professor nesta fase “passa a ser professor, quer aos seus olhos, quer aos olhos dos outros”, pois ele comprometeu-se numa “escolha subjetiva (comprometer-se definitivamente) e num ato administrativo (a nomeação oficial)” e assim será, “no mínimo por um período de 8 a 10 anos” (p.40).

- **Diversificação:** O professor nesta fase, após a estabilização, começa a definir e a divergir nos seus percursos individuais. Assim, com segurança e confiança, começa a diversificar os seus materiais pedagógicos e didáticos, as sequências do programa, os modos de avaliação, as suas estratégias e metodologias de trabalho para melhorar todo o seu desempenho.

- **Pôr-se em questão:** O professor nesta fase, no “meio da sua carreira, geralmente entre os 35 e 50 anos, ou entre o 15.º e o 25.º anos de ensino” começa a pôr-se em questão. Ele questiona a monotonia do dia-a-dia na aula, ano após ano, o que lhe provoca algum “desencanto, subsequente aos fracassos das experiências ou das reformas estruturais em que participa” (p.43).

- **Serenidade e distanciamento afetivo:** O professor nesta fase alcança a serenidade (“mas nem todos lá chegam”) a partir do “domínio da situação pedagógica. Ao cabo de 15 a 20 anos, ter-se-á visto tudo e ter-se-ão construído respostas para a maior parte das situações inesperadas” (p.50).

Nesta fase o professor já não necessita provar mais nada a si próprio nem aos outros, o que faz com que se reduza a “distância que separa os objetivos do início da carreira daquilo que foi possível conseguir, apresentando em termos mais modestos as metas para os anos futuros” (p.44).

- **“Conservantismo” e lamentações:** O professor nesta fase sente-se em “discordância face à evolução de momento, conduzindo a uma marginalidade em relação aos acontecimentos maiores que perpassam a escola ou o sistema escolar” (p.46).

- **Desinvestimento:** O professor nesta fase, em final de carreira, progressivamente vai libertar-se, sem se arrepende e lamentar, do seu grande investimento no trabalho e passar a valorizar mais o tempo dedicado a si próprio, aos interesses fora da escola e à vida social.

Tendo como referente os estudos de Huberman que identificam e caracterizam estas diferentes fases da carreira docente, Gonçalves (2009) realizou um estudo onde analisou os percursos profissionais de professoras do 1.º CEB do Algarve (Olhão). A partir das informações recolhidas nesse estudo Gonçalves elaborou um “itinerário-tipo” que define cinco fases da carreira docente:

- **Início:** A primeira fase ocorre até cerca dos 4 primeiros anos de carreira e “caracteriza-se por uma variação entre a luta pela sobrevivência, determinada pelo choque do real, e o entusiasmo da descoberta de um mundo profissional ainda algo idealizado” (p.26).

- **Estabilidade:** A segunda fase ocorre entre os 5 e os 7 anos de carreira e “caracteriza-se por um assumir de confiança”, pois o professor toma consciência de que consegue gerir o processo de ensino-aprendizagem e por isso sente-se satisfeito com o trabalho realizado e com o ensino, o que por vezes até então ainda não tinha acontecido. (p.26)

- **Divergência:** A terceira fase ocorre entre os 8 e os 14 anos de carreira e caracteriza-se por um “desequilíbrio” positivo ou negativo, pois pode levar alguns professores a “continuarem a investir, de forma empenhada e entusiástica na carreira, procurando uma cada vez maior valorização profissional” ou então pode fazer com que se “alheiem, alegando cansaço e saturação, deixando-se, mesmo cair na rotina” (p.26).

- **Serenidade:** A quarta fase ocorre entre os 15 e os 22 anos de carreira e caracteriza-se por uma “acalmia”, por um “distanciamento afetivo e por uma capacidade de reflexão e ponderação, determinadas tanto por um processo de reinteriorização como pela experiência. O sentimento dominante é a satisfação pessoal por saber o que se está a fazer, na convicção de que se faz bem, o que, por vezes, já não será alheio a um certo conservadorismo” (p.26).

- **Renovação do interesse e desencanto:** A quinta fase ocorre a partir dos 23 anos de carreira e aqui “os percursos profissionais podem voltar a divergir em sentidos opostos”, pois pode caracterizar-se por um “cansaço, saturação e impaciência na espera pela aposentação” ou pelo “interesse renovado, mostrando entusiasmo e desejando continuar a aprender coisas novas” (p.26).

Todas estas fases identificadas por Huberman e posteriormente por Gonçalves caracterizam a vida, a carreira e o trabalho exigente, rigoroso e de grande investimento de um professor, pois um professor é sempre um professor, independentemente da escola ou do ciclo de ensino onde trabalha.

O professor do 1.º ciclo do ensino básico é hoje um professor que desempenha uma missão muito mais ambivalente e abrangente em todas as suas funções, em comparação com o antigo professor primário.

Segundo o Anexo n.º 2, do Decreto-Lei n.º 241/2001, o perfil específico de desempenho profissional do professor do 1.º ciclo do ensino básico deverá ser:

1 - O professor do 1.º ciclo do ensino básico desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos.

2 - No âmbito do desempenho referido no número anterior, o professor do 1.º ciclo:

a) Cooperar na construção e avaliação do projeto curricular da escola e concebe e gere, em colaboração com outros professores e em articulação com o conselho de docentes, o projeto curricular da sua turma;

b) Desenvolve as aprendizagens, mobilizando integralmente saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares e às condicionantes individuais e contextuais que influenciam a aprendizagem;

c) Organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino com base na análise de cada situação concreta, tendo em conta, nomeadamente, a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens;

d) Utiliza os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os obstáculos e os erros, na construção das situações de aprendizagem escolar;

e) Promove a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1.º ciclo com as da educação pré-escolar e as do 2.º ciclo;

f) Fomenta a aquisição integrada de métodos de estudo e de trabalho intelectual, nas aprendizagens, designadamente ao nível da pesquisa, organização, tratamento e produção de informação, utilizando as tecnologias da informação e da comunicação;

g) Promove a autonomia dos alunos, tendo em vista a realização independente de aprendizagens futuras, dentro e fora da escola;

h) Avalia, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos em articulação com o processo de ensino, de forma a garantir a sua monitorização, e desenvolve nos alunos hábitos de auto-regulação da aprendizagem;

i) Desenvolve nos alunos o interesse e o respeito por outros povos e culturas e fomenta a iniciação à aprendizagem de outras línguas, mobilizando os recursos disponíveis;

j) Promove a participação ativa dos alunos na construção e prática de regras de convivência, fomentando a vivência de práticas de colaboração e respeito solidário no âmbito da formação para a cidadania democrática;

l) Relaciona-se positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade, proporcionando,

nomeadamente, um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afetivo que predisponha para as aprendizagens.

O trabalho do professor foi e continua a ser alvo de constantes mudanças e renovações e no 1.º CEB essas mudanças têm sido muito significativas para os alunos e para os professores. Hoje o professor do 1.º CEB, apesar de continuar a trabalhar em regime de monodocência, também pode trabalhar em permuta de lecionação nas disciplinas de Português e Matemática, entre pares de professores do mesmo estabelecimento de ensino, tal como previsto no ponto 9, do artigo 4.º do Despacho Normativo n.º10-A/2015, também participa em projetos de escola, projetos nacionais e internacionais e tem que dar resposta a todo o tipo de solicitações exigidas pela escola e pelo agrupamento.

O professor também tem que desempenhar um papel de grande apoio aos alunos e às famílias, pois cada vez mais as famílias remetem a educação e instrução dos filhos para os professores. Tem que participar em diversas reuniões e sessões de trabalho, implicando sempre um elevado trabalho burocrático, tem que aperfeiçoar os seus conhecimentos e frequentar formação contínua, tem que ser avaliado no desempenho das suas funções e para além de tudo isto, ainda tem que conseguir ser o professor dos seus vinte e seis alunos, tal como previsto no Artigo 19.º, do Despacho Normativo n.º 7-B/2015.

A escola nestes últimos anos tem vivido e assistido a frequentes alterações no seu funcionamento e nos documentos orientadores do trabalho docente, por isso os professores têm passado por contínuas e sistemáticas mudanças, por vezes num curto espaço de tempo, e mesmo assim têm que se moldar às novas realidades e trabalhar tendo sempre como objetivo o sucesso dos seus alunos.

1.1 - O PROFESSOR DO 1.º CEB NO APOIO EDUCATIVO

O professor do 1.º CEB poderá exercer as suas funções como professor titular de turma, mas também como professor de apoio educativo de diversos alunos de diferentes turmas da escola ou do agrupamento.

Essa distribuição de serviço é da competência do Diretor do agrupamento, estando contemplada no Despacho Normativo 10-A/2015, sendo que no Anexo E refere um número de horas fixo para os Apoios Educativos no 1.º CEB de acordo com a dimensão do estabelecimento escolar, pois será de duas horas semanais, por turma, para estabelecimentos com número igual ou superior a 250 alunos e quatro horas semanais, por turma, para estabelecimentos com menos de 250 alunos.

“O apoio a prestar aos alunos visa garantir a aquisição, a consolidação e o desenvolvimento dos seus conhecimentos e das suas capacidades, de acordo com o programas e as metas curriculares dos ensinos básicos e secundários” (Artigo 14.º do Despacho Normativo 10-A/2015).

O trabalho realizado pelo professor de apoio educativo é organizado em articulação com o professor titular de turma, que lhe dará indicações sobre os conteúdos a trabalhar com os alunos, uma vez que este apoio servirá para colmatar as lacunas apresentadas nas diversas áreas. Este trabalho de equipa permitirá que todas as atividades desenvolvidas por ambos os professores se articulem e completem, para assim se traduzirem em resultados eficazes e positivos.

1.2 - O PROFESSOR DO 1.º CEB NO APOIO ÀS NECESSIDADE EDUCATIVAS ESPECIAIS

O professor do 1.º CEB também poderá exercer as suas funções no apoio aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), pois segundo Correia (1997), “os professores do ensino regular treinados em técnicas de integração podem naturalmente responder mais adequadamente aos alunos com problemas de aprendizagem ou de comportamento”. Deste modo, “à medida que os professores adquirem mais competência para responder eficazmente a crianças com problemas na aprendizagem, melhoram os resultados da integração” (p.161).

Essas crianças, com NEE, merecem o mesmo respeito e dedicação por parte do professor, tal como os restantes alunos da turma, tal como previsto no Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 janeiro, onde refere que “a educação inclusiva visa a equidade educativa, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados”.

Segundo Bautista (1997), considera-se que “uma criança necessita de educação especial se tiver alguma dificuldade de aprendizagem que requeira uma medida educativa especial” (p.9).

A educação especial, tal como Pereira (2008) refere, deverá dar resposta “às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente, dando lugar à mobilização de serviços especializados para promover o potencial de funcionamento biopsicossocial” (p.17).

O trabalho com alunos com NEE exige uma grande parceria entre o professor titular de turma e o professor da Educação Especial, pois “as interações entre esses professores são decisivas para o êxito da integração” do aluno. (Correia, 1997, p.164)

1.3 - O PROFESSOR DO 1.º CEB NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

O professor do 1.º CEB é o professor que leciona em turmas de crianças, mas também já foi o professor primário de turmas de alfabetização de adultos.

Ser professor primário e educador de adultos, é, segundo Arco (2015), poder ter a oportunidade de ajudar a melhorar a qualidade de vida das pessoas, através de um compromisso político e social, envolvendo e dinamizando toda a comunidade educativa.

Arco (2015) refere também que “tal como o artesão, o educador de adultos constrói um repertório eficaz de soluções adquiridas com a experiência, um processo de aprendizagem espontâneo que permite adquirir modos de agir para controlar factos e situações do trabalho que se repetem” (p.7).

A prática docente na educação de adultos envolve situações de complexidade, de desafio permanente, de multidimensionalidade de agir e pensar e de interrogação permanente face aos novos desafios dessa ação educativa. Assim, “ser educador de adultos, implica um esforço de aprendizagem e melhoria permanente” (p.326).

Hoje o conceito de Educação de Adultos engloba a valorização, o reconhecimento, a formação e a validação de competências, pois, segundo Quintas (2008), este compreende “o conjunto dos momentos de formação de carácter formal e informal presentes no trabalho e na vida quotidiana, e o objetivo deste campo educativo vai além dos sistemas de ensino e de formação profissional tradicionais para se projetar na própria realização individual dos sujeitos” (p.20).

Na educação de adultos “a difusão de práticas educativas é acompanhada por um processo de diversificação de propostas educativas e formativas” (p.20).

Capítulo III - História de Vida

1 - ESTUDO DA HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES

“As histórias de vida são capazes de iluminar a relação entre a subjetividade humana e a objetividade das situações” (Goodson, 2015, p.108).

O professor é hoje uma peça fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade, pois a ele compete a nobre missão de educar e formar cidadãos conscientes e ativos. Assim, estudar a vida dos professores, as suas ações, as suas trajetórias de vida e a sua construção identitária, é valorizar esse trabalho e dar-lhes voz.

“Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, a vida, é de grande interesse” (Goodson, 2000, p.71).

A partir de biografias de histórias de vida de professores pretende-se compreender a pessoa do professor enquanto indivíduo e enquanto profissional e conseqüentemente a profissão docente.

Com a abordagem biográfica, segundo Neto (2007), “a pesquisa educacional pode desvelar aspetos de esferas e dimensões do fenómeno educativo que haviam permanecido obscuros” (p.13), pois tal como Momberger (2012) refere, “o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de génese dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma às suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (p.524).

Segundo Vieira (2007), o “desafio de compreender a vida, através de biografias, é um método com potencialidades do qual a educação pode servir-se para o entendimento das representações e para a construção da mudança em face das novas exigências sociais” (p.9).

Goodson (2000) afirma que “o respeito pelo autobiográfico, pela vida, é apenas um aspeto de uma relação que permita fazer ouvir a voz dos professores” (p.71).

O professor é muito mais do que um profissional, é acima de tudo um indivíduo, uma pessoa, e com ele transporta a sua história de vida e as suas vivências, que se vão refletir no seu desempenho profissional, e Holly (2000) refere que “há muitos fatores que influenciam o modo de pensar, de sentir e de atuar dos professores, ao longo do processo de ensino: o que são como pessoas, os seus diferentes contextos biológicos e experimentais, isto é, as suas histórias de vida e os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam” (p.82).

“A abordagem da história de vida tem um importante papel a desempenhar no esclarecimento da subjetividade humana”. (Goodson, 2015, p.101) Assim, segundo Goodson (2000), “os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a interação da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo” (p.75).

Goodson (2015) refere que o método de história de vida teve o seu grande momento de destaque no início da década de 1920, na tradição da investigação sociológica em Chicago, e desde 1980 tem sido largamente aplicado em inquéritos educativos. Ball e Goodson (1985) foram pioneiros no estudo das carreiras dos professores e das suas vidas profissionais. Também Broadfoot (1987), num estudo comparativo, explorou o modo como o pensamento dos professores é condicionado pelas iniciativas políticas, pelas tradições ideológicas e pelas estruturas institucionais.

Deste modo, tal como Couceiro (1996) também refere, “as histórias de vida têm vindo a ocupar um lugar cada vez mais forte nas Ciências da Educação através do seu uso como metodologia de investigação. O reconhecimento de que produzem conhecimento (feito de saberes múltiplos e de maior conhecimento de si para si) significa a afirmação de que elas produzem efeitos formativos/autoformativos, mesmo quando só usadas como abordagem metodológica para trabalhar um dado objeto de investigação” (p.155).

As histórias de vida são, segundo Couceiro (1996), “uma prática autopoietica, ou seja, mobilizam a construção/produção de sentido sobre a sua existência” e deste modo articulam a memória (passado), a experiência presente (presente) e os projetos futuros (futuro). Esta articulação gera um processo formativo, a transformação de si mesmo, nas dimensões pessoal, cultural, política e profissional. O indivíduo é então o produtor do seu próprio conhecimento, composto por saberes diversos e pelo seu próprio conhecimento, proporcionando assim a interação entre saber/conhecimento e vivência/experiência que contribui para a construção de si mesmo. (p.157)

Com o estudo de histórias de vida pretende-se que o indivíduo partilhe as suas vivências, experiências e sentimentos, e narre, a sua própria estória de vida, para que seja escrita e estudada a sua história de vida.

Goodson (2015) diferencia estória de vida de história de vida, pois “pela primeira, entende-se a estória que contamos sobre a nossa vida, enquanto a segunda consiste na estória de vida situada no seu contexto histórico. Isto significa que as estórias de vida são a porta de entrada, não a conclusão de uma investigação em história de vida” (p.43).

Assim, a “estória de vida é a vida narrada pela pessoa que a viveu e experienciou, ao passo que a história de vida implica que o narrador conte a estória e que o investigador trabalhe conjuntamente com ele para produzir o testemunho intertextual e intercontextual”. Então “os estudos biográficos que seguem a abordagem à história de vida capturam não só as experiências pessoais, como também os contextos nos quais as experiências vividas estão localizadas” (Goodson, 2015, p.102).

Com o estudo das histórias de vida de professores surgem várias questões muito pertinentes e Nóvoa (2000) destaca:

Como é que cada um se tornou no professor que é hoje? E porquê? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor? As respostas levar-nos-iam longe demais. Mas talvez valha a pena mencionar os três AAA que sustentam o processo identitário dos professores:

- A de Adesão porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores;
- A de Ação porque na escolha das melhores maneiras de agir, jogam-se decisões do foro profissional e do foro pessoal;
- A de Autoconsciência porque tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria ação (p.16).

O professor constrói a sua identidade profissional a partir da fusão das suas vivências pessoais, culturais, sociais, profissionais e da história de vida que protagoniza, pois ele aprende nas suas vivências com os outros, com as práticas diárias, com os colegas e também com os alunos, com os sucessos e fracassos e com a partilha com os outros. “A construção identitária estará sempre em constante construção e reconstrução” (Arco e Fragoso, 2015, p.67).

Tudo isso reflete e condiciona o estilo de vida do professor enquanto pessoa e enquanto profissional. “Para além das principais etapas de carreira, também se observam ocorrências críticas na vida dos professores e, em particular, no seu trabalho, que podem afetar de forma decisiva as suas perceções e as suas práticas” (Goodson, 2015, p.57).

Segundo Arco (2015), “a construção da identidade profissional do professor não é um dado adquirido nem um produto, mas um processo, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão, que se cruza com a identidade pessoal também em processo de (re) construção, a partir de vários fatores relacionados com a história de vida do professor” (p.292).

Assim, refere também que, para o desenvolvimento pessoal e profissional dessa construção identitária contribuem “a infância, a adolescência, a origem social, a mente

cultural, os processos de socialização, o percurso académico, a formação para a docência, os contextos socioeconómicos e culturais, refletidos em cada época da vida, as experiências de vida, a trajetória de vida e os espaços de interação profissional” (p.292).

A identidade profissional constrói-se “com a apropriação dos saberes profissionais através da experiência. Aprende-se com as práticas do trabalho, interagindo com os outros, enfrentando situações, resolvendo problemas, refletindo as dificuldades e os êxitos, avaliando e reajustando as formas de ver e de proceder” (Cavaco, 1999, p.162).

A vida de um professor é repleta de novas vivências e experiências, sendo que a rotina dificilmente conseguirá ganhar lugar de relevo, pois um professor enfrenta diariamente situações novas, contextos e oportunidades diferentes, mudanças constantes, e tem que conseguir adaptar-se e integrar-se nessas transições biográficas, mas principalmente conseguir aprender com elas, com as diferentes identidades de aprendizagem com que se depara. Com essas mudanças, o professor experiencia diferentes contextos educativos que vão contribuir para o enriquecimento das suas vivências e conseqüentemente, do seu percurso profissional.

Nas transições biográficas, segundo Arco (2015), “são criadas novas relações sociais com pessoas diferentes, criam-se novas amizades, são construídos novos conceitos e alargadas as possibilidades de compreensão e interpretação do mundo” (p.338).

Com as transições biográficas vivenciadas pelos professores, geradas por mudanças constantes de contextos de aprendizagem, rotinas e ritmos de trabalho, o professor constrói novas identidades de aprendizagem que lhe permitem recomeçar e continuar a investir e essa capacidade de adaptação e de aprendizagem em novos contextos é denominada por Peter Alheit de biograficidade.

Ao longo da carreira o professor vai construindo a sua identidade profissional e assim vai também fortalecendo a sua identidade própria/pessoal. “A construção da nossa própria vida não é um processo consistente, linear, e sim um percurso complicado que dá conta das discontinuidades e das transformações constantes da nossa sociedade ou seja, somos os autores e atores de nossa identidade” (Rodrigues e Silva, 2011, p.266).

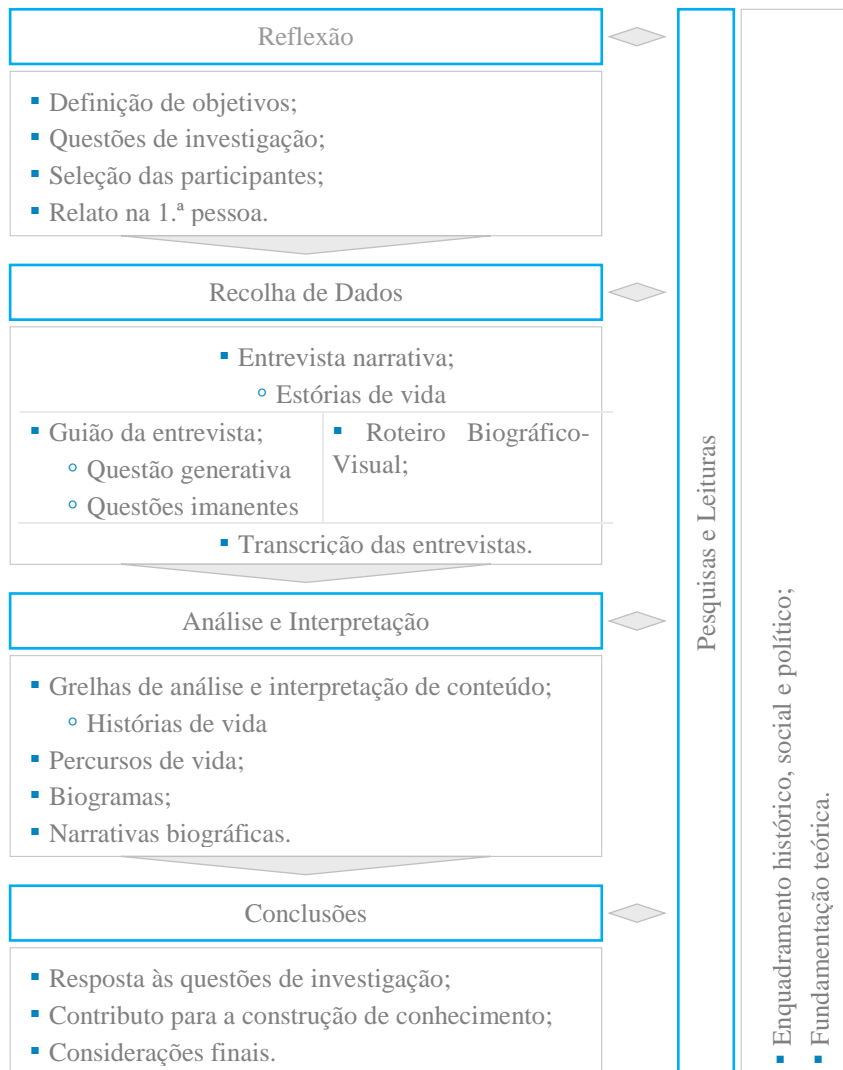
Capítulo IV - Questões Metodológicas

1 - METODOLOGIA

Para estudar histórias de vida de professoras do 1.º CEB foi primordial conhecer esse ciclo de ensino e depois ouvir as estórias relatadas por professoras, que diariamente contactam com essa realidade e transformam-na com as suas atitudes, aprendizagens e valores.

Assim, este estudo compreendeu cinco momentos primordiais: a reflexão, a pesquisa e leitura, a recolha de dados, a análise e interpretação das informações obtidas e as conclusões do estudo:

Quadro 3 - Etapas do estudo das histórias de vida



Fonte: Elaboração própria

1.1 - QUESTÕES DE PARTIDA E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Segundo Quivy e Campenhoudt (2013), “a melhor forma de começar um trabalho de investigação consiste em enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar e compreender melhor” (p.44). A pergunta de partida será o fio condutor da investigação.

Assim, esta investigação teve como ponto de partida duas questões:

- O que é ser professora do 1.º CEB?
- Que significados atribuir ao percurso pessoal e profissional da professora do 1.º CEB?

Estas questões de partida deram origem a outras questões, as questões de investigação, que, segundo Flick (2002), “contextualizam os processos biográficos em relação ao fundo das suas circunstâncias genéricas e específicas” (p.106). Essas questões também orientaram e direcionaram este estudo, sendo elas:

- Quais as trajetórias de vida de professoras do 1.º CEB?
- Quais os momentos mais marcantes da vida pessoal e profissional?
- Quais os percursos profissionais de professoras do 1.º CEB?
- Que transições biográficas caracterizam estas histórias de vida?
- Como podem as histórias de vida influenciar e definir práticas profissionais?
- Qual o contributo destas professoras para a sua valorização e reconhecimento profissional enquanto professoras do 1.º CEB?

Com o decorrer do estudo e com o conhecimento cada vez mais profundo destas oito histórias de vida foi possível ir ao encontro das respostas para essas perguntas formuladas inicialmente.

1.2 - DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Numa investigação, segundo Coutinho (2014), o paradigma assume duas funções essenciais, sendo uma a unificação de conceitos e a pertença a uma identidade comum teórica e metodológica e outra a legitimação entre os investigadores, uma vez que a cada paradigma correspondem critérios de interpretação e validade.

O conceito de paradigma de investigação, tal como Coutinho (2014) refere, pode definir-se como um conjunto articulado de procedimentos, de valores, de teorias comuns e de regras aceites por uma comunidade científica num dado momento histórico.

Os paradigmas de investigação diferenciam-se pelas suas características e natureza, sendo eles o paradigma positivista (quantitativo), o paradigma interpretativo (qualitativo) e o paradigma sociocrítico.

Esta investigação, baseada em histórias de vida de professoras do 1.º CEB, insere-se no paradigma interpretativo, pois privilegia os contextos reais e os processos para melhor compreender a realidade, centra-se na compreensão e interpretação do objeto de estudo e a teoria surge das informações recolhidas.

O paradigma interpretativo, segundo Coutinho (2014), prende-se com a compreensão, significado e ação, e pretende compreender e interpretar os significados da ação humana num dado contexto. Assim, um estudo de paradigma interpretativo tem como:

- Finalidades da investigação: Compreender, interpretar e descobrir significados;
- Características da natureza do estudo: Dinâmica, múltipla, construída e holística;
- Quadro da investigação: Natural;
- Relação entre a teoria e a prática: Ambas estão unidas e relacionadas;
- Papel da teoria na investigação: As construções teóricas emergem da situação.

A abordagem aqui presente, a abordagem qualitativa, “destaca a compreensão dos significados em função dos contextos em que surgem” (Goodson, 2015, p.82).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa possui cinco características:

- A fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os dados são recolhidos e complementados pela informação que se obtém através do contacto direto.
- A investigação qualitativa é descritiva. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais.
- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente;
- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas (pp. 47-50).

Este estudo, de paradigma interpretativo, centra-se nas histórias de vida das oito participantes e evidencia as características próprias de cada contexto (pessoal, profissional

e social). Com o recurso a esta metodologia de histórias de vida, não se pretende generalizar conhecimentos, mas sim produzir conhecimento referente a situações particulares.

As histórias de vida permitem uma investigação focada e autêntica da realidade dos professores e da escola do 1.º CEB, pois

A História de Vida permite-nos tomar consciência, simultaneamente, das nossas dependências e das nossas liberdades, dos nossos trunfos e das nossas limitações, do sentido e do não-sentido das nossas vidas, das ideias recebidas e das conceções pessoalmente elaboradas. Coloca-nos face à responsabilidade que temos nas escolhas da vida e da criatividade relativamente aos meios que nos damos para criar condições onde a qualidade das relações humanas e das relações sociais passe pelo respeito mútuo, a alegria da partilha e a preocupação da intercompreensão (Malpique, 2002, p.153).

Ouvir os professores e estudar as suas histórias de vida permite conhecer o professor enquanto pessoa e profissional e também “entender a profissão de ensino para além de recompensas materiais e do cumprimento de objetivos técnicos”, respeitando e valorizando “uma forma de trabalho assente num significado, finalidade e paixão” (Goodson, 2015, p.69).

Tal como Couceiro (1996) evidencia, as histórias de vida “permitem não só a compreensão de si próprio, como a melhor compreensão do modo como lemos e nos apropriamos daquilo que nos é dado, com que vamos sendo confrontados e com que projetamos o futuro” (p.160).

1.3 - PARTICIPANTES

Este estudo biográfico centra-se em histórias de vida reais, pois “o objeto de pesquisa do método biográfico são as experiências de vida de uma pessoa nas suas várias facetas (moral, política, social, profissional, técnica, económica), construídas a partir das vivências ao nível do grupo social, organização ou comunidade” (Arco e Fragoso, 2015, p.71).

Assim, o objeto de estudo desta investigação foram as experiências de vida de oito professoras do 1.º CEB, que se encontram a lecionar no Algarve, e que, no desempenho das suas funções, contribuem para o reconhecimento e valorização do trabalho dos professores do 1.º CEB.

Na escolha destas participantes foi muito relevante o empenho e a dedicação que todas estas professoras revelam no seu trabalho diário com os alunos e também o facto de todas terem uma carreira no 1.º CEB e um papel ativo, consciente, dinâmico, com participação em atividades de extensão nas suas práticas profissionais e, a partir das suas histórias de vida, ser possível retratar momentos e percursos pessoais e profissionais em diferentes contextos sociais e temporais.

Das oito histórias de vida verídicas presentes neste estudo, seis estão identificadas com os seus nomes próprios, e duas, por razões pessoais, estão com nomes fictícios, que em nada alteram a autenticidade dos factos relatados.

Todas as participantes tomaram conhecimento dos objetivos desta investigação e autorizaram o estudo e divulgação dos dados obtidos nas entrevistas, no entanto, apesar de terem concordado e assinado a Declaração de Consentimento Informado (Anexo VIII), por razões pessoais, não são aqui reveladas as suas assinaturas que constam nos documentos originais.

Assim, as participantes nesta investigação em histórias de vida de professoras do 1.º CEB são oito professoras que lecionam em escolas públicas no Algarve, nos concelhos de Faro e Loulé:

- Ana Jacinto: Professora desde o ano letivo de 1998/99 (18 anos de carreira);
- Antónia (Nome fictício): Professora desde o ano letivo de 1986/87 (30 anos de carreira);
- Carla Marques: Professora desde o ano letivo de 1997/98 (19 anos de carreira);
- Francisca Martins: Professora desde o ano letivo de 1997/98 (19 anos de carreira);
- Isabel Marum: Professora desde o ano letivo de 1994/95 (21 anos de carreira);
- Maria Gonçalves: Professora desde o ano letivo de 1988/89 (28 anos de carreira);
- Natália (Nome fictício): Professora desde o ano letivo de 1997/98 (19 anos de carreira);
- Telma Guerreiro: Professora desde o ano letivo de 1997/98 (19 anos de carreira).

1.4 - DELINEAMENTO DO ESTUDO

As histórias de vida são, segundo Goodson (2015), “o começo de uma jornada, não o fim. Pela sua natureza, já foram extraídas da experiência de vida, o que representa a interpretação de uma pessoa da sua própria vida” (p.16).

Este estudo tem como fundamento oito histórias de vida de professoras do 1.º CEB, pois segundo Goodson (2015), várias são as razões que justificam e sustentam a investigação em histórias de vida de professores, pois “para além da legitimação da voz dos professores, um estudo desta natureza também fornecerá um conjunto de conhecimentos importantes relativamente a novas preocupações das políticas e à passagem para a reestruturação e para reformas na escolarização” (p.51).

Assim, para que se conseguissem cumprir os objetivos deste estudo e a partir daí refletir sobre esses conhecimentos importantes relacionados com os percursos pessoais e profissionais dos professores do 1.º CEB, ao longo desta investigação foram vários os procedimentos e etapas que completaram e deram corpo e forma a este estudo.

A primeira etapa foi a reflexão e o delineamento de objetivos e metas a atingir, referidas no Plano de Dissertação, realizado antes do início deste estudo. Depois de tudo bem organizado e delineado, houve a necessidade de refletir sobre a própria história de vida e aí foi elaborado o relato na 1.ª pessoa, onde está relatada a vida e carreira também de uma professora do 1.º CEB.

Esse relato teve como objetivo reconstruir trinta e nove anos de vida, dezassete deles no papel de professora do 1.º CEB, e assim reviver acontecimentos, vivências, sentimentos, aprendizagens e compreender e interpretar a construção da identidade pessoal e profissional. Ao refletir e produzir um relato na 1.ª pessoa “atribui-se maior significado à própria vida”, pois “reflete-se sobre as próprias experiências e faz-se eco dos sentimentos já vividos” (Arco, 2015, p.379).

Dando continuidade aos trabalhos, foram as pesquisas e leituras que integraram a etapa seguinte e todas as posteriores, pois foi imprescindível o conhecimento teórico sobre a metodologia empregue neste estudo e sobre o tema, a educação em Portugal, mais especificamente, o 1.º CEB e os seus professores.

Para se conseguirem as informações necessárias para este estudo recorreu-se a uma abordagem biográfica e a partir de relatos biográficos foi possível obter informações muito relevantes, pois esses relatos permitem “compreender as práticas realizadas em determinadas situações objetivas, as relações socio-estruturais ocorridas em determinados contextos sociais e que acabaram por influenciar a biografia do entrevistado” (Arco, 2015, p.346).

O recurso a relatos biográficos de oito professoras do 1.º CEB permitiu “reconstruir aspetos individuais, singulares da pessoa e, ao mesmo tempo, ativar uma memória coletiva sobre uma realidade” (Arco, 2015, p.367).

A entrevista narrativa foi o instrumento utilizado para a recolha de dados nesta investigação, pois segundo Goodson (2015), “o objetivo é fazer com que o sujeito fale, enquanto nós escutamos atentamente. A questão é ajudar o narrador a contar a sua estória, não a estória que queremos ouvir ou as perguntas a que queremos que responda” (p.35).

As entrevistas de histórias de vida, segundo Bogdan e Biklen (1994), “são dirigidas para abarcar a vida inteira do sujeito, desde o nascimento até ao presente” (p.205).

Nas entrevistas narrativas, segundo Flick (2002), “há, por um lado, a expectativa de tornar visíveis os processos factuais, de que seja revelado o modo como as coisas se passaram, o que se prende à natureza dos dados da narrativa. Por outro lado, a análise das narrativas da vida pessoal deverá conduzir a uma teoria universal dos processos biográficos” (p.103).

O início da entrevista narrativa é marcado por uma questão generativa relacionada com o tema em estudo, “feita para estimular a narrativa nuclear do entrevistado”. A partir dessa entrevista será possível obter uma narrativa relatada a partir de uma pergunta generativa ampla, mas ao mesmo tempo específica e precisa, para que o domínio da experiência que interessa se torne o tema central. (Flick, 2002, p.100)

“O interesse pode centrar-se genericamente na história de vida do informante, pois neste caso, a pergunta generativa será pouco específica”, ou poderá também “orientar-se para um aspeto específico, temporal e temático da biografia do informante. É importante ter a certeza de que a pergunta generativa origina efetivamente uma narrativa” (Flick, 2002, p.100).

As narrativas “são uma estrutura que inclui mais do que informações e factos relatados”, pois revelam “um modelo de reconstituição da lógica interna dos processos” (Flick, 2002, p.105).

Assim, considerando todos estes aspetos, a etapa seguinte deste estudo foi a construção dos instrumentos de apoio às entrevistas:

- Guião da primeira entrevista narrativa (Anexo I), contendo a questão generativa e as questões iminentes.

O guião da entrevista e as suas categorias e subcategorias, delineadas considerando alguns conceitos teóricos, direcionaram as entrevistas e permitiram o cumprimento dos objetivos.

A questão generativa da entrevista tem de se colocar de forma ampla, mas ao mesmo tempo suficientemente específica, para que o domínio da experiência que interessa se torne o tema central. (Flick, 2002, p.100)

As restantes questões, as questões imanentes, são questões que permitem o aprofundamento do tema e enriquecem a entrevista.

- Roteiro Biográfico-Visual (Anexo III).

O roteiro biográfico-visual, segundo Arco (2015), “constitui um documento que desafia a fazer a ponte entre o passado e o presente, com recurso à memória, sendo composto por temas/textos com suporte visual, com o objetivo de que esse texto imagético se transforme em texto narrativo, texto (re) contado” (p.391).

Deste modo, o roteiro biográfico-visual consistiu num auxiliar de memória dos momentos já vividos e orientou as participantes na segunda entrevista, uma vez que enquanto o folheavam recordavam-se de episódios passados. Proporcionou-lhes uma “viagem no tempo”, pois através das imagens e questões nele presentes, permitiu-lhes recordar e interpretar a sua trajetória de vida desde a infância até à presente data e relatar oralmente todas essas vivências.

As duas entrevistas foram agendadas e realizadas às oito professoras do 1.º CEB, em diferentes momentos:

Quadro 4 - Calendarização das entrevistas realizadas

Participante	Realização da 1. ^a entrevista	Envio da transcrição da 1. ^a entrevista às participantes	Realização da 2. ^a entrevista	Envio da transcrição da 2. ^a entrevista às participantes
Ana Jacinto	7 de julho de 2015	11 de julho de 2015	28 de julho de 2015	2 de agosto de 2015
Antónia	10 de julho de 2015	11 de julho de 2015	22 de julho de 2015	23 de julho de 2015
Carla Marques	8 de julho de 2015	19 de julho de 2015	15 de julho de 2015	22 de julho de 2015
Francisca Martins	8 de julho de 2015	12 de julho de 2015	29 de julho de 2015	2 de agosto de 2015
Isabel Marum	9 de julho de 2015	17 de julho de 2015	23 de julho de 2015	24 de julho de 2015
Maria Gonçalves	15 de outubro de 2015	19 de outubro de 2015	22 de outubro de 2015	1 de novembro de 2015
Natália	2 de julho de 2015	5 de julho de 2015	20 de julho de 2015	21 de julho de 2015
Telma Guerreiro	14 de julho de 2015	19 de julho de 2015	23 de julho de 2015	24 de julho de 2015

Fonte: Elaboração própria

As entrevistas realizadas, entrevistas narrativas, são “uma modalidade de conhecimento e apresentação de experiências” (Flick, 2002, p.99). A primeira entrevista foi direcionada para a prática pedagógica, sendo essa a questão principal e condutora de toda a entrevista, a questão generativa, “O que é ser professora do 1.º CEB?”. A segunda entrevista foi direcionada para a vida das entrevistadas, para os percursos pessoais e profissionais.

Depois da realização das entrevistas, estas foram transcritas (Anexo II e Anexo IV) e enviadas às participantes para que as lessem e se pronunciassem sobre o seu conteúdo.

Com estas entrevistas pretendeu-se obter informações relevantes e autênticas sobre o que viveram, vivem, pensam e sentem as oito participantes em relação à temática em estudo. As informações recolhidas foram sujeitas a uma análise adequada à metodologia de histórias de vida, pois segundo Goodson (2015), “para se desenvolver uma análise extensiva, adota-se um processo de imersão, isto é, de mergulhar na informação” (p.38).

Bogdan e Biklen (1994) referem que “a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (p.205).

A análise de conteúdo das duas entrevistas foi feita a partir das suas transcrições e nela foram consideradas as categorias e subcategorias seguintes, que permitiram organizar, analisar e interpretar os dados:

Quadro 5 - Categorias e subcategorias de análise

Categoria	Subcategorias
Nascimento e infância	Recordações da infância Relação com os irmãos e pais
Percurso escolar no ensino primário	Recordações do ensino primário
Percurso escolar no ensino preparatório	Recordações do ensino preparatório
Juventude/Adolescência	Recordações da juventude/adolescência
Percurso escolar no ensino secundário	Recordações do ensino secundário
Percurso escolar no ensino superior	Recordações do ensino superior
Escolha da carreira docente	Razões para a escolha da carreira docente Formação inicial
Primeiros anos de carreira docente	1.º Ano de trabalho Primeiros anos de carreira
Percurso profissional	Experiência profissional Momentos significativos Relação com os alunos, os encarregados de educação e os colegas Formação contínua Mudanças na escola de hoje Reconhecimento e valorização do papel do professor do 1.º CEB
Ser professora do 1.º CEB	Ser professora do 1.º CEB Realização profissional Mudanças para a escola do 1.º CEB
Expetativas futuras	Expetativas pessoais e profissionais Futuro do 1.º CEB
Relação com os pais	Relação com os pais no passado Relação com os pais no presente

Categoria	Subcategorias
Casamento	Casamento A carreira docente e a vida familiar
Maternidade	Maternidade

Fonte: Elaboração própria

Com o decorrer desta etapa de análise e interpretação de dados foram elaborados diversos documentos orientadores e facilitadores de todo este estudo, como:

- Grelhas de Análise e Interpretação de Conteúdo (Anexo V), onde é possível fazer uma leitura objetiva do conteúdo da entrevista;

- Percursos de Vida das participantes (Anexo VI).

Os percursos de vida são os perfis das entrevistadas e as referências cronológicas, pois “o processo de categorização e de elaboração do perfil dos informantes ajuda-nos a compreender de forma organizada as vidas pessoais e profissionais” (Goodson, 2015,p.88).

- Biogramas (Anexo VII).

Um biograma, segundo Arco (2015), “consiste na representação cronológica dos acontecimentos mais importantes na vida de uma pessoa”, sendo assim “uma representação da trajetória de vida, organizada num eixo temporal, desde a infância até ao momento atual, e organizado em torno da família, da escola e de outros contextos, onde situou as suas experiências de vida” (p.395).

Depois de elaborados os documentos orientadores e auxiliares deste estudo e de interpretadas todas as informações obtidas, seguiu-se a construção das narrativas que, segundo Couceiro (1996), “efetua-se através da elaboração e atribuição de sentido às experiências de vida consideradas como formadoras das identidades, da subjetividade e das competências do seu autor” (p.151).

“As narrativas são uma estrutura que inclui informações e factos relatados” e “revelam um modelo de reconstituição da lógica interna dos processos” (Flick, 2002, p.105).

Depois de recolhidas todas as informações nas entrevistas, da sua análise de conteúdo e da leitura e pesquisa que permitiu enquadrar todas as informações, a redação deste estudo tomou lugar, pois foi necessário um período de muita reflexão e dedicação para transpor para as folhas de papel todo o conhecimento obtido e adquirido nesta investigação em histórias de vidas de professoras do 1.º CEB.

Capítulo V - Histórias de Vidas de Professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste capítulo será dada a conhecer a história de vida, na 1.ª pessoa, da autora deste estudo, Cláudia Viegas, também professora do 1.º CEB, e das oito professoras do 1.º CEB participantes.

A análise e interpretação dessas histórias de vida está também presente na narrativa biográfica de cada uma das professoras, repartida em dois momentos:

- Síntese biográfica, que relata a vida das oito raparigas que decidiram ser professoras;
- A docência, que descreve a vida profissional das oito mulheres que optaram pela carreira docente no 1.º CEB.

1. - HISTÓRIAS DE VIDAS DE PROFESSORAS DO 1.º CEB: RELATO NA 1.ª PESSOA

1.1. - CLÁUDIA VIEGAS

O meu “eu” teve o seu início no dia 13 de setembro de 1976, em Faro. Nasci numa família grande e humilde e vivi a minha infância rodeada por muita gente e sempre com muitas crianças para brincar, os meus primos.

Gostava muito de brincar, mas também gostava muito de escrever, pois ainda não sabia escrever e já pensava que escrevia, enchia as linhas dos cadernos com “letras de mão dada” e sonhava com a máquina de escrever que via na televisão.

Em 1981, nasceu o meu irmão e como qualquer criança, senti que deixei de ser o centro da atenção dos meus pais adorados e passei a dividi-los com o meu novo irmão.

No ano letivo de 1982/1983 entrei para a 1.ª classe da Escola Primária, na Escola de S.Luís. Fiz a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classe sempre com a mesma turma e a mesma professora, a D.Alda, uma grande professora, pois trabalhava connosco com muito gosto. Tenho a certeza que ela era feliz connosco e nós soubemos retribuir essa felicidade. Adorei ser aluna na escola primária.

Fui uma criança feliz e queria crescer para ser secretária, pois uma secretária podia escrever à máquina todo o dia e esse era o meu sonho. Fui secretária muitas vezes nas minhas brincadeiras.

No ano letivo 1986/1987 entrei para o 5.º ano, fui para a Escola Preparatória D.Afonso III e aí também fiz o 6.º ano. A partir do ano letivo de 1988/1989 fui aluna da Escola Secundária Tomás Cabreira, e lá estudei do 7.º ao 12.º ano e tornei-me uma “costeleta”.

No ano letivo de 1991/1992 iniciei o 10.º ano do Curso Técnico-Profissional de Secretariado. Ia preparar-me para ser secretária, finalmente! Nessa altura os meus pais ofereceram-me uma máquina de escrever, que ainda guardo. Aquela era a minha máquina! Escrevi muito, passava tudo à máquina e a minha máquina de escrever foi um sonho tornado realidade.

Terminei o ensino secundário no ano letivo de 1993/1994 e ao longo desses anos de Secretariado aprendi muita coisa sobre o trabalho das secretárias, escrevi muito à máquina, inclusive com o teclado tapado, mas aquela magia aos poucos foi passando e acabou.

Agora que finalmente estava preparada, já não queria ser secretária e na verdade, esse sentimento foi diminuindo à medida que o curso ia decorrendo e outro tomava esse lugar, o ensino. Eu fui percebendo ao longo da minha adolescência que a magia estava na escola, nas letras, nos professores, nas crianças, e era isso que eu queria para mim. Eu queria ser professora.

Quando acabei o ensino secundário sabia que queria ser professora e que seria sempre uma secretária, pois teria sempre papéis para escrever e organizar e a minha máquina de escrever seria sempre a minha fiel companheira. Infelizmente, mais tarde foi substituída por um computador.

Nas férias de verão, depois do final do 12.º ano, outro momento muito marcante aconteceu na minha vida de adolescente de 17 anos, o meu querido e muito amado avô Zé morreu. Esse foi o verão das desilusões, pois primeiro fiquei sem o meu avô e depois não consegui ingressar na universidade. Aí sofri um choque de realidade, pois fui fazer a Prova Geral e as Provas Específicas e deparei-me com conteúdos que eu nunca tinha trabalhado no meu Curso de Secretariado e claro, o resultado foi um fracasso.

Como não consegui entrar para o ensino superior, fui trabalhar como Administrativa, estudei os conteúdos necessários para as provas e quando chegou o dia, lá fui eu fazer as provas, com a lembrança do fracasso.

Desta vez tudo foi diferente, estava bem preparada e tive bons resultados nas provas. Como consequência disso, consegui entrar no Curso de Professores do Ensino Básico, variante de Português-Inglês, na Escola Superior de Educação (ESE) da Universidade do Algarve, no ano letivo de 1995/1996.

Fiquei muito feliz e estudei com a certeza de que queria ser professora. Como o meu curso também tinha a variante de 1.º CEB, comecei o curso sentindo-me professora de Inglês e acabei sendo professora do 1.º ciclo de alma e coração. Hoje sei que esse é o meu

caminho, pois nunca fui professora de Inglês, por opção própria, nem nunca me refiro a isso, identifico-me sempre como professora do 1.º ciclo, com muito orgulho.

Aprendi muito nesses quatro anos e no ano letivo de 1998/1999 terminei o curso e dei início a uma nova fase da minha vida, trabalhar numa escola com a minha turma. O primeiro sentimento foi logo de dúvida, “Será que sou capaz?”. Sim, fui capaz, e por isso estou aqui hoje.

No meu primeiro ano de serviço, 1999/2000, o ano da mudança de século, fui colocada na EB1 da Cortelha, na Serra do Caldeirão. Foi um ano espetacular, mas difícil. Quando me apresentei fiquei assustada porque fui informada que iria ser professora numa escola unitária, com uma turma com os quatro anos de escolaridade. Sozinha, contornei a situação e aprendi a gerir o tempo e o trabalho dos quatro anos numa sala de aula. Tive muito trabalho, mas guardo a Cortelha e as suas gentes no meu coração.

Na Escola da Cortelha fiz de tudo, dava aulas, tratava de toda a burocracia (correspondência recebida e enviada, telefonemas, mapas, ...) e geria os almoços, ou seja, os alunos almoçavam na escola e a funcionária preparava a comida, mas as ementas e as compras eram feitas por mim. A escola não tinha arca congeladora, tinha apenas frigorífico, então eu tinha que ir às compras a Salir, ao supermercado que trabalhava com a escola sede, a EBI de Salir, trazia as compras e os produtos frescos, deixava na escola, e os congelados levava para a minha casa em Faro, e diariamente, de acordo com as ementas, ia levando para a escola para serem cozinhados. Também levava todos os dias o pão que comprava na padaria junto da minha casa. Eu ainda não tinha a minha casa para gerir, mas já geria uma “casa”, a minha escola, e os almoços dos meus alunos.

Quase no final do ano letivo consegui que a Junta de Freguesia nos oferecesse uma arca congeladora e a partir daí, quando ia às compras a Salir, voltava à escola para deixar tudo guardado, já não tinha que levar para casa.

Apesar de tudo, gostei muito do meu primeiro ano de serviço, pois aprendi muito. Adorei a Cortelha, o modo como me trataram e respeitaram, as paisagens da serra, o cheiro do campo e a paz que lá se vive.

Um episódio inesquecível aconteceu no final do ano letivo, quando realizámos uma visita de estudo à praia D.Ana, em Lagos, pois alguns dos alunos nunca tinham ido à praia. Quando lá chegámos um dos meus alunos, muito eufórico, pediu logo para ir para a água e lá foi ele a correr. Correu e saltou para a água, dando logo um “mergulho muito trapalhão” e gritou para mim: “Professora, a água é salgada!!!”. Aquele foi um momento de pura

inocência e de realidade para aquela criança, pois finalmente teve a oportunidade de ver o mar e de constatar que ele é salgado.

No ano letivo seguinte, 2000/2001, só fui colocada em dezembro, na última semana do 1.º período, na EB1 de S.Brás. Nesse ano conheci uma nova realidade, o trabalho com uma turma de um só ano, o 1.º ano. Gostei bastante dessa turma e recordo com gratidão a colega que eu fui substituir, pois ela encontrava-se de licença de maternidade e só regressou ao serviço quando garantiu a minha permanência na escola até final do ano letivo.

Em 2001/2002, voltei a ser colocada na EB1 da Cortelha e nesse ano tive o prazer de trabalhar com uma pessoa muito especial, a D.Piedade, a funcionária da escola, uma senhora com um coração de ouro. Esse foi mais um grande ano na Cortelha, com a serra como imagem de fundo. Novamente a Cortelha deixou marcas na minha vida, fui acarinhada, respeitada e muito bem tratada por todos.

Depois da Cortelha, fui colocada na EB1/JI de Albufeira n.º 2 (Caliços), novamente numa turma de 1.º ano. Gosto muito de trabalhar com o 1.º ano, por isso esse foi mais um ano de muito trabalho, mas também de muitos momentos gratificantes, pois não há alegria maior do que chegar ao fim do ano letivo e ver que aqueles “pinguinhos de chuva” (os meus alunos) já sabem ler e escrever.

Finalmente consegui ficar colocada em Faro, no ano letivo de 2003/2004 trabalhei na EB1 Faro n.º 2 (Carmo), novamente com uma turma de 1.º ano. Nessa turma havia três pares de gémeos e um desses pares, dois rapazinhos ciganos, dificultaram muito o meu trabalho, pois não frequentaram o Pré-Escolar e por isso aquele foi o primeiro momento de separação dos pais. Os dois choravam, gritavam e queriam fugir da sala de aula e eu ali, com uma sala cheia de alunos e aqueles dois a chorar e a gritar todo o dia sem parar. Foi muito difícil, mas depois de várias semanas de choro, acalmaram-se, mas continuaram sem querer trabalhar.

A próxima paragem foi em Almancil, na EB1 de Vale de Éguas, no ano letivo de 2004/2005 e este foi o único ano em que não guardei recordações positivas. A minha turma era de 1.º e 4.º ano e um dos alunos era muito problemático, não queria aprender e não deixava os outros aprenderem. Foi muito difícil trabalhar naquela escola onde tudo parecia estar contra mim.

Depois desse ano menos bom, consegui ser novamente colocada em Faro e nesse ano letivo deixei de ser Contratada e passei a ser Quadro de Zona Pedagógica (QZP). Fui trabalhar outra vez para a EB1 Faro n.º 2 (Carmo), no ano letivo de 2005/2006, com uma turma de 1.º ano.

No ano letivo seguinte, agora como QZP, fui colocada por três anos letivos, numa escola para a qual eu não tinha concorrido, a EB1 de Lagoa, e foi um desespero. Não queria ir trabalhar para tão longe e muito menos para uma escola que não constava da minha lista de preferências no concurso de colocações. Foi um erro de colocação, mas segundo o que o Ministério noticiava, não havia erros nos concursos de professores.

Quando me apresentei, contrariada, na escola de Lagoa fui informada que uma colega que tinha trabalhado lá também tinha sido mal colocada e estava em Faro, na EB1 Faro n.º 1 (S.Luís). Depois de alguns telefonemas e papéis, conseguimos autorização para uma permuta e já não estava em Lagoa, mas sim em Faro, na escola onde estudei e estagiei, a Escola de S.Luís.

No meu primeiro ano em S.Luís, ano letivo 2006/2007, tive uma turma de 4.º ano, onde quase todos os alunos eram repetentes. Foi um ano diferente de todos os outros, mas também muito especial. Esses alunos trabalhavam, aprendiam, divertiam-se e conversavam muito comigo, tornei-me amiga deles e por isso foi muito especial.

No final do ano letivo, durante a apresentação na festa de final de ano, fizeram-me uma grande surpresa. Quando terminaram a coreografia que preparámos, chamaram-me ao palco, leram-me uma poesia que escreveram e ofereceram-me um presente. Foi um momento muito especial, principalmente porque senti que ao longo do ano fui a professora deles, mas também aquela amiga que eles ouviam e que os tentou sempre ajudar.

Os dois anos seguintes nessa escola, também foram muito gratificantes. Comecei com uma turma de 1.º ano e fiquei com eles também no 2.º ano. Tive alunos muito especiais e comigo aprenderam a ler e a escrever e trabalharam muito.

Os pais reconheceram e valorizaram o meu trabalho e a prova disso foi a surpresa que me organizaram no final do ano letivo. No último dia de aulas pediram-me para estar no restaurante, às 20h, porque estariam à minha espera. Organizaram-me um jantar surpresa, de despedida. Estavam os meus alunos, os pais e os irmãos e eu senti uma alegria imensa. Ofereceram-me um ramo de flores lindo e agradeceram-me por todo o meu trabalho ao longo desses dois anos. Senti-me tão feliz, mas também tão triste, pois esse jantar era a despedida, tinham acabado os três anos da permuta nessa escola e o próximo ano letivo seria uma incerteza. Esses “pinguinhos de chuva” deixaram saudade.

Os três anos na Escola de S.Luís foram muito intensos e deixaram recordações muito marcantes. Gostei muito de trabalhar nessa escola porque tive alunos especiais e colegas muito presentes para mim.

Depois desses três anos gratificantes, tive outra felicidade, fui novamente colocada na Cortelha. Fiquei lá quatro anos letivos, de 2009 a 2013, sempre com uma turma de quatro anos de escolaridade, e nesse primeiro ano deixei de ser QZP e passei a ser Quadro de Agrupamento (QA).

Tentei sempre dar a conhecer novas realidades a estes alunos que vivem ali naquele paraíso. Criámos um blogue onde divulgávamos o nosso trabalho, realizámos muitos trabalhos recorrendo a diferentes técnicas e metodologias, escrevíamos para o Jornal de Salir, participávamos em concursos e conseguimos, nos últimos três anos letivos ser vencedores do concurso nacional de escrita “Uma Aventura...Literária”, da Editora Caminho. Fomos vencedores durante três anos consecutivos, fomos a Lisboa à cerimónia de entrega dos prémios, ficámos com a nossa foto e os nossos textos publicados nos livros “Uma Aventura”, mas principalmente fizemos ouvir o nome da Escola da Cortelha.

Adorei estar na Cortelha e trabalhar com aqueles alunos. A Escola da Cortelha é uma escola de vida e de emoções. Fui muito feliz naquela escola pequena, mas grande em tudo.

No fim destes quatro anos tive a oportunidade de lá continuar a trabalhar, pois era QA, mas já me sentia muito cansada, era uma turma de quatro anos de escolaridade e eram as horas de viagem diária pelas curvas da serra. Estava muito cansada, precisava mudar. Fui então colocada em Loulé, no ano letivo seguinte, 2013/2014, na EB1 de Vale de Rãs e fiquei com uma turma de 1.º ano. Essa era a turma dos alunos condicionais e tinha dezassete “pinguinhos de chuva” muito pequeninos, pois a grande maioria tinha 5 anos e com eles vivi uma nova experiência profissional, as permutas de lecionação

No ano seguinte, 2014/2015, fiquei novamente nessa escola, que em homenagem ao Diretor falecido, passou a chamar-se EB Professor Manuel Martins Alves. Nesse ano a minha turma sofreu alterações, pois fiquei com os meus “pinguinhos de chuva” no 2.º ano e com novos alunos no 3.º ano. Foi um ano muito intenso, pois o trabalho com uma turma de dois anos não é fácil, mas na verdade eu já tinha uma grande “bagagem”, os meus seis anos de trabalho na Cortelha, com turmas dos quatro anos de escolaridade, o que me fez aprender muito.

Já conto com dezassete anos de trabalho no 1.º CEB e digo sem hesitar que aquilo que mais gosto e me realiza é o trabalho com os alunos, tanto que até me faz esquecer tudo o resto, até os momentos menos bons. Foram muitas as aprendizagens e as mudanças (as transições biográficas), as alegrias, as escolas e as crianças com quem partilhei o meu sorriso e os meus conhecimentos e tudo isto permitiu a construção da minha identidade profissional.

Ano após ano o entusiasmo pelo trabalho preencheu o meu dia-a-dia, o tempo foi passando e apesar de continuar sempre a adquirir novos conhecimentos, com pesquisas, leituras e formações, finalmente chegou o momento de voltar a estudar. Já estou no final do 2.º ano do Mestrado de Ciências da Educação e da Formação, na mesma universidade onde estudei, a UAlg.

Os aspetos menos positivos do meu percurso têm sido os concursos de colocação de professores, o excessivo e repetitivo processo burocrático que rouba imenso tempo ao trabalho dos professores e a (má) influência que alguns pais conseguem ter no nosso trabalho, mas felizmente, a maior parte dos pais ainda acredita nos professores e nas suas capacidades.

Hoje tenho que agradecer por tudo o que já vivi na escola do 1.º ciclo com os meus alunos, colegas, pais, funcionárias, todos..., pois os momentos gratificantes, de aprendizagem, de partilha e de realização pessoal e profissional superam os momentos menos bons e até os maus que já tive de ultrapassar. Obrigada!

2 - HISTÓRIAS DE VIDAS DE PROFESSORAS DO 1.º CEB: PROFESSORAS PARTICIPANTES

2.1 - ANA JACINTO

2.1.1 - Síntese biográfica

A 19 de julho de 1974, em Lourenço Marques, Moçambique, nasceu a Ana Jacinto, a segunda filha de um casal de emigrantes portugueses.

Cinco meses depois, a família viu-se obrigada a emigrar novamente devido a todo o contexto social e político originado pelo 25 de abril de 1974, em Portugal, e mudaram-se para Joanesburgo, na África do Sul. Aí recomeçaram uma nova etapa das suas vidas, pois deixaram para trás a estabilidade, o emprego e os bens que possuíam.

A Ana viveu em Joanesburgo até aos doze anos e guarda boas memórias do tempo lá passado. A sua infância foi muito feliz, vivida com os amigos, os pais e o irmão. Sempre foi muito brincalhona, muito traquina e gostava muito de brincar.

A relação da Ana com o irmão “sempre foi de gato e cão, discutiam imenso, aquelas discussões que são normais naquela idade”, mas com os pais já era diferente, pois era “muitíssimo boa. Como menina do papá sempre teve uma relação mais próxima do pai, foi ele que a ensinou a nadar e era com ele que estudava. É diferente a relação entre um pai e uma filha e a relação de uma mãe e uma filha. Não menosprezando a mãe, a relação é diferente”.

A Ana recorda que “desde pequena que sonhava ser professora, sempre foi o seu sonho. Quando era pequena adorava brincar sozinha às escolas, era a profissão de sonho. Costumava brincar no quarto, sem bonecos, era mesmo só escola, com o planifório na parede e conversava sozinha, ia descobrindo países e surgiu assim o amor à profissão de professora”.

Aos 6 anos a Ana iniciou o seu percurso escolar e foi estudar para a escola inglesa *I H Harris*, onde o sistema educativo “funciona de maneira diferente, todos os anos têm uma professora diferente, no 1.º ano uma professora, no 2.º outra e assim sucessivamente”.

O primeiro dia de aulas “foi o dia mais feliz da sua vida”. A Ana “lembra-se de ter chegado à escola e a professora perguntar: “Então Ana, queres ir para casa ou ficar na escola?” e de lhe ter dito: “Não, não. Eu quero ficar na escola”. A escola era o seu mundo. Desde o início que havia esse fascínio pela escola.

Sendo filha de pais portugueses que faziam muita questão que os filhos também falassem a sua língua, de manhã estudava na escola e de tarde tinha aulas de Português.

“Na África do Sul, na altura, vivia-se o Apartheid, seriam os brancos para um lado e os negros para outro, não havia convívio, não havia mistura. Na escola que frequentava eram todos brancos, crianças brancas, professores brancos, só os funcionários é que eram negros e todos do sexo masculino, não havia ninguém do sexo feminino que limpasse a escola, mas sempre existiu um excelente relacionamento com eles, eles eram extremamente meiguinhos, muito atenciosos”.

Quando a Ana terminou o ensino primário, seguiu para o 5.º ano e continuou nessa mesma escola e esse foi o seu último ano em Joanesburgo.

A 27 de janeiro de 1987, a Ana, o irmão e os pais regressaram a Portugal e foram viver para Castro Verde. “Em Portugal realmente houve algum choque, algum choque de mentalidades”.

A Ana foi estudar para o Ciclo Preparatório de Castro Verde e entretanto já tinha perdido um período letivo do 6.º ano. Ela recorda que “foi um ano mais difícil na disciplina de Matemática, foi muito bem recebida, mas a Matemática... Uma das frases que ficou da professora de Matemática foi que ela não estava preparada para o 6.º ano”.

Ultrapassadas as dificuldades na Matemática, a Ana pôde viver o dia-a-dia com maior tranquilidade e as “lembranças da escola são espetaculares porque a escola sempre foi a sua vida” e “as amizades mais profundas que ficaram foram realmente as da escola preparatória”.

Depois de terminar o 7.º ano de escolaridade, os pais da Ana mudaram-se para Loulé e ela foi estudar para a Escola Secundária, até ao final do 12.º ano.

“Na adolescência, para além de se ter sempre dedicado aos estudos, foi uma pessoa que desde nova traçou objetivos na vida” e a Ana afirma que “sempre tracei objetivos, sei o que quero, sempre sonhei ser professora, não porque o meu pai quis ser e não foi, mas sempre foi uma paixão, para além de adorar crianças, sempre foi uma paixão ensinar, acho fascinante”.

Do ensino secundário a Ana recorda que era de uma turma extremamente competitiva e passou aí “uma fase mais complicada em que, por exemplo, vindo de uma família média, classe média, e convivendo com classes altas, em que para além de serem bons alunos, havia sempre aquela tendência da moda, talvez tenha sido essa a fase mais complicada”.

Ela conta que começa aí “o interesse pelas marcas, na altura toda a gente usava e ela não, e achava que para ser aceite pelos colegas tinha que ser excelente aluna porque em termos de roupa não podia competir com eles. Até que decidiu, aos catorze anos, que começaria a trabalhar no verão, o verão não seria ir para a praia, mas sim trabalhar” e assim conseguir comprar o que queria.

Com o final do 12.º ano chegou o momento da escolha de uma carreira e o ensino superior era uma meta a atingir. A escolha já estava feita desde criança, pois a Ana sempre soube que queria ser professora e por isso candidatou-se ao curso de Germânicas. De seguida veio a grande desilusão porque não conseguiu ingressar no ensino superior e a Ana confessa que “lembro-me de ter chorado porque achava que me tinham cortado todos os meus sonhos”.

No ano letivo seguinte, a Ana voltou a estudar e frequentou a disciplina de Latim e novamente concorreu ao ensino superior. Aí “já foi mais ponderada, achava que as Germânicas se calhar seriam bastante difíceis e decidiu, foi mais naquela de entrar para a universidade, tirar um curso superior e então escolheu Português/Inglês”.

Como ainda se sentia muito triste com a decepção do ano letivo anterior, pois o seu desejo eram as Germânicas, a alegria de ter conseguido entrar no curso de Português/Inglês não foi suficientemente forte para lhe alegrar e dar ânimo para iniciar mais uma nova fase da sua vida, por isso recorda que “quando soube que tinha ficado, tinha entrado na universidade, o entusiasmo foi tanto, tanto, que só foi para a universidade em outubro”.

Com o decorrer dos quatro anos do curso de Professores do Ensino Básico variante de Português/Inglês, na Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve, a Ana

conseguiu a alegria e a motivação e “confessa que acabou por gostar porque viu uma vertente prática”.

“O percurso no ensino superior foi bom, houve momentos muitíssimos bons, muito trabalho, sobretudo na prática letiva, na preparação, na organização, ...”

“Foram quatro anos para conhecer novos colegas, pessoas com quem nunca tinha trabalhado. Foi um percurso muitíssimo engraçado”.

Em 1998, a Ana termina o curso superior e dá início à sua carreira profissional, a docência, o seu sonho de criança.

2.1.2 - A docência

No ano letivo 1998/99 a Ana iniciou o seu percurso profissional no 1.º CEB na Escola Básica de S.Bartolomeu de Messines, pois “optou pelo 1.º ciclo dada a experiência um bocadinho conturbada no estágio no 2.º ciclo. Confessa que se sentiu como um peixinho fora de água, pensou: Realmente eu não sou bem-vinda. Eu acho que estas não são as turmas que farão parte dos meus sonhos”.

Ao longo dos 18 anos de carreira, a Ana trabalhou na Escola Básica de S.Bartolomeu de Messines (1998/99), na EB1 da Nave em Monchique (1999/00), na EB1 da Pedreira em Silves (2000/01), na EB n.º 2 de S.Brás de Alportel (2001/02), na EBI de Salir (2002/03), na EB1 de Alte (2003/04), no Apoio Educativo no Agrupamento de Salir (2004/05), na EB1 da Tôr durante sete anos (2005 até 2012) e nos últimos quatro anos em Loulé, na EB Professor Manuel Martins Alves. No ano letivo de 2002/03 a Ana conseguiu o vínculo na carreira do 1.º CEB.

Os sete anos vividos com os alunos na Tôr foram os mais significativos da carreira da Ana e recorda que “foram os melhores anos da sua carreira, não só pelos miúdos, também pelos pais, extremamente participativos, empenhados, preocupados, como pelas funcionárias, muito humanas, extremamente humanas, sempre prontas para ajudar. Foi uma das suas melhores passagens. Mais marcantes e mais felizes”.

A formação tem sido contínua, ao longo de toda a sua carreira, e a Ana tem o “cuidado de fazer todos os anos formação” porque “as formações têm enriquecido a sua prática”. As temáticas que prefere trabalhar nas formações relacionam-se com a área da Matemática.

As mudanças no trabalho do professor e na escola do 1.º CEB têm sido notadas pela Ana e ela reconhece que hoje “há muita papelada e o objetivo enquanto professora não é preencher documentos, o objetivo é ensinar os alunos, é conversar com eles. O programa

também está extremamente extenso, não é nada como era há dez, doze anos atrás, porque anda-se um pouco a impingir demasiada matéria que os miúdos têm que saber. Falta tempo para brincar com eles, para construir materiais com eles, para fazer trabalhos de grupo”.

“Seria bom mudar a política educativa porque o que é mais importante aqui é formar crianças que tenham conhecimentos, crianças como bons cidadãos, porque aqui não é só a parte curricular que interessa, mas também a formação pessoal do aluno”.

O professor do 1.º CEB não só ensina, como também transmite afetos, assegura a Ana, e lamenta que também seja o professor a incutir as regras de educação que deveriam ser transmitidas pelos pais. Todo esse esforço e trabalho não é valorizado porque “as pessoas acham que os professores estão constantemente de férias, não conhecem o outro lado da profissão. Muitas vezes as pessoas não têm a noção que quando se sai da escola, vai-se para casa e leva-se horas e horas a trabalhar, inclusive nos fins de semana”.

Apesar de reconhecer e identificar os aspetos menos positivos da carreira docente, a Ana afirma que “se sente realizada no 1.º ciclo, mas também já se sente um bocadinho cansada, o 1.º ciclo é gratificante, é extremamente gratificante, sobretudo um 1.º ano, em que ensinamos a ler, semeamos e vamos colher logo aquilo que semeamos, mas já se vai sentindo um bocadinho cansada, não pelos miúdos em si, mas pela burocracia toda envolvente”.

A Ana sente que, apesar dos obstáculos, também recebe muitas alegrias e deve “continuar a sonhar, o dia de amanhã será sempre melhor”. Ela valoriza demais o seu trabalho e por isso garante que “tem que fazer sempre o melhor pelos alunos”, apesar de olhar para o futuro do 1.º CEB com algum receio porque “imensas coisas têm que ser alteradas” e se essa mudança não acontecer, “não sei se o futuro será assim tão risonho”.

Ao longo destes anos, a Ana tem-se dedicado plenamente ao trabalho e hoje consegue conciliar a carreira com a vida pessoal porque “a vida de professor não é fácil, é um facto, mas quando se está nesta profissão por paixão, vale tudo”.

2.2 - ANTÓNIA

2.2.1 - Síntese biográfica

Em setembro de 1964 nasceu, em casa, a Antónia, a filha muito desejada e amada de um casal humilde e trabalhador. “Foi um parto muito atribulado porque a mãe sofreu imenso, foram quatro dias de sofrimento”.

Em S.João da Venda nasceu e viveu até aos dois anos de idade e depois mudou-se para Albufeira, onde acompanhou os pais para o local de trabalho, e mais tarde regressou para a sua casa em S.João da Venda.

A infância da Antónia foi feliz, ela “era muito traquina, muito teimosa, andava sempre a fazer patifarias”.

Não teve irmãos e não tinha crianças a morar perto de si e isso fez com que a Antónia se sentisse por vezes um pouco sozinha e sempre desejasse ter um irmão.

A Antónia recorda-se de “brincar com as bonecas, brincar às pedrinhas, brincar nos baloiços que o pai construía nas árvores que havia por ali à volta de casa” e de o domingo ser um dia diferente e “muito importante porque era dia de vestir roupa nova e de dar umas voltinhas na estrada e pouco mais”.

“Os seus pais foram sempre um modelo de luta. Aquele modelo que olhamos para eles e seguimos os seus conselhos e as suas regras porque vê-se que são certas, podem até não ser, mas para a Antónia foram sempre um modelo. Não é por acaso e à toa, que ela, em termos de horários é terrível, e exige isso dos seus alunos também. Aprendeu com a mãe e com o pai a respeitar horários, isto é um exemplo”.

A relação da Antónia com os pais envolveu sempre muito respeito e muito apoio, até mesmo nas tarefas escolares, pois aos 7 anos a Antónia entrou para a escola primária e era o pai que a ajudava com os trabalhos da escola, feitos à luz do candeeiro porque nessa altura ainda não tinha luz elétrica em casa.

A escola da Antónia, a escola primária de S.João da Venda, era “um edifício cedido por um senhor da região, considerado um comerciante rico, que deu o primeiro andar da casa onde vivia para lá funcionar a escola”.

Muitas são as memórias desses anos felizes de escola primária vividos antes do 25 de abril de 1974, entre elas “a famosa régua, as orelhas de burro nos colegas que às vezes ficavam na janela e as orelhas que às vezes caíam”, toda a exigência, a “pontualidade, as batinhas muito brancas, as carteiras inclinadas, os tinteiros que não podiam manchar as folhas de papel”, a limpeza da escola ao sábado, pois os alunos “iam ao poço buscar água e lavavam a sala toda”.

Com o final da 4.ª classe veio o exame e a Antónia, que sempre foi boa aluna, obteve 17 valores, e depois disso veio a despedida da escola primária e da professora Soledade, que tantas saudades deixou, “Soledade, quase que diz a palavra saudade”.

A Antónia contrariou um pouco aquilo que seria esperado, pois “na altura os meninos ficavam pela primária, não seguiam os estudos” e ela veio estudar para Faro, para a Escola Preparatória D.Afonso III.

“Tinha cerca de 10 anos quando entrou na Afonso III e cresceu imenso nesse ano porque ia sozinha, já ia sozinha para a escola primária, tinha que passar a passagem de nível, o caminho-de-ferro, que já era uma grande responsabilidade, depois ter que apanhar um autocarro para ir para Faro estudar, cerca de 10 km de distância, ir e vir, mais outra responsabilidade que a fez crescer imenso. Ela lembra-se até do revisor do autocarro lhe ensinar a pedir um bilhete porque ela não sabia.

A mãe só foi com ela no primeiro dia, aliás, dois dias, foi no dia da matrícula e no dia da apresentação e depois ela ficou por sua conta”.

Em 1976, quando a Antónia frequentava o 6.º ano, “o pai teve um grave acidente, fez uma fratura craniana. Ele esteve três dias em Faro, no hospital velho, e depois transferiram-no para o Hospital de Santa Maria, de helicóptero. Ele ficou lá internado um mês, em coma, e depois veio a recuperação, foi demasiado lenta e ela ficou praticamente entregue aos seus cuidados, sozinha, com 12 anos e então acabou por chumbar um ano.

Uns dias estava com uma tia, que não lhe ligava assim grande importância e depois passado algum tempo a mãe apercebeu-se e ficou com uma vizinha, mas faltava-lhe a mãe, faltava-lhe o pai e ela estava sozinha, entregue às suas próprias orientações”.

Como consequência de toda essa instabilidade e tristeza, a Antónia reprovou e por isso a mãe não queria que ela voltasse a estudar e dizia-lhe: “Chumbaste? Então acabou-se o estudo. Vais para a costura, tiras o curso de modista!”

Essa não era a vontade da Antónia, ela queria continuar a estudar e uma prima, vendo a sua tristeza, conseguiu convencer a mãe da Antónia e mesmo já fora do prazo, foi matriculá-la novamente no 6.º ano. Desta vez a Antónia tinha os seus objetivos bem definidos e hoje revela: “Só sei que nesse ano tirei cinco a tudo, a partir daí nunca mais tirei uma negativa. Eu jurei a mim própria: Isto já foi ultrapassado, o meu pai já está melhor e a partir deste momento eu tenho que lutar. Eu tenho um objetivo que é conseguir acabar todas as fases deste ensino, então eu vou conseguir”.

O espírito guerreiro e batalhador vem dessa fase da vida da Antónia, pois traçou os seus objetivos e conseguiu cumpri-los e refere que “nunca teve explicações, nunca teve ninguém que a ajudasse em coisa alguma e então a partir daí sempre batalhou e conseguiu por conta própria”.

Depois de terminar o ensino preparatório, a Antónia continuou a sua formação e foi estudar para a Escola Industrial e Comercial de Faro, posteriormente designada de Escola Secundária de Tomás Cabreira. Aí frequentou o 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º ano e no ano letivo seguinte matriculou-se em simultâneo, no ensino noturno do 12.º ano no Liceu João de Deus e no 1.º ano do curso do Magistério Primário, em Faro, apesar de o 12.º ano não ser obrigatório.

Esse “foi um ano doloroso no sentido de não ter tempo, podia ter feito muito melhor o Magistério, não tinha era tempo porque chegava todos os dias praticamente à meia-noite e levantava-se às sete da manhã, foi muito complicado. O pai ia buscá-la todos os dias à estação, menos à 6ª Feira, de bicicleta a motor. Às vezes o comboio atrasava-se e lá estava ele à espera da filha na estação”.

Esta etapa muito exigente da vida da Antónia foi vivida durante a sua adolescência e ela refere que “não tem assim grandes lembranças da adolescência e da juventude, nunca foi muito de namoricos, nem de sair fora da normalidade. Na altura o fumar já era uma anormalidade e nunca se despertou muito para esse tipo de coisas”.

Os três anos passados no Magistério Primário, no curso de Professora Primária, deixaram “bastantes boas recordações, quer de relacionamento com os colegas do grupo, quer com os professores, quer com as crianças”.

A Antónia recorda que “no estágio, no último dia de estágio, chorou, chorou, chorou, não parava de chorar. O professor disse: “Ó rapariga, estás a chorar tanto, não vale a pena! Vais ter que chorar muito pela tua vida”, e bem dito, bem feito”.

Outra lembrança desses três anos no Magistério é a avaliação, ou seja, “na altura havia um limite estabelecido dentro da turma em que a média da turma não podia exceder treze e meio. As notas, dentro do grupo turma do Magistério, eram controladas com o nível da média da turma, não é como agora que se pode tirar dezoito ou dezanove, não há um limite para tirar nota”.

Quando é questionada sobre a justificação da escolha do Magistério Primário e da carreira docente, a Antónia refere que: “Às vezes tenho refletido sobre isso e chego à conclusão que não sei porque já passaram vinte e nove anos desde o início da minha carreira e quando eu fui para esta profissão a noção que eu tinha da vida, da realidade, não tem nada a ver com a noção que tenho hoje. Se calhar também fui um bocado empurrada pela família porque nós na altura com 17, 18 aninhos não temos muito a noção daquilo que queremos ser”.

A Antónia hoje reconhece que: “Acabei o curso do Magistério Primário, e nesta altura, como professora eu penso que, no fundo, se calhar era aquele sonho que eu tinha e que não estava ali bem delineado, porque é isto que eu quero. Eu sempre gostei muito de pediatria ou de outra área assim relacionada com crianças”.

2.2.2 - A docência

No ano letivo de 1986/87 a Antónia iniciou o seu percurso na carreira docente no 1.º CEB e trabalhou na Escola da Funchosa, em Castro Marim, durante o dia com as crianças e durante a noite no Ensino de Adultos. Nesse ano, em agosto de 1987, a Antónia casou e desde então tem contado sempre com o apoio do marido.

Nos anos letivos seguintes, a Antónia trabalhou na EB1 de Almancil (1987/88), na EB1 de Corte Peral, em S.Marcos da Serra, e na EB1 da Estação (1988/89) e nesse ano letivo nasceu o seu primeiro filho. Lecionou também na EB1 da Patã em Boliqueime (1889/90), na EB1 Vale Carro na Patã de Baixo (1990/91), novamente na EB1 de Almancil (1991/92 e 1992/93) e em janeiro de 1992 nasceu o seu segundo filho. No ano letivo seguinte lecionou na EB1 São Lourenço em Loulé (1993/94) e em dezembro de 1993, nasceu o seu terceiro filho. Nos nove anos letivos seguintes lecionou na EB1 do Serradinho, em Loulé, e depois na EB1 n.º 3 de Loulé durante oito anos. No ano letivo de 2011/12 iniciou o seu trabalho na EB1 de Vale de Rãs, em Loulé, e lá continua até hoje.

Durante todo este percurso completou a sua formação inicial, pois em 2001 frequentou o curso de Complemento de Formação, com equivalência à Licenciatura, e em 2003 a Pós Graduação. Frequentou também “ações de formação contínua porque é importante estar sempre atualizado e em formação”, pois “há muita coisa para aprender sempre. Aprende-se imenso nas formações e também com os colegas, quando há partilha”.

Estes têm sido anos de trabalho, de empenho, de formação contínua e de muitos bons momentos vividos com os alunos e com os colegas e o ano letivo de 2006/07 foi um ano inesquecível. A Antónia relata que “teve várias tarefas e dava conta de tudo. Tinha a coordenação da escola n.º 3, tinha estágio com o Prof. Joca como orientador, e também foi um estágio que correu lindamente. Foi o ano que fica na memória. Foi com muito trabalho e com muita alegria. Não se olhava nem sequer a horários, trabalhava-se com gosto. Foi muito positivo mesmo!”

Alguns alunos também foram inesquecíveis e a Antónia recorda “uma menina e um menino pelo seu lado de revolta e de angústia e depois, no seu papel de descobrir o que se

passava com essas crianças, de questionar, chegou à conclusão que por detrás daqueles comportamentos existia muita dor. Estes vão ficar sempre na memória”.

Ao longo destes 30 anos de carreira as mudanças na escola do 1.º CEB têm sido evidentes e a Antónia refere que “o professor antes era mais respeitado, hoje já não é tanto, quer pelo aluno, quer pelas famílias e até mesmo pelos políticos porque se pensassem um pouco nos professores também às vezes não agiam como agem, mas essencialmente pelas pessoas que nos circundam porque o professor está lá muito em baixo”.

Para além da mudança de atitude e valorização da carreira docente, também seria necessário mudar “a burocracia. Há muito papel para preencher. Passa-se o tempo todo a preencher papéis quando o fundamental não é isso”, por isso em relação às expectativas para o futuro, a Antónia pensa que “isto vai melhorar, mas cá dentro pensa que melhoras não tem. A tendência é piorar”.

Apesar de sentir por vezes “algum desânimo”, a Antónia é uma professora que se sente realizada profissionalmente e que “foi amadurecendo a sua profissão, a sua relação com a profissão e chegou à conclusão que era aquilo mesmo que queria e por isso esses momentos (de arrependimento) quase nunca existiram até hoje”.

A carreira e a família têm andado sempre lado a lado e o apoio do marido tem sido incondicional porque a Antónia enfrentou momentos muito difíceis e conseguiu sempre reunir forças, pois o seu lado de guerreira conseguiu ser mais forte e superar essas adversidades.

O falecimento do pai foi muito marcante na vida da Antónia, que com cinquenta anos partiu, o que provocou uma enorme tristeza, ainda hoje sentida. “Em relação à mãe, desleixou-se nesse momento, acho que deixou de ter vida própria” e a Antónia confia que “quando o pai faleceu ficou com mais um filho, a sua mãe. Ela deixou de trabalhar, deixou de ter a sua própria autonomia, então a Antónia ficou com mais um filho aos 24 anos, portanto o apoio foi pouco a partir daí...”

A Antónia enfrentou dificuldades, tristezas e muita dor, teve que superar a morte do pai, apoiar a mãe, educar os seus três filhos, enfrentar os problemas de saúde de um dos filhos, ser mãe, ser mulher e ser professora e “tem sido muito difícil nestes anos todos conciliar esta vida familiar muito ocupada com a carreira docente, uma vez que a carreira exige muito, exige demasiado”.

Apesar de tudo aquilo que hoje é o 1.º CEB, bem diferente do que era, das dificuldades, de todo o empenho e trabalho que esta profissão exige, a Antónia não se

limita a fazer apenas o seu trabalho, pois o seu espírito guerreiro e batalhador revela-se sempre e a Antónia faz mais do que isso, faz o seu melhor.

Com muita segurança e também felicidade, a Antónia reforça que “se o tempo voltasse para trás, escolhia novamente esta carreira. Não está arrependida”.

2.3 - CARLA MARQUES

2.3.1 - Síntese biográfica

A 2 de maio de 1974 nasceu o último bebé do “hospital velho de Portalegre que hoje está transformado na Santa Casa da Misericórdia” e esse bebé era a Carla Marques.

“As senhoras enfermeiras que estavam muito contentes a ver as manifestações pela televisão acharam que tinha qualquer coisa lá que não estava efetivamente, então a notícia que deram ao pai e às irmãs é que tinham ali um menino”, um Carlos, mas afinal era uma menina, uma Carla.

A Carla nasceu numa família humilde e trabalhadora, já com três filhas adolescentes, onde já não se esperava mais nenhuma criança. “A mãe foi ao médico, estava assim com uns sintomas muito estranhos e o médico achou que era uma menopausa precoce”, pois já tinha 45 anos, mas nove meses depois nasceu a Carla.

A sua infância foi feliz e ao contrário do que seria esperado, pois por ser a mais nova da família, seria a mais mimada, isso não aconteceu porque os pais tinham que trabalhar muito para que nada faltasse a nenhuma das filhas.

Apesar da Carla ter sido uma filha muito amada, foi a avó que sempre a mimou porque era quem tinha mais disponibilidade, por isso “ela é que a ia buscar à escola, dava-lhe o lanche e contava histórias”.

Aos 6 anos de idade a Carla entrou para a escola do Bairro dos Acentos e os quatro anos vividos na escola primária com os colegas e com as professoras foram muito bons. “As brincadeiras desde aí, foram sempre a ser professora de Inglês. Era professora de Inglês da irmã mais velha, era professora de Inglês da avó, era professora de Inglês de toda a gente”.

Ela não esquece um episódio muito marcante da sua entrada na escola, pois “na altura a mãe pediu encarecidamente à professora que tentasse contrariá-la, não queria que ela fosse canhota, então lembra-se da professora Angelina, pegar na sua mãozinha esquerda, colocá-la atrás das costas e atá-la à cadeira. Então esteve uma semana a tentar trabalhar com a mão direita”.

Uma memória muito feliz da 1.ª classe está relacionada com a Carla e com a mãe, pois ela recorda os momentos em que no final do dia se sentava à mesa para fazer os trabalhos de casa e a mãe acompanhava-a também com os seus trabalhos de casa, pois frequentava as aulas de alfabetização de adultos.

Com o final do 4.º ano, a Carla viveu um dos momentos difíceis da sua infância e guarda “uma recordação menos boa, a adaptação ao 5.º ano. Foi sozinha para aquela escola, os colegas ficaram todos na outra e foi muito complicado adaptar-se”.

Assim, sozinha, sem os seus amigos, a Carla foi estudar para a Escola Preparatória Cristóvão Falcão e aí frequentou o 5.º e o 6.º ano.

Nesse período a Carla voltou a viver outro momento muito difícil e recorda “uma colega que tinha, que era muito mais alta, que achava por bem andar sempre a atazanar, até que um dia ela mexeu na carteira da Carla. Então, achou por bem confrontá-la, e como era mais alta, a Carla teve que saltar para as costas dela e teve que fazer valer a sua posição para ela perceber. Deu-lhe uma mordidela e essa colega teve que levar três pontos, mas também nunca mais ninguém se meteu com a Carla. A partir daí foi muito feliz, no 2.º ciclo também”.

Depois de resolvida esta situação, a Carla voltou a sentir-se bem, os seus resultados escolares melhoraram e o sonho de ser professora retomou, pois com toda aquela angústia que vivia, já dizia que queria ser GNR, só para conseguir travar aquela colega.

Do 7.º ao 12.º ano a Carla estudou na Escola Secundária Mouzinho da Silveira e frequentou os cursos de Desporto e de Saúde.

Ela recorda que no 9.º ano “tinha uma professora que era psicóloga também, e fez muitos testes e no final do ano falou sobre as possíveis profissões que poderiam ter. A que foi logo a primeira, professora! Professora, educadora, atendimento ao público, serviço de balcão, ... Estava no bom caminho”.

O ensino secundário coincidiu com a fase da adolescência e a Carla refere que teve “uma adolescência em que viveu tudo o que tinha para viver nessa fase”.

No final do 12.º ano a Carla candidatou-se ao ensino superior, mas não conseguiu ingressar e por isso continuou a estudar para melhorar os seus resultados escolares. Esse “foi um ano engraçado porque o pai era vigia de fogos na Serra de S.Mamede e ela tinha que estudar, então durante o dia descansava e à noite, entre as onze da noite e a uma da manhã, estava acordada a vigiar fogos e a estudar para as provas específicas”.

No ano letivo seguinte, 1993/94, a Carla teve a alegria de conseguir ingressar no ensino superior e “quando concorreu entrou em dois lugares, em Évora no ensino de

Biologia e Geologia e em Portalegre, no curso de professora do ensino básico, variante de Matemática e Ciências”.

A escolha do curso foi muito ponderada, pois ”o gasto em termos monetários, financeiros, ia ser complicado e o que a levou a ficar e a tirar o curso de Matemática e Ciências foi precisamente isso”. A Carla reconhece que os seus pensamentos só recaiam sobre os seus pais e “para não os privar e não deixar passarem necessidades”, optou pelo curso de Professores do Ensino Básico, variante de Matemática e Ciências, na ESE de Portalegre.

O percurso da Carla no ensino superior foi muito bom e “aproveitou à brava”. Ela recorda que “cresceu muito aí porque, cidade de interior, sempre as mesmas pessoas e depois começa-se a contactar com pessoas de outros sítios e abre muito os horizontes”.

Quando a Carla terminou o curso superior ponderou e “achou que já chegava de estar em Portalegre e como ia começar a trabalhar e a ganhar o seu dinheiro, já não estava a sobrecarregar os pais, por isso foi para Coimbra”.

2.3.2 - A docência

A Carla iniciou a sua carreira docente, não no 1.º CEB, mas na Escola Básica Mediatizada (EBM) de Porto de Vacas, em Pampilhosa da Serra, Coimbra, no ano letivo de 1997/98.

Depois dessa passagem pela EBM, a Carla trabalhou sempre no 1.º CEB e reforça que “foi a escolha correta para a sua carreira profissional”.

Hoje, depois de 19 anos de carreira, a Carla confessa: “Acho que não sei fazer mais nada, acho que é isto que eu gosto. Acho não, tenho a certeza, é isto que eu quero, é isto que eu gosto! Para fazer é de princípio, por isso eu não estou na Matemática e nas Ciências, estou no 1.º ciclo”.

Ao longo de todos estes anos, a Carla trabalhou na EBM de Porto de Vacas, Pampilhosa da Serra, e na EB1 de Miranda do Corvo (1997/98), na escola de Casal de Ermio em Coimbra (1998/99), na escola de Ponta Garça nos Açores (1999/00), no Apoio Educativo da Educação Especial em Vila Franca do Campo nos Açores (2000/01), na escola de Casal de Ermio em Coimbra (2001/02), na escola de Martinho da Cortiça em Arganil (2002/03), no Apoio Educativo na escola da Boa Fé em Évora (2003/04), na escola da Comporta em Alcácer do Sal (2004/05), na escola de Convento Novo em Évora (2005/06), na escola de S.Mamede em Évora (2006/07), na EB1 das Hortas de St.º António

em Loulé (2007/08 e 2008/09), na EB1 n.º 2 de Loulé (2009/10 e 2010/11), na EB1 de Vale de Rãs de Loulé (de 2011/12 a 2013/14) e nos últimos dois anos letivos na EB1 n.º 4 de Loulé.

No ano letivo de 1998/99, a Carla conseguiu o vínculo na carreira do 1.º CEB, mas posteriormente mudou esse vínculo e no ano letivo de 2008/2009 entrou para o Quadro de Agrupamento do Agrupamento Padre João Coelho Cabanita, onde se encontra hoje a lecionar.

Os momentos felizes e gratificantes com os alunos têm sido constantes, mas um dos mais significativos também envolveu a professora primária da Carla. Ela nunca esqueceu a surpresa que a sua professora lhe fez na escola de Casal de Ermio, quando apareceu lá para visitar a sua ex-aluna e então professora, Carla Marques. Esse foi um momento muito especial para todos.

“Com os alunos acha que tem uma relação muito saudável, com os encarregados de educação, felizmente em dezanove anos de carreira, também tem sido saudável. Em relação aos colegas, é saudável também”.

A formação contínua também tem sido uma constante, no entanto a Carla reconhece que já não frequenta todo o tipo de formações como costumava, agora frequenta apenas aquelas que lhe “dizem alguma coisa”.

Essa não é a única mudança na carreira da Carla, pois ela também sente que a escola do 1.º CEB mudou e os alunos e encarregados de educação também, pois hoje “a escola serve para agradar os pais e para serem colocados os alunos às oito e meia da manhã e saírem muitas vezes às sete da noite”.

A Carla é uma professora do 1.º CEB dedicada e muito preocupada “com aqueles olhinhos que estão à sua frente” e admite: “Gosto do que faço e tenho muita pena de hoje em dia haver muita coisa para se fazer que não seja estar com os meninos e pensar neles. Acho que são os dois graves problemas, muita burocracia e sermos os últimos a saber das coisas. Na minha opinião o 1.º ciclo e, dito por muitos colegas, é o parente pobre da educação. Dito isto, não me parece que haja o devido reconhecimento, nem a devida valorização”.

Apesar de alguns momentos menos positivos já vividos, as alegrias têm sido superiores e por isso a Carla quer continuar a ver-se no futuro “com um sorriso, no 1.º ciclo temos mesmo que sorrir, só o facto de nós chegarmos, entrarmos na sala e virmos a sorrir, os miúdos já têm outro comportamento”.

A carreira tem sido uma prioridade na vida da Carla e os amigos e a família são o seu apoio. É com saudade que recorda os momentos vividos com os pais que sempre a apoiaram, apesar de revelar que “sentiu-se apoiada nas escolhas, sempre! Mais pelo pai, do que pela mãe”.

A Carla tem conseguido conciliar a carreira com a vida familiar, mas reconhece que houve uma fase da sua vida em que não conseguiu e isso refletiu-se num dos momentos mais difíceis da sua vida, o divórcio, em 2007, após três anos de um casamento feliz.

Hoje a Carla é uma professora feliz porque considera que ser professora é “muito especial porque desde pequenina que quis ser professora”.

A Carla é uma professora feliz e uma mulher feliz, e talvez tivesse sido também uma mãe carinhosa e muito feliz, pois ela sente que a maternidade “se fosse há uns cinco anos atrás era um sonho adiado, agora é um sonho impossível”.

2.4 - FRANCISCA MARTINS

2.4.1 - Síntese biográfica

Em Argenteuil, na França, há 44 anos atrás, no dia 9 de junho, nasceu uma menina muito desejada, a Francisca Martins, a única filha de um casal de emigrantes portugueses.

Desde aí, até à entrada para a escola primária, a Francisca viveu em constante movimento entre França e Portugal, pois ora estava com os pais na França, ora com os avós em Portugal, na aldeia do Zambujal, no interior algarvio.

Em França brincava com os primos e era uma menina bem comportada, mas em Portugal, junto dos avós, morava no campo e era uma menina livre, espontânea, cheia de energia, que corria, pulava e brincava o dia todo com os amigos, maioritariamente rapazes e “a condição era, antes da noite estar em casa”. Era uma criança muito feliz.

“Na altura, nos montes em redor, já era conhecida como Maria-Rapaz porque só fazia asneiras, porque as meninas não se comportavam daquela maneira, as meninas brincavam com bonecas e estavam num cantinho e ela fazia muita asneira”.

Aos seis anos a Francisca entrou para a Escola Primária do Zambujal e essa “foi uma fase muito engraçada”.

Ela reconhece que o gosto pela leitura vem desses tempos da escola primária, pois “a sala tinha um armário que era a biblioteca, era uma espécie de tesouro porque uma das professoras incutiu-lhe, ou pelo menos transmitiu-lhe, o gosto pela leitura e ela gostava

muito de ler e tinha grandes discussões com a avó, pelo menos até à chegada da luz à aldeia, porque ela dizia que estar a ler à luz do candeeiro a petróleo dava cabo dos olhos”.

A passagem das professoras estagiárias pela sua turma foi marcante, pois a Francisca recorda que “vinham moças novas de fora, com coisas novas, eles ali no meio do monte perdidos no espaço, estavam para aí a duas horas de autocarro de Loulé, estavam mesmo ali isolados e para apanhar o autocarro tinham que andar 7 km a pé. Apareceram com montes de coisas, papel de cenário, tintas, pintar com as mãos, aquelas coisas que não faziam, os passeios no campo”.

A Francisca admite que era uma aluna irrequieta, pouco atenta e que realizava os trabalhos com muita pressa só para ter a alegria de ser a primeira a terminar. Ela confia: “Eu estava sempre a pedir para ir à casa de banho e a professora começou a achar que eu exagerava e um dia disse-me: “Se tens assim tanta vontade, faz aí!”, e eu como tinha muita vontade, fiz. A senhora abriu os olhos e eu: “Mas você disse que se eu tivesse vontade, fizesse, e eu tinha”. Ela não acreditava e depois aquilo era assim, não havia sanitas, era assim uma coisa onde nós metíamos o pé e tinha um buraco e eu demorava um certo tempo porque tinha medo de cair lá para dentro e ninguém me encontrar no buraco. A partir daí nunca mais tive problemas com a casa de banho”.

Quando terminou a 4.ª classe, a Francisca foi para a Escola Preparatória de S.Bartolomeu de Messines e durante o seu 5.º e 6.º ano ficou a morar com um casal de amigos dos seus pais que “vendia máquinas de costura e máquinas de lãs e depois acolhia as meninas que compravam as máquinas para fazer um estágio, para ensinar”.

A adaptação ao 5.º ano não foi fácil porque a Francisca era uma menina livre, que brincava com os rapazes da aldeia do Zambujal e tinha a ilusão que ali, em S.Bartolomeu de Messines tudo seria igual, mas não, pois “se no campo brincava com os rapazes e era igual aos rapazes, quando chegou ali, a idade já era outra, já havia rapazes de 11, 12 anos, e já viam as raparigas noutra perspetiva e então ela não achava muita piada. Começou assim uma fase complicada, cada vez que lhe tocavam ou faziam uma brincadeira que não gostava, ela batia”.

Resolvida toda esta situação inicial, a Francisca conseguiu adaptar-se à nova realidade e frequentar as aulas com normalidade.

Nos dois anos letivos seguintes, a Francisca continuou os estudos em S.Bartolomeu de Messines, mas aí já morava com a mãe. Essa “foi uma época um bocadinho complicada porque nunca tinha vivido a tempo inteiro com a mãe e houve alguns conflitos, mas nada de anormal”.

Quando a Francisca terminou o 9.º ano de escolaridade, já o seu pai tinha regressado definitivamente da França, e aí deu início a uma nova fase da sua vida, a convivência diária com os pais. Essa também “foi uma parte complicada porque apesar de estarmos muito juntos, viver como uma família nunca tínhamos vivido e na altura a Francisca já tinha 14, 15 anos, tinha a sua perspetiva sobre as coisas e a mãe achava que tinha que ver como ela via”.

Todos estes momentos foram vividos durante a adolescência e a Francisca reconhece que “não foi uma adolescente rebelde, nem fez asneiras, mas viveu interiormente essa situação porque não considerava justa, porque a mãe também não lhe conseguia explicar”.

No 10.º e 11.º ano a Francisca estudou na Escola Secundária de Silves e esses “foram uns anos engraçados, foi para a área das Humanísticas, para a área de Jornalismo”.

Um dos momentos mais marcantes dessa etapa “foi ter que apanhar pela primeira vez um autocarro. Nunca tinha andado de autocarro sozinha e de repente, ter que ir para a paragem esperar pelo autocarro, aquilo foi assim: E agora? E se perco o autocarro? E se não consigo entrar? E se depois, à vinda para cá?”.

Aquilo entretanto resolveu-se porque nos primeiros tempos foi no autocarro da carreira, mas depois a câmara municipal pôs um autocarro para fazer o transporte dos alunos”.

No final do 11.º ano a Francisca foi fazer as provas de admissão para o Curso de Direito, da Universidade Católica, em Lisboa, e conseguiu entrar nesse curso. Assim, não frequentou o 12.º ano e começou a frequentar o Ano Zero do curso de Direito e ficou a morar sozinha em Lisboa.

A sua passagem pelo Direito durou apenas três anos letivos e no final do 2.º ano do curso a Francisca desistiu porque já não aguentava mais a insatisfação e essa “foi uma fase complicada da sua vida porque houve um momento em que fisicamente recusou mesmo, porque não gostava”.

Depois dessa desilusão, a Francisca continuou em Lisboa e frequentou o 12.º ano no Liceu Camões durante o dia e o curso semi-profissional de Relações Públicas, no IADE, durante a noite.

No final desse ano letivo a Francisca regressou ao Algarve e foi morar com os pais. Aí candidatou-se ao curso de Turismo do ensino superior, mas não conseguiu ingressar.

A Francisca não desistiu, continuou a estudar e também foi trabalhar como secretária para uma loja de decorações e quando voltou a candidatar-se ao ensino superior, entrou no

curso de Professores do 1.º CEB, no Pólo de Vila Real de Stº António, da Universidade do Algarve.

Assim, no ano letivo de 1994/95, a Francisca deu início ao novo percurso no ensino superior e esse “foi calmo, sem aquelas grandes loucuras”, pois segundo ela, “nessa idade, aos 23 anos, já é diferente de se ter 18 anos. Já as coisas foram feitas com mais calma, já havia mais empenho, e a notazita até foi porreira, à exceção das disciplinas de Matemática e Físico-Química que acabaram por descer as outras, mas a média de saída não... Até nem foi má de todo”.

Mais tarde a Francisca voltou ao ensino superior, quando em 2000/01 e 2001/02, frequentou o curso de Complemento de Formação, com equivalência à Licenciatura, em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade do Algarve e em 2002/2003 e 2003/04 frequentou o Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária da Universidade de Sevilha.

2.4.2 - A docência

No ano letivo de 1997/98 a Francisca deu início ao seu percurso profissional no 1.º CEB e reconhece que esta “profissão acabou por vir um pouco na sequência da desistência de outro curso, de ter que fazer uma opção”, mas hoje não se arrepende dessa escolha.

Ao longo da sua carreira a Francisca trabalhou em diferentes contextos, mas todos eles ligados à educação. Assim, quando terminou o curso foi convidada para trabalhar no Colégio Internacional de Vilamoura e lá ficou cinco anos (1997/98 a 2001/02), trabalhou três anos na EB1 Mãe Soberana em Loulé (2002/03 a 2004/05), trabalhou três anos como coordenadora do gabinete de Educação de Adultos da Direção Regional no concelho de Loulé, trabalhou um ano na Equipa de Intervenção Precoce do concelho de Loulé e São Brás de Alportel, regressou ao 1.º ciclo e trabalhou nestes últimos 7 anos, desde 2009/10, na escola EB1 n.º 4 de Loulé, onde ainda leciona.

Os momentos significativos têm marcado o seu percurso e todos eles envolvem os seus alunos, mas a Francisca recorda o receio e a ansiedade de lecionar o 1.º ano de escolaridade depois de ter ficado alguns anos afastada do 1.º ciclo, mas esse desafio foi superado com sucesso.

A relação da Francisca com os alunos, encarregados de educação e colegas tem sido muito positiva ao longo destes seus dezanove anos de carreira e a formação tem sido uma

preocupação, pois para além do Complemento de Formação e do Mestrado, a Francisca tem atualizado os seus conhecimentos e práticas frequentando ações de formação contínua.

Ao longo do seu percurso no 1.º ciclo, a Francisca tem sentido que as mudanças existentes não têm favorecido os alunos, nem os professores e “a importância e o reconhecimento que a profissão tinha, já não tem, principalmente, no que diz respeito aos “patrões”, por outro lado, ainda há muitos pais e encarregados de educação que revelam essa importância, especialmente, se os alunos se sentem bem nas turmas e se os resultados são positivos”.

Ser professora é o que faz com que a Francisca se sinta realizada profissionalmente, no entanto o que a desmotiva é “a burocracia, muitos papéis, muitas coisas que não servem para nada”, por isso ela “gostava de ter mais tempo para fazer as coisas com os alunos no próprio momento, fazer projetos, sem ter que ter papéis, ter em conta isto ou aquilo”.

A Francisca é uma professora muito dedicada ao trabalho e todo o seu percurso académico e profissional tem sido acompanhado pelos seus pais e ela reconhece que eles sempre a apoiaram e apoiam hoje em dia. Outro grande apoio tem sido o marido, pois em 1998 casaram e desde aí tem contado sempre com a sua ajuda e apoio.

A carreira, a família e o casamento têm sido os grandes motores do bem-estar e felicidade da Francisca e ela tem conseguido gerir tudo isso, mas a maternidade, em fevereiro de 2000, foi “um dos momentos do auge da sua vida”.

A Francisca é uma mãe muito feliz, uma mulher muito feliz e uma professora realizada, com muita vontade de continuar a fazer sempre o melhor para os seus alunos.

2.5 - ISABEL MARUM

2.5.1 - Síntese biográfica

No dia 27 de janeiro de 1972, nasceu a Isabel Marum, a segunda filha de um casal de comerciantes de Loulé, o primeiro filho tinha nascido sete anos antes e o terceiro filho viria a nascer sete anos depois.

A Isabel foi uma criança muito feliz que, logo desde os 4 anos, integrou o Rancho Folclórico Infantil de Loulé e a sua vida ficou marcada pelos amigos, convívios e saídas do rancho, que frequentou até aos 30 anos.

“A relação com os pais foi uma relação sempre de respeito, não muito próxima porque eles já tinham uma certa idade, tiveram filhos um bocadinho mais tarde, mas, brincavam, iam à praia, faziam passeios... Não aquela relação de os pais serem amigos, mas pais”.

Aos 6 anos a Isabel entrou para a Escola Primária do Serradinho, em Loulé, e essa foi uma etapa muito feliz da sua vida. Ela recorda a professora e o trabalho realizado, recorrendo a “métodos e didáticas muito modernas, ela já utilizava material de *cuisenaire*, já utilizava técnicas de cálculo diferentes com materiais... Apresentava materiais diferentes, era uma senhora muito para a frente. Uma professora muito moderna para a idade que tinha”.

Para além das boas recordações dos quatro anos na escola primária, a Isabel também recorda com muito carinho os dias lá passados depois de terminar a 4.ª classe, pois “quando acabou a escola primária, a professora começou uma nova turma e ela ainda foi ajudá-la a ensinar algumas coisas aos miúdos porque o 2.º ciclo começou mais tarde, estava em obras, e tiveram ali um interregno de alguns meses e então iam para a escola ajudar a professora”.

A etapa seguinte do percurso escolar da Isabel foi passada na Escola Duarte Pacheco e de lá também guarda boas recordações. Ela “foi uma menina muito bem educada, muito aplicada, não respondia aos professores, tentava sempre dar o seu melhor, daí não ter assim momentos muito negativos que se lembre”.

Com o final do ciclo preparatório, a Isabel frequentou a Escola Secundária de Loulé, onde ficou até ao final do 12.º ano.

Desses anos também guarda boas recordações e recorda as brincadeiras que os colegas de turma preparavam durante as aulas e que animavam a turma.

Esta etapa da vida da Isabel coincidiu com a fase da sua adolescência e a Isabel refere que “a juventude e adolescência, basicamente passava no rancho, frequentava o rancho, tinham os ensaios, tinham as saídas, naquela altura não havia muito mais atividades tirando isso. Depois também frequentava a catequese e tinha os encontros de catequese e basicamente era assim, era com os irmãos, com a família e com os amigos destas atividades”.

Com o final do 12.º ano veio o momento da escolha de um curso no ensino superior e ela “concorreu à primeira opção, ir para Coimbra para tirar ensino de Geografia, só que por décimas não conseguiu entrar”.

Ela não desistiu e no ano letivo seguinte estudou de noite, dava explicações de dia, e voltou a concorrer ao ensino superior, mas com outras preferências.

A Isabel “conseguiu entrar na primeira opção, nesse ano foi mesmo a primeira opção, que foi ensino primário na Escola Superior de Educação de Faro”.

Esse foi o curso escolhido em primeira opção pela Isabel, depois de ter desistido do sonho da Geografia, e hoje ela reconhece que “ser professora do 1.º ciclo é tudo aquilo que quis sempre ser” porque “tem as melhores recordações do ensino primário, tanto que hoje em dia é professora do 1.º ciclo devido a isso”.

Os três anos de frequência do curso superior “foram muito bem passados. Inicialmente não participava naquelas atividades académicas, tanto que fugiu da Semana Académica para não ser praxada”, mas “no final do 3.º ano, participava mais nas atividades da universidade, ia aos arraiais”.

Esse foi um período rico em novas experiências, pois para além das novas aprendizagens, a Isabel também teve “a hipótese de sair um bocadinho de casa, debaixo da alçada dos pais”.

Depois de terminar o curso a Isabel deu início ao seu percurso profissional enquanto docente.

2.5.2 - A docência

A carreira docente da Isabel, no 1.º CEB, teve o seu início no ano letivo de 1994/95 quando foi lecionar para Coselhas, em Coimbra. Depois disso trabalhou na escola de Vale Verde em Albufeira (1995/96), na Azilheira em S.Marcos da Serra (1996/97), na escola de Querença durante quatro anos (1997/98 a 2000/01) e desde aí tem lecionado sempre na EB1 n.º 4 de Loulé.

Ao longo deste percurso a Isabel completou a sua formação inicial, pois nos anos letivos de 2000/01 e 2001/02 frequentou o curso de Complemento de Formação, com equivalência à Licenciatura, da Universidade Aberta, e tem frequentado ações de formação contínua nas diversas áreas, mas é sobre o Estudo do Meio que recai a sua preferência.

Os momentos mais significativos do seu percurso foram vividos com os alunos e da escola da Azilheira guarda a memória “das dificuldades que muitos alunos passam, principalmente mais nestas zonas do interior, porque havia crianças que tinham muitas dificuldades económicas”.

Recorda que lá “todos comiam na escola e muitas vezes ela tinha que dar o seu almoço a três irmãos que tinham muitas dificuldades económicas. Era complicado, levava o almoço e até se sentia mal de eles não terem praticamente nada para comer, e então tinham que fazer uma espécie de partilha da refeição, mas era gratificante”.

Outra memória muito forte e feliz foi a surpresa, um jantar de final de ano, preparada pelos encarregados de educação. A Isabel admite que “quando chegou ao restaurante, começou a ver a mãe de um, a mãe de outro, ... E foi um choro pegado... Os miúdos estavam à sua espera, todos em fila, dois a dois, com uma flor na mão e, sempre que se lembra disso, vêm as lágrimas aos olhos. É nestes momentos que se vê que o trabalho é reconhecido e é gratificante”.

Essa foi uma das evidências do bom relacionamento da Isabel com todos na escola, alunos, encarregados de educação, colegas e funcionários.

O bem-estar nas turmas da Isabel tem sido constante, mas mesmo assim ela reconhece que as mudanças no 1.º CEB não têm sido muito positivas, pois “os programas são demasiado extensos, as turmas são demasiado grandes e não se consegue chegar aos alunos da mesma forma que se chegava há uns anos atrás”. Para além disso, os professores “têm vindo a perder estatuto, a perder a importância que tinham porque o professor do 1.º ciclo é muito importante na formação dos meninos e as próprias famílias têm passado um bocadinho para os professores do 1.º ciclo a competência de os educar em tudo, a nível de valores, e deixam um bocadinho de parte as funções que eles têm, então também se confunde um bocadinho as competências do professor”.

A Isabel é uma professora realizada e feliz por conseguir essa empatia com os seus alunos e afirma com segurança que nunca se arrependeu da escolha que fez para a sua carreira, pois reconhece que “adora aquilo que faz, gosta muito de ensinar. Não gosta de mexer em papéis e de ter que trabalhar com papéis, gosta muito de ensinar”.

A vida familiar e pessoal tem acompanhado todo este percurso profissional e de certa forma, os seus alunos e encarregados de educação, têm acompanhado todos esses momentos, pois em 2002 a Isabel casou e em 2004 nasceu o seu primeiro filho, que “nasceu prematuro e ela esteve quase nove meses sem dar aulas. Esteve de baixa e os encarregados de educação foram impecáveis porque sempre tentaram manter a ligação, saber como estava e ligavam”.

O nascimento do primeiro filho “foi uma situação muito complicada porque todos os dias o seu filho estava em perigo de vida e era viver um dia de cada vez, mas graças a Deus, ele tem 11 anos e está um excelente menino”.

Cinco anos depois, em 2009, nasceu o segundo filho da Isabel “de parto normal, não houve situação nenhuma complicada, muito pelo contrário, nasceu às 41 semanas, o rapaz não queira sair cá para fora”.

Hoje a Isabel é “uma mãe feliz porque os seus filhos dão-lhe muitas alegrias e porque ela tenta dar-lhes o melhor para estarem bem, porque se eles estão bem, ela está bem”.

A família e a carreira têm andado par a par e ao longo destes anos a Isabel tem conseguido conciliar ambas e viver momentos gratificantes.

A Isabel olha para o futuro com esperança e acredita que “a escola ainda vai ter grandes momentos” e por isso vai “dando o seu melhor e harmonizando as coisas com os pais, com os alunos, com as auxiliares, com os colegas porque é fundamental um bom ambiente onde quer que se esteja”.

2.6 - MARIA GONÇALVES

2.6.1 - Síntese biográfica

A Maria de Fátima Gonçalves nasceu em 1967, há 48 anos, em Olhão. Esta menina nasceu com uma insuficiência cardíaca que lhe condicionou muito os primeiros dez anos de vida, pois apesar de muito amada e mimada, teve uma infância muito controlada e não teve a oportunidade de brincar livremente, pular e correr como todas as crianças.

Apesar de não poder brincar na rua, nem se cansar nas suas aventuras de criança, brincou muito e conseguiu sentir-se feliz, pois tinha muitos livros e jogos que, para além de a divertirem, também fizeram com que ela se interessasse cada vez mais pela leitura.

Esse interesse e gosto pela leitura foi-lhe inculcado pelo pai que “lia muito, sempre leu muito e sempre comprou muitos livros, ela tinha 5 anos quando o pai a inscreveu no Círculo dos Leitores para ser ela a escolher os livros. Tudo quanto era livrinhos pequeninos que havia à venda que o pai via, comprava-lhe, quase todos os dias ela tinha um livrinho”.

Todo este carinho, cuidado e proteção fizeram com que a relação da Maria de Fátima com a irmã, três anos mais nova, se tornasse delicada, pois tal como ela confidencia: “Acho que a minha irmã sempre sentiu um pouquinho isso e o nosso relacionamento foi muito condicionado por isso”.

A relação com os pais foi sempre muito boa, em especial com o pai, pois a Maria de Fátima sempre se sentiu “a menina do pai” e “hoje pensa que o seu gosto pela leitura e o facto de ter estudado Literatura, e isso tudo, se deve a essa paixão que o pai tinha pelos livros”.

Durante estes primeiros anos de vida, os livros e a leitura foram o grande elo de ligação da Maria de Fátima com o pai e também com o avô e, como consequência disso, a Maria de Fátima aprendeu a ler antes da entrada para a escola primária. Ela “aprendeu a ler

muito cedo, aprendeu a ler com o avô em casa, como ela costuma dizer, pelo método mais natural possível, sentada no colo do avô a ouvir ler as notícias do jornal”.

Assim, aos 6 anos de idade, já a saber ler, a Maria de Fátima estava ansiosa para ir para a escola e como não havia vaga na escola pública, o pai matriculou-a na escola privada, no Externato Dr. João Lúcio, atualmente Colégio Bernardete Romeira, em Olhão.

Os quatro anos do ensino primário foram anos de muito empenho, rigor e trabalho, mas também de muita felicidade, pois a Maria de Fátima foi uma aluna muito dedicada e feliz, que recorda hoje com muito carinho a sua professora da 1.ª e 2.ª classe, a D.Rita, que muito admira.

As aulas no externato obedeciam a muitos formalismos e exigências e durante a 2.ª classe da Maria de Fátima, o país sofreu grandes mudanças políticas e sociais com o 25 de abril de 1974, mas nada se alterou no externato e a Maria de Fátima costuma dizer que “o 25 de abril não passou no colégio. Não se sentiu absolutamente nada, ficou tudo exatamente na mesma, as rotinas, o rigor, a exigência. Os meninos na altura eram muito bem preparados e havia o brio de ser do colégio”.

As lembranças são muito positivas, pois a Maria de Fátima “gostava muito daquilo, gostava muito dessa professora e como já sabia ler quando foi para a escola, a professora percebeu que tinha a vida facilitada. De repente a Maria de Fátima era uma espécie de ajudante da D.Rita, ia ajudar os outros meninos, andava atrás dela, basicamente, era ajudante de campo da D.Rita. Era preciso ir buscar alguma coisa, ela ia buscar, o que quer que fosse, ela ia fazer porque já estava um bocadinho mais adiantada, não só pela leitura, como pela componente escrita”.

A Maria de Fátima admite que “a ideia de ser professora vem daí, foi mesmo o princípio de tudo e foi uma boa referência”.

Com o final da 4.ª classe veio o exame final, pois “tinha que se fazer exame para se fazer a homologação da escola, dos quatro anos da escola primária”.

Depois de terminar o ensino primário a Maria de Fátima foi logo operada em agosto porque “foi perdendo muita capacidade respiratória ao longo dos anos e já foi assim muito no limite que acabou a 4.ª classe para poder ser operada”.

A operação cirúrgica ao coração foi realizada em Lisboa, e depois da operação a Maria de Fátima mudou-se para Almada, para casa dos tios, também padrinhos, para que continuasse com o acompanhamento médico necessário e aí ficou até ao final do ensino secundário.

Depois da recuperação, a Maria de Fátima frequentou o 5.º e o 6.º ano na Escola do Alfeite, em Almada, hoje designada de Escola Comandante Conceição e Silva. “Houve alguns episódios engraçados por ali, o tio não deixava passar nada em claro porque ele foi sempre muito exigente com as notas. Ele achava que a Maria de Fátima tinha capacidade para ter sempre mais e então habituou-se aos cincos. Ela tinha que ter cinco obrigatoriamente, se aparecesse uma nota mais fraquinha de teste, ele tinha logo que perceber onde ela tinha falhado, o que se passava”. Esses dois anos foram anos de “muito boas referências” porque a Maria de Fátima “teve experiências muito diversificadas”.

Nos anos seguintes, a Maria de Fátima frequentou o 7.º, 8.º e 9.º ano na Escola Secundária do Laranjeiro e o 10.º, 11.º e 12.º na Escola Secundária Anselmo de Andrade, em Almada, no curso de Letras e “toda a gente achava que, inclusive professores seus, deviam tentar convencê-la a seguir outro curso. Toda a gente achava que ela tinha potencialidades para outro tipo de curso, que não as Letras. Letras era para as meninas tolas, era pouco só Letras, mas ela gostava mesmo era das literaturas e das línguas, tinha muita facilidade nas línguas e portanto foi para Letras”.

Esses foram anos de muito empenho e dedicação, mas também de muitos momentos felizes e a Maria de Fátima “lembra-os com saudade, lembra-se como uma boa recordação desse tempo, lembra-se de aprender coisas e gostar de aprender”.

Foi durante esta fase feliz da sua vida, a adolescência, que as suas amigas começaram a chamar-lhe de Tisha e esse nome ficou até hoje, pois ninguém a conhece por Maria de Fátima, mas sim por Tisha.

Com o final do ensino secundário, veio a escolha da carreira e a Tisha idealizava o curso de Letras, Português/Francês, o antigo curso de Românicas, mas por muito pouco não conseguiu a média necessária para se candidatar a esse curso e então teve que enveredar por outro caminho e a escolha recaiu sobre o Magistério Primário. A dúvida seguinte seria a permanência em Almada, na casa dos tios, ou o regresso ao Algarve, à casa dos pais.

O número de vagas existentes para esse curso no Magistério em Lisboa e em Faro e as saudades da família, em especial do pai, foram decisivos e a Tisha candidatou-se e conseguiu ingressar no Magistério Primário em Faro, no ano letivo de 1985/86.

Durante três anos estudou no Magistério, mas as recordações que ficaram não foram muito gratificantes, pois para além dos aspetos positivos referentes à boa formação profissional que a Tisha adquiriu, as recordações menos felizes persistem. Ela recorda que

“em termos humanos, em termos sociais, era muito mau, era horrível. As pessoas tinham muito má formação em termos pessoais, sociais e morais”.

O Magistério “era muito elitista, era o nome da família ou o que a família fazia, o que a família tinha, isso condicionava um pouco a forma como as pessoas eram tratadas ali dentro. O tipo de valores morais a que se refere são esses. Era mau, era muito mau. As pessoas não eram aquilo que valiam”.

Outra memória pouco feliz é “também a questão da média nacional, pois condicionava a nota, não era a nota que as pessoas valiam, era aquilo que a média nacional sujeitava. A soma das notas todas da turma tinha que dar entre 13,4 e 13,6. Havia os meninos preferidos que tinham altas notas e depois tinha que haver notas muito baixas”.

Depois de terminado o curso do Magistério, a Tisha “não podia pensar que de repente acabava um curso e ia ficar em casa e na altura surgiu a oportunidade de trabalhar para a Direção de Finanças e então, acabou o curso, e era para trabalhar de imediato”. Em outubro, foi informada que tinha conseguido colocação, deixou as Finanças e deu início à sua carreira de docente.

2.6.2 - A docência

No ano letivo de 1988/89 a Tisha lecionou na EB1 de Loubite, em Silves. Esse foi um ano de grande descoberta e dedicação, e para além de todo o trabalho necessário com os seus alunos do 3.º e 4.º ano, também teve que se aplicar bastante porque “nesse ano teve uma criança com deficiência auditiva profunda, um miúdo que não ouvia nada, integrado nesse grupo. Não foi fácil, não havia educação especial, não havia nada, absolutamente nada”.

Nos anos letivos seguintes a Tisha lecionou na EB1 de Estoi (1988/89), na Escola do Bom João em Faro (1990/91), na EB1 de Vale de Carneiros (1991/92), na EB1 de Marim 1 (1992/93), novamente na EB1 de Vale de Carneiros (1993/94), na EB1 de Ferreiras (1994/95) e na EB1 de Cerro do Ouro (1995/96 e 1996/97).

Nos três anos seguintes a Tisha interrompeu o seu trabalho direto com os alunos e trabalhou na Direção Regional de Educação do Algarve e nesse primeiro ano (1998) nasceu o seu filho.

No ano letivo de 2000/01 a Tisha retomou o trabalho na escola e lecionou na EB1 de S.Luís em Faro, onde ainda hoje leciona, mas no ano letivo de 2006/07 “acumulou, até à presente data, funções de Juíza Social no Tribunal de Família e Menores de Faro”.

Em 2012/13 interrompeu novamente o trabalho na escola e trabalhou como Técnica Superior no Setor de Assessoria Técnica a Tribunais, no Centro Distrital de Segurança Social de Faro, tendo regressado à escola no ano letivo seguinte.

Ao longo destes seus vinte e oito anos de carreira, a formação contínua tem sido uma presença constante, pois para além do Complemento de Formação, com equivalência à Licenciatura (2002/03 e 2003/04), a Tisha tem feito formação desde o seu primeiro ano de serviço.

“No primeiro ano de serviço foi uma formação à distância porque era por telefone, com uma colega muito disponível, porque a Tisha pertence a uma associação de professores que promove formação auto-cooperada, as pessoas dessa associação formam-se entre si, entre pares, e quem tem um bocadinho mais de experiência vai passando aos mais novos e assim sucessivamente, e mesmo quem tem experiência entre si também troca as suas experiências e isso sempre foi uma mais-valia. Toda a formação, a grande marca formativa na sua carreira, é de facto, a do Movimento da Escola Moderna”.

Para além de formanda das suas aprendizagens, a Tisha também é formadora de professores e tem “estatuto de formadora desde 1999 e ainda não tinha a licenciatura, foi-lhe atribuído o estatuto de formadora com base numa situação que se chamava na época de “Currículo Relevante”. Ela já teria feito coisas e produzido material suficiente para que o conselho científico a autorizasse ou concedesse o estatuto de formadora e isso aconteceu desde 1999, e depois foi progredindo e acrescentando ao estatuto aquilo que ia acontecendo à medida da sua carreira”.

Todos estes anos de trabalho direto e indireto na escola, com os colegas e com os alunos, foram anos de muitas aprendizagens, dedicação e recordações, algumas felizes e outras menos positivas.

Os momentos mais significativos da carreira da Tisha foram vividos com os alunos e há uma turma que se destacou de todas as outras, pois a Tisha refere que “a melhor turma que teve até hoje foi a turma de Estoi, sem dúvida. Eram 16 alunos de 3.º ano e eram uma turma muito boa, muito boa no sentido em que eram meninos com alguma preparação de 1.º e 2.º, portanto já sabiam todos ler, não há, sei que não existem, mas era o mais homogéneo que se pode conseguir em termos de grupo de alunos. Foi possível fazer coisas giras com esses alunos, inclusivamente há uma miúda dessa altura que de vez em quando lhe vai dando conta daquilo que faz”.

A relação com os alunos, encarregados de educação, colegas e funcionárias tem sido sempre positiva e a Tisha admite que isso acontece porque todos já a conhecem e dessa forma é mais fácil trabalhar.

É com pena e tristeza que a Tisha refere que a escola de hoje já não é aquela que lhe fazia vibrar e sentir-se realmente feliz, pois “não é tão gratificante como era ou como sempre foi, neste momento ela sente que é muito menos gratificante do que alguma vez foi porque tem mais consciência da realidade. Antes era imatura. Tinha alguma rebeldia, acontecia, pintava, enfim...Hoje em dia consegue refletir mais e entristece-a”.

A Tisha sente que o trabalho do professor do 1.º CEB não é valorizado nem reconhecido, pois “as pessoas ainda, e ela acha que a culpa é dos professores também, sobretudo dos professores do 1.º ciclo, não se valorizam o suficiente. Ainda há pessoas que pensam que o professor do 1.º ciclo é menos do que os outros porque trabalha com os meninos da escola primária, porque os meninos da escola primária toda a gente acha que sabe ensinar e toda a gente dá palpites. As pessoas não têm respeito pelos professores”.

Ao ser questionada sobre como se sente hoje enquanto professora do 1.º ciclo, a Tisha responde: “Muito pouco professora. Muito genericamente, muito pouco em relação àquilo que eu gostaria de ser, àquilo que eu acho que deve ser um professor do 1.º ciclo. Acho que a escola está a dar mais obstáculos do que facilitadores à vida de um professor e está a rebentar-se completamente com a escola pública, dramaticamente”.

Devido a todas estas mudanças negativas, que segundo a Tisha, têm vindo a desvalorizar e entristecer o trabalho do professor do 1.º CEB, as expectativas futuras “não são boas”, no entanto a Tisha não desiste e consegue renovar as suas forças com os momentos que passa com os seus alunos e afirma que “vai continuar a fazer o que sempre fez porque é o que sabe fazer melhor”.

A sua carreira está repleta de grandes momentos, mas as decepções sentidas nos últimos anos têm sido muito marcantes, razão pela qual a Tisha se refere a elas com tristeza e mágoa, mas aquela vontade de ensinar e de ser um exemplo, tal como a D.Rita foi para ela, ainda ali permanece e ainda se vê o brilho no seu olhar ao relatar momentos felizes vividos com os alunos.

A família e o marido têm sido o grande suporte da Tisha ao longo de todos estes anos de carreira, pois tem contado sempre com esse apoio, no entanto, não tem sido fácil conciliar a carreira profissional com a vida pessoal e houve momentos em que foi necessário optar, e a família, principalmente o seu filho, foram e serão sempre a sua maior prioridade.

A maternidade foi um momento muito difícil na vida da Tisha, pois o seu filho “foi muito complicado para nascer e ela foi em coma para Lisboa”.

Desde o nascimento, o seu filho tem enfrentado alguns problemas de saúde e a Tisha confia que: “É engraçado porque em Lisboa, nas consultas, os médicos reconheciam-no e estavam sempre a dizer isso: “Ele está bem porque tem pais fabulosos”. O meu filho sempre esteve à frente de tudo na minha vida desde que nasceu e é a primeira prioridade”.

A Tisha é uma mãe muito presente e dedicada e uma professora, desiludida, mas ativa e empenhada que, apesar de tudo, admite que: “Ainda vou continuar por aqui enquanto puder” porque “ainda tenho o tal sentido de missão que não me faz fazer outra coisa qualquer, não me deixa fazer outra coisa qualquer”.

2.7 - NATÁLIA

2.7.1 - Síntese biográfica

Há 41 anos atrás, em Faro, nasceu a Natália e é na Mesquita, em São Brás de Alportel, que tem vivido, sempre junto dos seus pais. Ela foi a filha muito desejada de um casal de pais jovens que, desde o dia em que a filha nasceu, dedicaram-lhe as suas vidas.

A Natália não teve irmãos, é filha única, e é uma filha muito amada e apoiada pelos pais em todos os momentos da sua vida.

A sua infância foi muito feliz e as suas brincadeiras foram sempre marcadas pela liberdade e alegria de quem vive no campo e pode correr e pular sem medos ou inseguranças. Os seus amigos, o seu tio, nove anos mais velho, e o pai foram os companheiros de brincadeiras e de aventuras.

Para além das brincadeiras, a Natália também gostava muito de ficar a observar as outras crianças que brincavam na escola junto da sua casa. A escola era o centro de muita curiosidade e interesse e por vezes ela chegou mesmo a sair de casa e ir para a escola. A professora primária deixava-a entrar e permitia que a Natália ficasse “sentada a um cantinho a ouvir as matérias”. Esses eram momentos de grande interesse e por isso a Natália foi aumentando a sua vontade de aprender e frequentar a escola.

Aos 5 anos, a Natália entrou para a 1.ª classe na Escola da Mesquita e aí a alegria foi ainda maior porque finalmente podia ir para a escola e aprender tudo aquilo a que ela assistia quando se refugiava no cantinho da sala de aula.

Os quatro anos de frequência da escola primária foram anos de muitas alegrias, aprendizagens e brincadeiras com os colegas. A Natália foi sempre uma aluna “muito atinadinha no trabalho”.

Depois de terminar a escola primária, a etapa seguinte da vida desta criança envolvia já uma grande responsabilidade, pois a Natália até então frequentava a escola junto de casa e sentia-se segura e agora teria que se deslocar, de autocarro, até S.Brás, para poder frequentar o 5.º ano no Externato de S.Brás de Alportel.

“A mudança para o ensino preparatório, para o 2.º ciclo, foi uma grande mudança” que para além de preocupar a Natália, também preocupava os seus pais, pois a mãe “até incumbiu logo uns meninos, os maiores lá da zona, para tomarem conta” da filha.

Depois do período de adaptação, o ensino preparatório deixou de ser a preocupação de todos e a Natália começou a viver o dia-a-dia com maior intensidade. Ficaram as lembranças desses anos no ensino preparatório e a Natália recorda as conversas com as amigas “sobre aqueles assuntos que às vezes em casa tinha uma certa vergonha de falar com os pais” e a descoberta “através de revistas, em que uma comprava uma revista uma semana, outra comprava na semana seguinte, e depois perguntavam às miúdas mais crescidas e era muito engraçado”.

A lembrança da professora Bernardete, a diretora, também é muito presente, pois quando “havia alguma hora livre, aquilo era uma alegria, só que tinham que se esconder porque se a professora Bernardete soubesse, andava à procura, metia-os dentro de uma sala e depois era ela que dava a aula. Então aquilo saía muito mal porque havia sempre umas palmadinhas a dar. Era engraçado que quando viam o carro da professora Bernardete chegar, aquilo era quem mais podia fugir para se esconder por tudo quanto era canto, só para ela não os apanhar”.

O ensino secundário foi vivido em plena adolescência e essa foi uma fase da vida da Natália “também muito normal, nunca foi para certas vicissitudes como via alguns adolescentes irem”. Continuou os seus estudos no Externato de S.Brás de Alportel até terminar o 11.º ano e veio frequentar o 12.º ano no Liceu João de Deus, em Faro, em regime noturno.

Com o final do ensino secundário veio o momento da escolha de um curso que a levaria a uma carreira futura, mas nesse momento passou pela desilusão de não conseguir ingressar no ensino superior.

A arquitetura era a sua preferência, no entanto a docência acabou por ser a sua escolha, pois “não era seu sonho ser professora do 1.º ciclo, quando tinha de responder

àquelas perguntas “O que queres ser quando fores grande?”, nunca tinha essa ideia de ser professora de 1.º ciclo, tinha outras ideias, no entanto, calhou”.

À medida que os três anos do seu curso de Professores de 1.º CEB, do Pólo de Vila Real de St.º António, da Universidade do Algarve, iam decorrendo, a Natália ia tomando conhecimento de uma realidade que a cativava cada vez mais e a vocação para a docência acabou por se revelar.

Hoje a Natália reflete sobre essa escolha e afirma: “Ainda bem que eu não fui para arquitetura!”

2.7.2 - A docência

Quando terminou o curso em 1997, a Natália começou a trabalhar em S.Bartolomeu de Messines, no Colégio João de Deus e esse seu primeiro ano de trabalho foi um ano cheio de novas experiências e emoções, pois para além de ter dado início à sua carreira, também deu início a uma nova fase da sua vida, a vida a dois. Com o apoio dos pais, a Natália conseguiu organizar a sua vida e casou com aquela pessoa que hoje continua a fazer-lhe feliz.

Não era fácil a deslocação até S.Bartolomeu de Messines, nem a metodologia de trabalho no Colégio João de Deus e tudo isso fez com que a Natália tomasse a decisão de rescindir o contrato. Logo em seguida concorreu aos Apoios Educativos, na Educação Especial, e em janeiro de 1998, a Natália começou a trabalhar na Escola D.Francisca de Aragão, em Quarteira.

No primeiro ano de serviço a Natália conseguiu logo o vínculo na carreira e a estabilidade que isso representava foi bastante significativa, pois já era casada e pretendia constituir família, o que veio a acontecer em 2001 e em 2004.

Ao longo do seu percurso de dezanove anos de carreira a Natália trabalhou em diversas escolas do 1.º CEB, como professora titular de turma e como professora de Apoios Educativos e a certeza da escolha correta para a sua carreira ficou cada vez mais reforçada.

A Natália lecionou no Colégio João de Deus em S.Bartolomeu de Messines (1997/98) e no Apoio Educativo na escola D.Francisca de Aragão de Quarteira (1997/98 e 1998/99), na escola do Monte Seco (1999/00), na Cortelha (2000/01), em S.Brás de Alportel (2001/02), regressou ao Apoio Educativo na escola D.Francisca de Aragão de Quarteira (2002/03), trabalhou novamente no Apoio Educativo em Estoi (2003/04) e em S.Brás

(2004/05) e depois disso trabalhou seis anos na escola da Goldra (de 2005/06 a 2010/11) e desde 2011/12, há cinco anos, na escola EB Professor Manuel Martins Alves, onde hoje se encontra.

Durante o seu percurso, a Natália também completou a formação inicial e, nos anos letivos de 2000/01 e 2001/02, frequentou o curso de Complemento de Formação, com equivalência à Licenciatura, na Escola Superior de Educação, da Universidade do Algarve.

A sua carreira tem sido pautada por momentos felizes com os seus alunos, mas também houve alguns menos positivos que acabaram por se revelar compensadores, pois alguns alunos foram muito difíceis, mas com o decorrer do ano letivo melhoraram no comportamento e nas aprendizagens.

Muitas são as memórias que guarda das suas vivências e experiências, entre elas o trabalho realizado na escola do Monte Seco, onde para além de lecionar também tinha que cuidar da limpeza, pois a Natália refere que “houve situações em que chegava à sala de aula e parecia uma piscina, então, antes dos meninos entrarem lá tinha que varrer a água da sala. Varria porque a tarefaira só ia lá na hora do almoço ou ao final da tarde para fazer a limpeza”.

Dessa escola também recorda que “era uma escola muito velha, os ratinhos andavam por cima do telhado, aquilo não era uma escola com estrutura de escola, era uma casa que era alugada para servir de escola e então, de vez em quando, os meninos diziam: “Professora, que barulho é este?” e ela respondia: “Pois, são os ratinhos, também querem aprender”.

Outra memória muito significativa e que a marcou bastante foi o reconhecimento de uma colega que substituiu a Natália quando esteve de licença de maternidade, pois “quando a colega fez a primeira reunião de pais, e isto é bonito de se ouvir de uma colega, disse aos pais que a turma estava muito bem trabalhada, que a professora anterior tinha feito um excelente trabalho. Isto ouvido de uma colega, vale muito, muito, muito... Eu achei uma altura mesmo bonita da minha carreira. Foram simples palavras, mas que nos marcam para sempre”.

A escola da Goldra também deixou muitas boas memórias e saudade, pois “foi um trabalho muito bonito. Havia um grande envolvimento da escola com a comunidade, com os pais e também com os vizinhos ali da escola, pessoas que não tinham ninguém, mas que gostavam de ir à escola”.

A Natália tem sido uma professora muito preocupada com os seus alunos e para além da aprendizagem, também o bem-estar e a felicidade deles são prioridade no seu trabalho.

O carinho que eles demonstram, mesmo depois de terminarem o 4.º ano é prova disso, pois ela refere que “muitos alunos ainda telefonam, ainda se lembram quando a professora do 1.º ciclo faz anos e telefonam, dão os parabéns, e pedem amizade no Facebook”.

Ao longo da sua carreira, a Natália também tem tido a preocupação de aperfeiçoar e melhorar as suas práticas e por isso tem “procurado atualizar os conhecimentos através de ações de formação, através de formações contínuas, fez os dois anos de PNEP, fez a formação contínua de Matemática, para além disso outras pequenas formações”.

As mudanças na escola do 1.º CEB têm sido evidentes e isso têm-se refletido no trabalho e na vida dos professores e a Natália reconhece que “cada vez mais a escola está a roubar muito tempo da vida familiar. Uma das grandes diferenças entre a escola de hoje e aquela dos primeiros tempos de carreira é que esta está a absorver-nos muito”.

A escola do 1.º CEB de hoje está diferente e a Natália recorda que “nos primeiros anos perdia tardes inteiras em casa a fazer material, mas material para os alunos, é essa a questão que falta agora. Fazia cartazes, recortava, fazia centenas de coisas”.

“Outra diferença que também se nota é que o currículo é muito intensivo e, por exemplo, meninos de 2.º ano estão a aprender coisas que antes aprendiam no ciclo, no 5.º ano, então a maturidade das crianças não chega a certos conteúdos, mas o professor tem que dar voltas e mais voltas para que realmente aquilo seja apreendido pelos meninos”.

A Natália reconhece que “cada vez há menos tempo para parar, refletir e pensar”, “há um grande stress” e “em termos de sistema educativo, a começar pelos governantes, o valor e reconhecimento, está muito aquém”, no entanto identifica-se “ainda como um pouco professor poeta”, pois acredita que os professores têm valor.

Depois de ter passado por diversas mudanças e inovações ao longo da sua carreira e de ter trabalhado em diferentes contextos sociais e educativos, a Natália reconhece que se tivesse esse poder “começaria por mudar os currículos, diminuiria o número de alunos por turma e mudaria coisas mais práticas”, mas entretanto só lhe resta “tentar fazer sempre o melhor que pode” e “ter esperança que as coisas ainda melhorem”.

Ser professora do 1.º CEB tem sido uma vocação e a Natália confessa que “nunca pensei ter jeito para isto. Gosto, gosto muito”.

A carreira tem sido acompanhada pelos momentos pessoais e familiares e a conciliação entre a carreira e a vida familiar tem sido possível porque a Natália tem contado sempre com o apoio incondicional dos pais e do marido “porque ser marido de professora não é para toda a gente”, pois “leva-se muito trabalho para casa, e às vezes

colocam-se as coisas de casa em segundo plano e se não se tem um marido compreensivo e que entenda, pode dar problemas”.

Os dois filhos da Natália, um menino de 11 anos e uma menina de 14 anos, têm acompanhado a sua carreira e “a partir do momento em que os filhos nascem, a vida transforma-se. A maternidade foi um momento muito feliz. Foi, não, continua a ser!”

Hoje a Natália é uma professora que, apesar de identificar alguns aspetos negativos na escola do 1.º CEB e que deverão mudar, sente-se realizada, é uma mulher feliz e uma mãe feliz porque, segundo ela, “como é feliz ao ser mãe, também é muito feliz ao ser professora”.

2.8 - TELMA GUERREIRO

2.8.1 - Síntese biográfica

A 26 de janeiro de 1975, nasceu a Telma Guerreiro, uma menina muito amada e mimada pelos pais e pelo irmão mais velho, que sempre a viu como “a menina dos seus olhos”.

A Telma foi “uma criança muito tímida, reservada, envergonhada, mas feliz” e o seu irmão foi e continua a ser “uma pessoa muito importante na sua vida. Brincaram muito, eram muito amigos, apesar de o irmão sempre ter um papel de pai. Até hoje assume um papel de pai, protege-a muito”.

A entrada para a escola primária do Serradinho foi um momento muito esperado e idealizado, mas depois veio a grande desilusão. A Telma recorda com tristeza os quatro anos em que frequentou o ensino primário, pois “lembra-se de chorar todos os dias, não querer ir à escola e ficar muito nervosa”.

Esses foram anos que deixaram más recordações e a Telma reconhece que “influenciaram muito a sua personalidade até quase aos dias de hoje pela negativa, no sentido de não conseguir falar muitas vezes em frente de um grande grupo, de ter que lidar com a timidez e alguma insegurança porque para enfrentar a professora tinham que ter muita coragem e se a resposta não fosse certa, vinha daí alguma coisa má. A professora era extremamente agressiva com os alunos, exigente e não respeitava o ritmo de trabalho de cada um, exigindo sempre o sucesso, que muitas vezes era difícil para alguns alunos conseguirem”.

Hoje a Telma reflete sobre o seu percurso no ensino primário e evidencia que “sofreram muito nas mãos daquela professora e é com alguma pena que diz isto porque gostava que tivesse sido diferente”.

Com o final da 4.ª classe, veio a mudança de escola e de professora, pois durante o ensino preparatório a Telma frequentou a Escola Engenheiro Duarte Pacheco, também em Loulé. Essa foi uma mudança positiva, “foi espetacular perceber que os professores não batiam, perceber que os professores ouviam os alunos e perceber que podia estar mais descontraída, foi muito bom, apesar de sentir que tinha dificuldades em falar, tinha dificuldades em ter confiança em si porque não estava habituada a fazê-lo”.

Mais tarde a Telma iniciou “o ensino secundário, com 13 anos, no liceu de Loulé, a Escola Secundária de Loulé, que lhe deixou recordações boas”. Ela foi sempre uma aluna “muito certinha” e “estudava, fazia as tarefas de estudante, cumpria com as obrigações, nunca deu problemas aos pais no sentido de irem à escola resolver alguma coisa e mantinha as notas sempre positivas dentro de um bom nível”.

Essa etapa foi vivida em plena adolescência e foi “vivenciada sempre de uma forma muito calma porque quando tinha 11 anos mudou de casa para o campo”. Ela “estava habituada a morar na cidade e quando mudou para o campo ficou com restrição em relação às amigas e às atividades porque não tinha ninguém que morava perto e ficava muitas vezes em casa isolada”.

“O irmão mais velho servia muitas vezes para poder aproveitar alguma coisa da adolescência, apesar de que ele controlava muito as suas saídas e amizades” no entanto, “o balanço foi positivo”.

Depois de terminado o ensino secundário chegou o momento da escolha da carreira profissional e por consequência, do curso superior a seguir, e a escolha recaiu sobre a docência, o curso de Professores do 1.º Ciclo.

A Telma não conseguiu ingressar no ensino público e foi estudar para o ensino privado, para o Instituto Superior de Ciências Educativas, em Odivelas, e “foi com muito orgulho que conseguiu bolsa de estudo que a ajudou a pagar o curso durante o período que lá esteve”.

“A formação inicial foi um bocado atribulada porque ela foi para tirar o curso de professora do 1.º ciclo e foi apanhada de surpresa quando na universidade privada onde estava, estava inscrita no Bacharel, e o Bacharel ia terminar e abriram Licenciaturas nas variantes e todas as pessoas mudaram. Ela ainda tentou outras variantes, mas aquela que

mais se adaptava seria Educação Física e assim foi. Mudou e foi algo que não estava à espera. Tirou então a variante de Educação Física para ficar com uma Licenciatura”.

Esses quatro anos passados em Odivelas, a viver a sua vida longe de casa e da proteção dos pais e do irmão foram muito importantes para a Telma, pois ela cresceu muito enquanto profissional e principalmente enquanto pessoa e por isso essa “foi uma época muito boa, vai recordá-la para sempre como uma das melhores épocas da sua vida”.

Hoje, dezanove anos decorridos desde o início do seu percurso profissional na carreira docente, a Telma reconhece que “nunca disse desde criança que gostava de ser professora, nunca teve assim decidido aquilo que queria ser. Foi um bocadinho o destino que a levou a ser professora, mas teve muita sorte em escolher esta profissão porque gosta muito daquilo que faz”.

2.8.2 - A docência

No ano letivo de 1997/98 a Telma iniciou o seu percurso profissional no 2.º CEB e lecionou Educação Física na EB 2,3 de Almancil, tal como no ano seguinte, na EB 2,3 de Ferreiras, e essa experiência “permitiu-lhe verificar que preferia fazer uma mudança, não era ali que estava bem, que se sentia realizada profissionalmente e mudou para o 1.º ciclo. Aí encontrou o seu percurso profissional até hoje. Portanto, sente-se mais realizada no 1.º ciclo, é isto que gosta de fazer”.

No ano letivo de 1999/00 iniciou o seu percurso no 1.º CEB e lecionou na EB1 de São Pedro do Mar, em Quarteira. No ano letivo seguinte (2000/01) trabalhou na EB1 n.º 4 de Loulé e esse foi um ano muito especial, pois em outubro casou. Desde aí continuou a trabalhar nessa escola, em Loulé, e é lá que ainda leciona.

Em todos estes anos de trabalho no 1.º CEB, as boas recordações de momentos vividos com os alunos têm sido constantes e “os mais marcantes são quando, por exemplo, se tem um aluno que inicialmente é um caso tão complicado que ninguém consegue resolver, quando se consegue dar a volta a esse aluno e ver que ele está a aprender e a comportar-se melhor e ver que mudou, isso é muito significativo. É o melhor que há!”

A relação da Telma com os alunos, encarregados de educação, colegas e funcionárias da escola tem sido sempre muito positiva porque tal como ela refere, “sempre se deu bem com todos, é uma pessoa muito dinâmica, gosta de organizar trabalho, normalmente arranja sempre parceria nesta dinâmica e mete toda a gente a trabalhar e saem sempre coisas giras”.

A formação ao longo do seu percurso tem sido sempre contínua porque um professor deve “manter-se em constante formação, para estar atualizado em conhecimentos pedagógicos, didáticos, científicos, porque se não o fizer corre o risco de ficar um docente desatualizado e isso é uma tristeza”, por isso “todos os anos ela tem referências de formações, seminários, encontros e ações de sensibilização”.

A Telma é uma professora empenhada e que se esforça por melhorar as suas práticas e conduzir os alunos ao sucesso, mas reconhece que “nos últimos anos têm ocorrido algumas mudanças que desmotivam para a profissão, toda a conjuntura social e económica em que estamos a viver. Isso afeta muito, até mesmo em termos sociais, o próprio reconhecimento do trabalho do professor do 1.º CEB pelos encarregados de educação, pela população no geral, que comentam e fazem comentários que desconhecem e isso deixa-a um bocado triste porque as pessoas falam um bocadinho daquilo que não sabem bem”.

O professor do 1.º CEB “merecia um pouco mais de reconhecimento porque o seu trabalho é muito importante, pois estão a formar cidadãos para o futuro”.

Apesar de reconhecer alguns aspetos menos positivos na sua profissão, a Telma é uma professora feliz e realizada e reconhece que: “Ser professora faz parte de mim, acho que nasci para ser professora e gosto muito daquilo que faço e a partir daí tenho vantagem em relação às outras pessoas que trabalham sem gostar”.

Por reconhecer a importância do seu trabalho e o valor dos seus alunos, a Telma tem muita esperança no futuro do 1.º CEB e dos seus professores e acredita que este será melhor e que “o ensino vai ser valorizado, que o papel do professor vai ser reconhecido, que lhe atribuam o respetivo valor e que o deixem trabalhar no seu melhor, naquilo que sabe fazer, mas que tem que ter algumas condições para o fazer”.

Todo este percurso e crescimento profissional tem sido acompanhado pelo seu crescimento pessoal e familiar, pois a Telma tem contado sempre com o apoio dos seus pais, do seu marido e com a alegria dos seus dois filhos. A Telma refere também que, apesar de não ser fácil e de ter um grande volume de trabalho, hoje consegue conciliar a vida familiar com a carreira profissional.

Por tudo isto, a Telma é uma professora realizada, que “gosta daquilo que faz” e é também uma mãe “muito feliz porque tem dois filhos espetaculares, uma menina e um menino, com alguma diferença de idade, mas que a completam e são a sua alegria”.

3 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS 8 HISTÓRIAS DE VIDA

Depois de realizadas as dezasseis entrevistas e as suas transcrições, foi necessário organizar, refletir, analisar e interpretar todas as informações recolhidas, de acordo com as categorias e subcategorias de análise. Foram então traçados os percursos de vida das oito participantes (Anexo VI), elaboradas as grelhas de análise do conteúdo das entrevistas (Anexo V) e os biogramas (Anexo VII) que, devido ao elevado número de informação que contêm, encontram-se em anexo no segundo volume.

Respeitando as categorias de análise do conteúdo das entrevistas foi possível realizar uma análise individual, refletindo e interpretando as oito histórias de vida, e uma análise conjunta e comparativa, onde foram encontrados aspetos em comum, apesar das diferentes trajetórias de vida, transições biográficas e experiências de cada uma das entrevistadas, estando resumidas no quadro seguinte e posteriormente explicitadas:

Quadro 6 - Análise comparativa das 8 histórias de vida

Categorias		Análise comparativa								
		Ana	Antónia	Carla	Francisca	Isabel	Maria	Natália	Telma	
Nascimento e infância		+	+	+	+	+	+	+	+	
Percurso escolar no ensino primário		+	+	+	+	+	+	+	•	
Percurso escolar no ensino preparatório		+/-	+/-	+/-	+/-	+	+	+/-	+	
Juventude/Adolescência		+	+	+	+	+	++	+	+	
Percurso escolar no ensino secundário		+	+	+	+	+	+	+	+	
Percurso escolar no ensino superior (cursos)	1.ª Escolha	Germânicas	Magistério Primário	Prof. Ens. Bás., v. Matemática e Ciências	Direito; Turismo	Geografia	Românicas	Arquitetura	Prof. 1.º CEB	
	Curso que frequentou	Prof. Ens. Bás., v. Português e Inglês			Direito; Prof. 1.º CEB	Prof. 1.º CEB	Magistério Primário	Prof. 1.º CEB		
Percurso escolar no ensino superior		+	+	+	+	+	•	+	+	
Escolha da carreira docente		Sonho	Acaso	Sonho	Acaso	Sonho	Sonho	Acaso	Acaso	
Primeiros anos de carreira docente (1.º Ano)	Idade	24	22	23	26	22	21	22	23	
	Onde	1.º CEB	1.º CEB	EBM	1.º CEB	1.º CEB	1.º CEB	1.º CEB	2.º CEB	
	1.º Ano	+	+	+	+	+	+	+	•	
Percurso profissional		Anos de carreira	18	30	19	19	21	28	19	19

Categorias		Análise comparativa							
		Ana	Antónia	Carla	Francisca	Isabel	Maria	Natália	Telma
	Percurso	Titular; Apoio	Titular; Educ. Adultos	EBM; Titular; Apoio	Titular; Educ. Adultos; Educ. <small>Precoce</small>	Titular; Apoio	Titular; DREA; Tribunal	Titular; Apoio	Titular
	Expetativas futuras	-*	-*	+	+	+	-*	+	+
	Relação com os pais	+	+	+	+	+	+	+	+
	Casamento		+	+	+	+	+	+	+
	Conciliar com a carreira	+/-*	+/-*	-	+	+	+/-*	+/-*	+
	Maternidade		+		+	+	+	+	+

Fonte: Elaboração própria

- + Feliz/positivo
- +* Feliz enquanto durou
- +/- Difícil no início
- +/-* Consegue, mas não é fácil
- Infeliz/negativo
- * Incerteza

▪ Nascimento e infância

O nascimento e a infância destas oito entrevistadas ficaram marcados por momentos de alegria e felicidade, sempre na companhia dos pais, irmãos, familiares e amigos. Todas, à exceção da Maria Gonçalves, correram, pularam e brincaram muito, tendo sido crianças muito felizes.

A infância da Maria Gonçalves foi muito condicionada, devido a um problema de saúde (problema cardíaco), mas isso não a impediu de ser feliz, não do mesmo modo que as outras crianças, mas feliz com o carinho e atenção de todos, com os jogos e principalmente com os livros.

▪ Percurso escolar no ensino primário

O interesse e a curiosidade pela escola e pela aprendizagem fez parte da infância de todas as entrevistadas, pois a grande vontade de ir para a escola foi comum a todas. No entanto, apenas sete das entrevistadas viveram momentos felizes de convívio e aprendizagem na escola primária, pois a Telma Guerreiro, recorda com tristeza e desilusão o mau ambiente vivido nesses quatro anos devido ao medo e tristeza que a professora lhes transmitia.

As professoras primárias foram uma grande referência para algumas das entrevistadas, pois a Antónia, a Carla Marques, a Isabel Marum e a Maria Gonçalves hoje ainda as recordam com muito carinho e saudade.

- Percurso escolar no ensino preparatório

O ensino preparatório foi um momento de mudança na vida das entrevistadas e para algumas delas foi mesmo muito significativo.

A Ana Jacinto recorda a mudança de país nesse momento da sua vida, pois morava na África do Sul, em Joanesburgo, e mudou-se para Portugal, Castro Verde, e aí teve que se adaptar a uma nova realidade e a uma nova cultura.

A Antónia recorda os momentos de preocupação e tristeza vividos nessa etapa da sua vida devido ao delicado estado de saúde do pai, vítima de acidente. Tudo isso refletiu-se nas suas aprendizagens e reprovou de ano. Esses foram momentos de muita angústia, mas também muito decisivos porque foram uma grande lição de vida. Ela ganhou forças, definiu objetivos para a sua vida e a partir daí, aquela criança frágil e desprotegida, tornou-se numa criança muito decidida e forte e as suas atitudes e os seus resultados escolares tornaram-se muito significativos.

A Carla Marques refere que a mudança de escola e o afastamento dos amigos marcaram o seu percurso no ensino preparatório. Não foi fácil integrar-se, pois para além de se sentir muito perdida e sozinha numa escola nova, ainda tinha uma colega que a perturbava.

O percurso escolar da Francisca Martins no ensino preparatório apesar de feliz, também foi marcante, pois esta foi uma etapa de mudança. Aquela criança que estava habituada a liderar, a brincar com os rapazes e a sentir-se igual a eles, deparou-se com outra realidade e apesar de ter sido um pouco difícil no início, a Francisca conseguiu moldar-se à nova realidade.

A Natália também associa esta etapa da sua vida à mudança e à responsabilidade, pois aquela menina que vivia perto da escola e sentia a segurança de ter sempre os pais por perto viu-se sozinha, numa escola grande, longe de casa e tinha que ir e voltar todos os dias de autocarro.

Apesar destes momentos de alguma tristeza e receio devido à grande mudança nas suas vidas, estas cinco entrevistadas, tal como as restantes, recordam que conseguiram ultrapassar todos os episódios menos positivos e usufruir desta etapa das suas vidas.

- Juventude/Adolescência

A juventude/adolescência foi uma etapa feliz, comum a todas as entrevistadas, no entanto algumas delas viveram esses momentos com maior intensidade.

- Percurso escolar no ensino secundário

O percurso destas oito entrevistadas no ensino secundário ficou marcado pelo esforço, empenho e dedicação aos estudos, apesar de terem frequentado cursos diferentes. Também os amigos representaram algo de muito significativo nas suas vidas, pois as amizades serviram de apoio e de partilha.

Foi também nesta etapa que algumas das entrevistadas passaram por algumas desilusões, pois a candidatura de acesso ao ensino superior não foi conseguida logo no terminar do ensino secundário por todas, a Ana Jacinto não ingressou no curso de Germânicas, a Isabel Marum no curso de Geografia, a Maria Gonçalves no curso de Românicas e a Natália em Arquitetura. Depois da tristeza e da desilusão veio a força e ainda um maior empenho para continuar a estudar e voltar a candidatar-se no ano letivo seguinte, mas com outras escolhas.

- Percurso escolar no ensino superior

A escolha do curso de entrada no ensino superior foi um momento muito marcante para as entrevistadas, pois proporcionou-lhes algumas tristezas iniciais, que mais tarde se transformaram em alegrias.

O percurso no ensino superior foi muito significativo para todas as entrevistadas, pois foram anos de novas aprendizagens, novas amizades e principalmente representaram o início da sua autonomia.

A Ana Jacinto frequentou o curso de Professores do Ensino Básico de Português e Inglês, a Antónia frequentou o Magistério Primário, tal como a Maria Gonçalves, a Carla Marques frequentou o curso de Professores do Ensino Básico de Matemática e Ciências, a Francisca começou por estudar Direito, mas mais tarde optou pelo curso de Professores do 1.º CEB, a Isabel Marum, a Natália e a Telma Guerreiro também frequentaram o curso de Professores do 1.º CEB.

Apenas a Maria Gonçalves recorda esta etapa da sua vida com desilusão porque sentiu que os seus professores e o próprio sistema não valorizavam o esforço e empenho dos alunos.

- Escolha da carreira docente

A escolha da carreira docente foi muito natural para quatro das entrevistadas, pois desde criança que sonhavam com essa profissão, como aconteceu com a Ana Jacinto, a Carla Marques, a Isabel Marum e a Maria Gonçalves.

As entrevistadas referem que a carreira docente, apesar de não ter sido o sonho de criança de todas, veio a ter um grande significado nas suas vidas, pois hoje sentem que essa foi a opção correta que tomaram na escolha das suas carreiras.

- Primeiros anos de carreira docente

Depois de concluídos os cursos superiores, chegou finalmente o momento de exercer e de se tornarem verdadeiramente professoras. Os primeiros anos de carreira foram muito significativos para estas professoras, no entanto nem todas iniciaram logo o seu percurso no 1.º CEB, pois a Carla Marques trabalhou numa EBM e a Telma Guerreiro no 2.º CEB.

Todas acabaram por optar pelo 1.º CEB porque aí sentiram-se realizadas e verdadeiramente úteis para desempenhar o seu papel de professoras.

- Percurso profissional

O percurso profissional destas oito professoras entrevistadas tem decorrido no 1.º CEB, no entanto houve algumas breves passagens pelo 2.º CEB, pela EBM, pelos Apoios Educativos, pelo Apoio na Educação Especial, pela Educação de Adultos, pela Educação Precoce, pelo Tribunal de Menores e pela Direção Regional de Educação.

Essas breves passagens serviram para reforçar o desejo e a vocação das entrevistadas pelo trabalho com as crianças no 1.º CEB, pois todas referem que apesar de já terem vivido alguns momentos menos positivos, os momentos gratificantes e positivos superaram todos os outros e é aí que se sentem realizadas.

Os momentos mais marcantes da carreira destas professoras foram vividos com os seus alunos, pois no 1.º CEB os afetos e as aprendizagens estão interligados e é possível proporcionar aos alunos momentos de verdadeira aprendizagem e felicidade.

A formação contínua também tem sido uma preocupação comum a todas as entrevistadas, pois têm frequentado ações de formação com o objetivo de aprimorar as suas práticas profissionais e consequentemente a sua carreira, o que vai ao encontro de Gonçalves (2009) quando afirma que a carreira docente é “um processo de formação permanente e de desenvolvimento pessoal e profissional” (p.24).

Todas as entrevistadas referem que o professor do 1.º CEB tem muito trabalho para realizar e para além do trabalho diário com os alunos, também os aspetos burocráticos têm invadido as salas de aula, e é com desilusão que todas referem que os “papéis” estão a roubar-lhes tempo útil de preparação de trabalho. Por tudo isto, não é fácil conciliar a carreira docente com a vida pessoal e familiar, mas estas professoras referem que com muito esforço e compreensão da família, principalmente dos maridos, tem sido possível.

- Ser professora do 1.º CEB

O conceito de professora do 1.º CEB é muito semelhante a todas as entrevistadas, pois todas referem que ser professora do 1.º CEB é estar disponível para dar tudo, como tempo, conhecimentos, alegrias, educação e muito afeto.

Hoje ser professora do 1.º CEB é diferente de há alguns anos atrás, tal como referem as entrevistadas, pois sentem que hoje é-lhes exigido cada vez mais, quando nem sempre é reconhecido e valorizado esse esforço.

- Expetativas futuras

Devido ao atual contexto da educação e do trabalho dos professores no 1.º CEB, as expetativas para o futuro não são muito positivas para todas as entrevistadas, no entanto a maioria quer acreditar que vão surgir mudanças muito positivas para todos porque para se ter alunos felizes, também os professores têm que se sentir felizes.

- Relação com os pais

Todas as entrevistadas referem que tiveram e têm uma relação positiva e harmoniosa com os seus pais porque apesar de algumas delas terem vivido alguns momentos um pouco menos positivos, já foram ultrapassados.

- Casamento

Apenas seis das professoras entrevistadas são hoje casadas, pois a Ana Jacinto não é casada e a Carla Marques já foi, mas hoje encontra-se divorciada.

A boa relação com os maridos tem sido primordial para a vida destas seis professoras, pois tal como refere a Natália, devido ao excesso de trabalho de um professor, não é fácil ser casado com uma professora.

- Maternidade

As professoras Ana Jacinto e Carla Marques ainda não passaram pela experiência da maternidade, no entanto as restantes seis professoras são mães muito dedicadas e felizes, que recordam com muito carinho momentos vividos com os seus filhos.

Apesar de algumas delas já terem passado por momentos muito difíceis devido a problemas de saúde dos seus filhos, conseguiram ultrapassá-los e hoje vivem em harmonia.

4 - SÍNTESE REFLEXIVA

Depois de entrevistar e conhecer professoras do 1.º CEB, analisar e refletir sobre todas as informações obtidas referentes aos seus percursos pessoais e profissionais, as respostas às questões de partida e de investigação foram ganhando forma e sentido.

O que é ser professora do 1.º CEB? Esta é a grande questão deste estudo e a sua resposta é consensual para todas as entrevistadas, pois destacam e reconhecem o papel de grande relevância que desempenham e o seu contributo para a formação pessoal, social e intelectual dos seus alunos. Assim, segundo as entrevistadas, ser professora do 1.º CEB:

- “Para além de ser professor, hoje em dia também se é pai, é ser mãe, consegue ser avô e avó, é um pilar para as crianças e muitas vezes um herói. Para eles a professora é uma heroína, tudo o que ela diz é sagrado e muitas vezes os próprios pais vêm conversar sobre isso com a professora” (Ana Jacinto).

- “É algo muito complexo. É muito útil, é algo de muito gratificante, é ajudar a formar um ser humano e é algo que implica muita, muita responsabilidade porque estamos a lidar com crianças, com seres em formação e o professor é uma peça fundamental no seu percurso de vida” (Antónia).

- “Ser professora, independentemente de ser do 1.º ciclo, é ter muito para dar. É abdicar de muita coisa do plano pessoal para poder estar no plano profissional a cem por cento, duzentos por cento, trezentos por cento. O professor do 1.º ciclo é o exemplo, é o amigo, é o psicólogo, é o pai e a mãe, é o irmão mais velho, é o médico, é o enfermeiro, é tudo” (Carla Marques).

- “É ser tudo: pai, mãe, avó, avô... Chamam-nos tantos nomes que acabamos por ser tudo. Para além daquilo que nos chamam, acho que somos aquelas pessoas que estão mais tempo na vida dos alunos, pelo menos durante o ano escolar e depois de voarem para outros ciclos escolares, temos sempre aqueles que nos dão um abraço especial, mesmo depois de passarem tantos anos, e que nos fazem sentir que, em algum momento, fomos importantes nas suas vidas” (Francisca Marques).

- É “dar um pouco de ti aos outros, é dar um pouco daquilo que se tem aos outros, é uma profissão solidária”. O professor do 1.º CEB “é um mágico que faz crescer crianças, faz crescer adultos responsáveis, educados e dá o seu melhor. Ele passa mais tempo com os alunos do que passa com a família” (Isabel Marum).

- “É mais do que aquilo que se está a fazer atualmente. É mais importante, é mais significativo na vida dos alunos do que aquilo que neste momento se cinge a atividade docente. O professor do 1.º CEB é um orientador de aprendizagens, é um professor generalista, é monodocente porque tem a seu cargo todas as aprendizagens do currículo e não só, porque as aprendizagens do currículo pretendem preparar os alunos para a vida, dar-lhes a base, é o ensino básico, é o primeiro ciclo, é o mais importante na vida de uma pessoa” (Maria Gonçalves).

▪ “É ser um professor marcante porque estão a colocar-se os alicerces. É a partir de nós, do nosso trabalho que a criança fica ou não motivada para a aprendizagem. O trabalho do professor do 1.º CEB é um trabalho muito importante e é dos mais difíceis, é o trabalho mais difícil de todo o ensino” (Natália).

▪ É “ser mãe, tia, psicóloga, avó e passar um bocadinho por todas estas presenças na vida dos meninos. É saber ensinar, é saber partilhar, é saber dar afeto e conseguir transformar os meninos em seres mais completos” (Telma Guerreiro).

É de realçar, que nas oito respostas anteriores, estão evidentes alguns aspetos que caracterizam o trabalho do professor do 1.º CEB, como a grande dedicação, o empenho, a disponibilidade e a capacidade de transmitir afetos e conhecimentos, o que, segundo Goodson (2015), “valoriza uma forma de trabalho assente num significado, finalidade e paixão” (p.69).

Os percursos pessoais destas professoras, apesar de distintos e muito particulares, apresentam aspetos em comum, destacando-se o facto de, em criança, todas sentirem vontade de aprender e ir para a escola porque desde cedo a escola despertou-lhes um grande interesse e representou algo com muito significado nas suas vidas.

O ensino primário foi um marco muito significativo na vida das entrevistadas, pois apenas a professora Telma Guerreiro recorda com tristeza a agressividade e mau estar provocado pela sua professora primária, mas depois desse ciclo, aquele encantamento inicial, que existia antes da entrada para a escola, foi reconquistado.

A evidência desse grande significado atribuído à escola e ao ensino está implícito nas escolhas profissionais de todas as entrevistadas, pois apesar de apenas quatro referirem que desde criança sonhavam com a carreira docente, como aconteceu com as professoras Ana Jacinto, Carla Marques, Isabel Marum e Maria Gonçalves, todas optaram pela docência. Essa escolha profissional, intrinsecamente reflete o percurso pessoal das entrevistadas, pois a escola sempre foi um espaço que lhes proporcionou momentos felizes e de aprendizagem. Hoje quando refletem sobre essa escolha sentem que realmente foi a sua melhor decisão e não sentem arrependimento pelas suas opções e decisões.

Os percursos profissionais das entrevistadas são, de uma maneira geral, semelhantes, pois apesar de breves passagens por outras áreas, como a Educação de Adultos, o 2.º CEB, a Intervenção Precoce, a Direção Regional de Educação ou o Tribunal de Menores, todas sentem que a construção da sua identidade profissional está no 1.º CEB e é lá que se sentem realizadas profissionalmente.

Ao longo das suas carreiras, estas professoras vivenciaram diferentes contextos educativos, pois para além de terem lecionado em escolas com diferentes realidades, também foram envolvidas em diferentes medidas políticas que alteraram e moldaram o seu trabalho com os alunos na sala de aula. Todas referem que essas medidas nem sempre foram sinónimo de mudança positiva, pois é com algum desânimo que hoje se vêm absorvidas por demasiada burocracia que não lhes permite dedicar tanto tempo como desejariam a planificar, preparar e construir materiais diversificados e atrativos para completar o seu trabalho na sala de aula.

O desânimo aqui mencionado pelas entrevistadas enquadra-se no que Esteve (1999) denomina de “grande fragmentação da atividade do professor”, pois segundo ele hoje é exigido aos professores um “enorme leque de funções. Para além das aulas, devem desempenhar tarefas de administração, programar, avaliar, reciclar-se, orientar os alunos, atender os pais, organizar atividades, assistir a seminários e reuniões, porventura mesmo vigiar edifícios e materiais, recreios e cantinas” (p.108).

Estas professoras refletem nas suas histórias de vida que as situações novas que viveram, os contextos, oportunidades e mudanças com que se depararam ao longo da carreira, ou seja, as transições biográficas vividas, permitiram-lhes adaptar-se, integrar-se e principalmente aprender e crescer enquanto profissional, tendo tudo isso contribuído para a construção da sua identidade profissional. Este facto é confirmado por Cavaco (1999) quando refere que a identidade profissional constrói-se “com a apropriação dos saberes profissionais através da experiência” (p.162).

As trajetórias de vida das entrevistadas traduzem a personalidade e o espírito positivo e assertivo de todas elas, pois apesar das epifanias com que se depararam ao longo da vida, como a morte dos pais, a mudança de país, os problemas de saúde dos filhos ou as desilusões, esforçaram-se sempre para que isso não influenciasse negativamente as suas práticas profissionais e continuaram a sua missão no 1.º CEB.

Os momentos mais marcantes da vida profissional das entrevistadas estão relacionados com os alunos, pois são eles que dão sentido ao seu trabalho e sem dúvida, a constatação das aprendizagens realizadas e o carinho por eles manifestado, marcam, fortalecem e valorizam o trabalho do professor do 1.º CEB, que, segundo Teixeira (1995), comprova que “é particularmente relevante que um professor desenvolva o seu ser profissional como ser de relação” (p.162).

As oito entrevistadas referem que hoje são professoras do 1.º CEB com muito orgulho e dedicação, mas não conseguem ficar imparciais às mudanças constantes que têm

invadido o sistema educativo, como o aumento do número de alunos por turma, os currículos demasiado exigentes para as idades correspondentes e o excesso de burocracia, e tudo isso tem tido reflexos, segundo elas, pouco positivos, no trabalho dos professores e dos alunos. A professora Maria Gonçalves é aquela que manifesta uma maior desilusão e descontentamento em relação ao papel atual do professor do 1.º CEB, pois sente-se obrigada a desempenhar tantos outros papéis para além daquilo que seria, segundo ela, o seu legado enquanto professora do 1.º CEB, no entanto, afirma que apesar disso, ainda sente gosto no trabalho com os alunos e não quer desistir.

Depois de conhecer, analisar e compreender estas oito histórias de vida de professoras do 1.º CEB, refletir sobre os seus percursos pessoais e profissionais, pode afirmar-se que o facto de terem vivido momentos significativos, marcantes e positivos ao longo do seu percurso académico, foi um impulsionador para a escolha profissional da carreira docente e para o bom desempenho profissional.

Todas as professoras entrevistadas têm em comum a grande dedicação, o compromisso, a entrega e a responsabilidade atribuída ao seu desempenho profissional e valorizam e reconhecem o resultado do seu contributo na vida dos seus alunos, o que vai ao encontro de Esteve (1999) ao referir que “hoje em dia, o ensino de qualidade é mais fruto do voluntarismo dos professores do que consequência natural de condições de trabalho adequadas às dificuldades reais e às múltiplas tarefas educativas” (p.106).

Nestes oito percursos profissionais predominam momentos de grande satisfação pessoal e profissional que evidenciam o trabalho realizado com os alunos, os momentos de partilha e reflexão entre colegas, as aprendizagens realizadas e a formação contínua como contributo para o aperfeiçoamento das práticas diárias e o sucesso escolar alunos.

O momento presente do percurso profissional destas oito professoras, com carreiras já longas e bem definidas no 1.º CEB, com vivências e experiências ricas em aprendizagens e conhecimentos, com algumas desilusões e desencantos e com muito para dar aos seus alunos, poderia enquadrar-se, segundo Huberman (2000) em duas das fases da carreira docente por ele definidas. Assim, poderia afirmar-se que sete das entrevistadas encontram-se na fase “Pôr-se em questão” e outra entrevistada na fase da “Serenidade e do distanciamento afetivo”.

As docentes Ana Jacinto, Carla Marques, Francisca Martins, Isabel Marum, Maria Gonçalves, Natália e Telma Guerreiro, com carreiras profissionais compreendidas entre os dezoito e vinte e oito anos, poderiam enquadrar-se na fase da carreira onde se põe em questão, pois refletem e questionam as rotinas e as obrigações cada vez mais burocráticas e

o seu reflexo, positivo ou negativo, no sucesso escolar dos alunos e isso por vezes leva-as a algum desânimo, no entanto continuam com força e vontade para continuar.

A docente Antónia, já com trinta anos de serviço no 1.º CEB, poderá enquadrar-se na fase da serenidade e do distanciamento afetivo, pois é uma docente mais experiente, que já vivenciou inúmeras transições biográficas ao longo da sua carreira e que contribuíram para a construção da sua identidade enquanto pessoa e profissional, que hoje lhe proporcionam momentos de serenidade e de grande segurança, confiança e domínio.

Estas oito professoras, conscientes e informadas sobre toda a situação atual do 1.º CEB e as suas políticas educativas, lecionam nas suas turmas com um único objetivo, proporcionar aos alunos momentos de aprendizagem e assim conduzi-los ao sucesso, por isso todas as desilusões sentidas na sua carreira, ficam em segundo plano dentro da sala de aula porque os alunos são a sua grande prioridade. Pode assim dizer-se que com o seu trabalho, partilha, afeto e empenho, têm contribuído para a valorização e reconhecimento do 1.º CEB e dos seus professores.

Capítulo VI - Conclusões

1 - A VIDA DE PROFESSORA E A CARREIRA NO 1.º CEB

A vida e a carreira de uma professora do 1.º CEB estão intrinsecamente ligadas porque aquilo que se é enquanto indivíduo/pessoa reflete-se e manifesta-se nos comportamentos e atitudes diários perante os outros, por isso estudar a carreira de professores sem antes compreender a sua história de vida poderá ser algo incompleto e pouco consistente.

O estudo em histórias de vida, segundo Couceiro (1996), tem sido cada vez mais recorrente em Ciências da Educação, devido ao “reconhecimento de que estas produzem conhecimento (feito de saberes múltiplos e de maior conhecimento de si para si)” e também “efeitos formativos/autoformativos, mesmo quando só usadas como abordagem metodológica para trabalhar um dado objeto de investigação” (p.155).

Assim, recorrendo às histórias de vida de oito professoras do 1.º CEB, que hoje ainda lecionam, pretendeu-se encontrar respostas para as questões que orientaram e conduziram este estudo, sendo as duas questões de partida:

- O que é ser professora do 1.º CEB?
- Que significados atribuir ao percurso pessoal e profissional da professora do 1.º CEB?

Essas duas grandes questões deram origem a outras questões de investigação, que também foram completando este estudo com as suas respostas.

Então, o que é ser professor(a)? Segundo o Artigo 2.º, do Decreto-Lei n.º 41/2012, de 21 de fevereiro (Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básicos e Secundário), “considera-se pessoal docente aquele que é portador de qualificação profissional para o desempenho de funções de educação ou de ensino, com carácter permanente, sequencial e sistemático, ou a título temporário, após aprovação em prova de avaliação de conhecimentos e de competências”.

Sendo a docência, segundo Tardif e Lessard (2005), “um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas” (p.35), então ser professor é ser alguém que trabalha e interage nas relações humanas e consegue a partir daí proporcionar momentos de aprendizagens significativos.

“Ser professor implica a paixão no sentido da entrega, de sentimentos de amor intenso” (Pacheco, 2005, p.259), e isso é muito evidente nos professores do 1.º CEB, pois a capacidade de transmitir conhecimentos e afetos e a grande disponibilidade para partilhar e

dar tudo de si pelo sucesso dos seus alunos caracterizam o verdadeiro significado e a nobre missão dos professores do 1.º CEB.

Depois de concluídas todas as etapas deste estudo, pode assim afirmar-se que ser professora do 1.º CEB, segundo a autora desta investigação, é:

- Ser uma professora dinâmica, ativa, participativa, trabalhadora e muito empenhada para conseguir dar resposta a todas as exigências da sua profissão e principalmente dos seus alunos;
- Ser uma professora que incentiva e motiva para o conhecimento, para a educação e para os afetos, pois com um sorriso e com carinho, as crianças aprendem mais e melhor;
- Ser alguém muito presente e importante na vida das crianças, é ser o seu pilar, a sua companhia, a sua ajuda e principalmente aquela pessoa em quem eles confiam os seus sorrisos e as suas aprendizagens.

Segundo Pacheco (2005) “ser professora, com paixão, é admitir que há novos modos de olhar para a riqueza que existe no interior das escolas” (p.262).

Para ser professor é necessário percorrer um caminho de aprendizagem, vivências e conhecimento, pois o professor constrói a sua identidade profissional a partir da fusão das suas vivências pessoais, culturais, sociais, profissionais e da história de vida que protagoniza. Ele aprende nas suas vivências com os outros, com as experiências e as práticas diárias, com os colegas e também com os alunos, com os sucessos e fracassos e com a partilha com os outros.

“A experiência denomina as fontes pessoais (história de vida, experiências escolares anteriores, ...) a partir das quais se edificaram as representações e as práticas pessoais do professor para com o seu ofício” (Tardif e Lessard, 2005, p.286).

Assim, ao percurso pessoal e profissional de um professor é atribuído um significado muito relevante, pois tal como Tardif e Lessard (2005) referem, a “personalidade torna-se uma parte integrante da interação e é absorvida pelo seu trabalho” (p.279).

As vivências, experiências e aprendizagens da vida pessoal estão intrinsecamente relacionadas com a vida profissional, pois a partir das transições biográficas, epifanias e identidades de aprendizagem que ocorrem na vida dos professores, eles constroem a sua identidade profissional e desenvolvem, a partir daí, atitudes de grande respeito, dedicação e empenho pelo seu trabalho e principalmente pelos seus alunos.

O professor é uma pessoa e essa pessoa é o professor, não se separam as identidades e aquilo que o professor é enquanto ser social, pessoa, também o é enquanto profissional, transportando sempre consigo as suas vivências e experiências. Ao realizar-se

profissionalmente, ele também se realiza enquanto pessoa e isso foi possível constatar nas histórias de vida presentes neste estudo.

Este estudo, realizado a partir de histórias de vida de professoras do 1.º CEB que ainda lecionam e vivem essa realidade diariamente, é um contributo para o estudo dos percursos dos professores porque permitiu dar a conhecer a realidade do 1.º CEB e dos seus professores, os percursos pessoais e profissionais de professoras, e principalmente “dar-lhes voz”, para que partilhassem e refletissem sobre as suas trajetórias de vida, a sua profissão e o seu contributo para a valorização do papel tão relevante e significativo dos professores do 1.º CEB.

As histórias de vida deste estudo permitiram “não só a compreensão de si próprio, como a melhor compreensão do modo como lemos e nos apropriamos daquilo que nos é dado, com que vamos sendo confrontados e com que projetamos o futuro” (Couceiro, 1996, p.160).

Pode assim afirmar-se que as transições biográficas vividas pelos professores, nas novas experiências em diferentes escolas, em diferentes funções, com diferentes contextos e alunos, originadas por diferentes interações, são um grande contributo para a construção da sua identidade profissional e da relação que estabelecem com a sua profissão. Deste modo também são um contributo para a construção do percurso profissional, o que vai ao encontro de Gonçalves (2009) quando afirma que o percurso profissional de um professor é um “processo que o leva, em função dos contextos envolventes, a (re) definir e a modificar as suas atitudes e valores acerca do ensino, dos alunos e da educação em geral, reelaborando e redimensionando as suas perspetivas profissionais” (p.25).

A “construção de um novo profissionalismo, segundo Pacheco (2005) dá-se também através de uma autocrítica de aprendizagem” (p.260) e isso foi possível para as participantes e para a autora desta investigação.

A partir de histórias de vida, inclusive da sua própria história de vida relatada na 1ª pessoa, a autora, tal como as professoras participantes, tiveram a oportunidade de refletir, analisar e interpretar os seus percursos pessoais e profissionais e assim gerar um processo autoformativo que levou à transformação de si mesmas e à construção de novos conhecimentos, originados pela interação entre as suas vivências e os outros conhecimentos já adquiridos.

Essa oportunidade de reflexão também foi considerada como um momento de formação, o que pode ser confirmado por Nóvoa (1992), pois segundo ele, a formação “não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim

através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal” (p.25).

Ao usar “a abordagem das histórias de vida, ao fazer, ao narrar, ao construir a sua história de vida, o sujeito constrói e reconstrói o seu passado e, nessa construção, potencializa e abre o futuro a projetos possíveis” (Couceiro, 1996, p.159).

Ao refletir, também na 1ª pessoa, sobre os momentos mais marcantes do percurso pessoal e profissional, a autora desta investigação teve também a oportunidade de olhar de maneira diferente para os caminhos tomados até hoje na sua carreira e ponderar sobre o rumo a levar a partir daqui, uma vez que também é professora do 1.º CEB.

Essa capacidade de refletir, compreender e de levar à mudança da prática diária, proporcionada pela realização deste estudo, realça a grande importância dos estudos sobre os percursos dos professores e as suas histórias de vida, pois a partir daí, das histórias de vida, tal como Nóvoa (2000) refere, “pode passar a elaboração de novas propostas sobre a formação de professores e sobre a profissão docente” (p.25).

Não se pode ignorar o facto de que o estudo de histórias de vida de professores pode dar origem a reflexões muito pertinentes que podem levar à melhoria de práticas profissionais e ao enriquecimento de conhecimentos acerca dos professores, do seu papel, da sua formação e do ensino.

Estudar histórias de vida de professores é estudar a vida e a profissão dos professores e aí é possível analisar e refletir sobre o papel dos professores, a sua formação, os currículos, os alunos e o ensino com as suas potencialidades e fragilidades, pois ao longo da carreira os professores também enfrentam momentos que os obrigam a mostrar a sua força e resistência.

Esses momentos geram algum desânimo e isso é muito evidente nos professores do 1.º CEB, pois o que hoje lhes é exigido é muito mais do que ensinar crianças, é também dar resposta a uma grande diversidade de tarefas e situações burocráticas relativas à vida escolar, facto esse que nunca foi ponderado nem questionado junto dos professores.

Assim, seria benéfico que fosse dada a oportunidade aos professores do 1.º CEB de refletirem, de participarem e de manifestarem a sua opinião antes de serem tomadas as decisões que afetam e influenciam diretamente o seu trabalho diário, o seu desempenho, e consequentemente o desempenho dos alunos.

Esta é a proposta que aqui fica lançada, “dar voz” aos professores do 1.º CEB que estão no ativo e conhecem a realidade das escolas portuguesas, pois apesar de não parecer nada de novo, isso ainda continua sem acontecer, apenas os órgãos superiores têm, por

vezes, direito a se pronunciarem. São os professores que lecionam e vivenciam as reformas políticas, por isso eles poderão, sem dúvida, dar um grande contributo para a tomada de decisões e para a melhoria de todo o sistema educativo, pois vontade e motivação não lhes falta.

Por tudo isso aqui exposto, pode afirmar-se que foram cumpridos os objetivos propostos para esta investigação e principalmente, foi dada a oportunidade ao 1.º CEB de ser ouvido e de se mostrar, pois muitas vezes é ofuscado pelos outros graus de ensino e não lhe é atribuído o seu real valor.

2 - LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

Este estudo de oito histórias de vida de professoras do 1.º CEB foi muito motivante e exigente e por isso foi necessário dedicar-lhe muito empenho e seriedade, tal como muita disponibilidade de tempo para poder “mergulhar” em toda a informação recolhida sobre o 1.º CEB em Portugal e a vida e a carreira de professoras do 1.º CEB.

É de referir que as oito professoras participantes neste estudo mostraram-se sempre muito disponíveis e colaborantes e isso permitiu o bom desenvolvimento dos trabalhos.

Assim, pode dizer-se que a maior limitação desta investigação foi mesmo o tempo, pois durante todos estes meses de estudo foi necessária uma exigente calendarização e gestão de tempo para que todas as etapas fossem cumpridas tal como previsto e se conseguissem alcançar os objetivos propostos.

Outra limitação foi a pouca bibliografia existente nas bibliotecas sobre esta metodologia de investigação baseada em histórias de vida, pois esse facto dificultou por vezes o desenvolvimento de algumas etapas da investigação, mas mesmo assim não a tornou inviável.

3 - FUTURAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Depois de conhecer, analisar e interpretar histórias de vida de professoras do 1.º CEB que hoje ainda lecionam, conhecer o seu papel tão relevante na formação dos seus alunos e a realidade do 1.º CEB de hoje, muito ainda ficou por estudar sobre o 1.º CEB no passado e os professores primários.

Como o ensino e a educação estão em constante mudança e evolução, é necessário conhecer e compreender os efeitos dessas mudanças, quer na vida dos professores, quer na dos alunos. Como tal, seria muito relevante poder dar continuidade a este estudo e realizar

uma investigação onde fosse possível dar a conhecer histórias de vida de professoras primárias, compreender o contexto do seu trabalho com os alunos e estabelecer uma ligação e comparação entre as semelhanças e as mudanças no 1.º CEB de ontem e de hoje.

Assim, seria possível determinar as linhas orientadoras do ensino primário e do atual 1.º CEB, para que se conseguisse compreender, analisar e interpretar os seus impactos na vida dos professores e dos alunos. Tudo isto com o propósito de valorizar os acontecimentos já vividos e com eles perspetivar linhas futuras de ação para os professores e, consequentemente para os alunos.

Fica então aqui a proposta para uma investigação em histórias de vida de professoras primárias e professoras do 1.º CEB e certamente que esse será um estudo muito interessante e revelador das grandes mudanças, positivas ou negativas, no nosso sistema de ensino, no 1.º CEB e no impacto das medidas educativas na vida dos professores e dos alunos.

Referências Bibliográficas

Albuquerque, L. (1960). *Notas para a história do ensino em Portugal*. Coimbra: Edição do Autor.

Arco, J.P. (2015). *Histórias de vida de professores primários - A ação das Coordenações Concelhias de Educação de Adultos*. (Tese de Doutoramento - De Prelo)

Arco, J.P. e Fragoso, A. (2015). Biograficidade e identidades de aprendizagem - Educadoras de adultos na serra algarvia. *In Omnia* N.º 2 - Abril 15 (pp.65-77).

Disponível em: <http://omnia.grei.pt/n02/%5B7%5D%20ARCO.pdf>

Acedido em julho de 2016.

Bautista, R. (1997). Educação especial e reforma educativa. *In Necessidade Educativas Especiais*, Bautista, R. (Org.). (pp.9-19). Lisboa: Dinalivro.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Canário, R. (2007). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. *In A Educação em Portugal (1986-2006) - Alguns Contributos de Investigação* (pp.207-260). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Carneiro, A.R. (2003). *Evolução e controlo do ensino em Portugal - Da fundação da nacionalidade ao 1.º Ministério da Instrução Pública*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carvalho, R. (1996). *História do ensino em Portugal - Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cavaco, M.H. (1999). *Ofício do professor: O tempo e as mudanças*. *In Profissão Professor*, Nóvoa, A. (Org.). (pp.155-191). Porto: Porto Editora.

Couceiro, M.L.P. (1996). *Seminário - Histórias de vida*. *In Malpique, M. Histórias de Vida* (pp.151-153). Porto: Campo das Letras.

Couceiro, M.L.P. (1996). *O porquê e para quê do uso das histórias de vida*. *In Malpique, M. Histórias de Vida* (pp.155-160). Porto: Campo das Letras.

Coutinho, C.P. (2014). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

Correia, L.M. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.

Esteve, J.M. (1999). *Mudanças sociais e função docente*. *In Profissão Professor*, Nóvoa, A. (Org.). (pp.93-124). Porto: Porto Editora.

Flick, U. (2002). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.

Gomes, R. (1999). 25 Anos depois: Expansão e crise da escola de massas em Portugal. *In Educação, sociedade & culturas*, 11, 133-164.

Gonçalves, J.A. (2009). Desenvolvimento profissional e carreira docente - Fases da carreira, currículo e supervisão. *In* Revista de Ciências da Educação N.º 8 - Jan/Abr 09. (pp.23-36).

Disponível em: http://centrorecursos.movimentoscolamoderna.pt/dt/3_2_formacao_professores/32_20_desenv_profis_carreira_docente_jagoncalves.pdf

Acedido em julho de 2016.

Goodson, I.F. (2000). Dar voz ao professor: As histórias de vida de professores e o seu desenvolvimento profissional. *In* Vidas de Professores, Nóvoa, A. (Org.). (pp.63-75). Porto: Porto Editora.

Goodson, I.F. (2015). Narrativas em educação: A vida e a voz dos professores. Porto: Porto Editora.

Grácio, S. (1986). Política educativa como tecnologia social - As Reformas do Ensino Técnico de 1948 e 1983. Lisboa: Livros Horizonte.

Holly, M.L. (2000). Investigando a vida profissional dos professores: Diários biográficos. *In* Vidas de Professores, Nóvoa, A. (Org.). (pp.82-140). Porto: Porto Editora.

Huberman, M. (2000). O ciclo de vida profissional dos professores. *In* Vidas de Professores, Nóvoa, A. (Org.). (pp.37-46). Porto: Porto Editora.

Lopes, A. (2001). Libertar o desejo, resgatar a inovação - A construção de identidades docentes. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Malpique, M. (2002). Histórias de vida. Porto: Campo das Letras.

Momberger, C.D. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *In* Revista Brasileira de Educação v.17, n.º 51 - Set-Dez 12 (pp.526-536).

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>

Acedido em julho de 2016.

Nóvoa, A. (1992). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Nóvoa, A. (2000). Os professores e as histórias da sua vida. *In* Vidas de Professores, Nóvoa, A. (Org.). (pp.63-75). Porto: Porto Editora.

Neto, J.B. (2007). Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre a abordagem biográfica, instrumento da pesquisa educacional e da formação: Contribuições da escola de Chicago e do interacionismo simbólico. 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste.

Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao_foco/algumas_consideracoes.pdf

Acedido em julho de 2016.

Pacheco, J.A. (2005). Ser professor: Desafios da sociedade do conhecimento. *In* Mudanças Educativas e Curriculares... e os Educadores/Professores? (pp.259-263). Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.

Pereira, F. (2008). Educação Especial - Manual de apoio à prática. Lisboa: Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Quintas, H. (2008). *Educação de Adultos: Vida no currículo e currículo na vida*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I.P.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2013). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rodrigues, A.C. e Silva, C.C. (2011). Identidades, biograficidades, movimentos sociais: Novos olhares, outros desafios. *In Revista Lugares de Educação*, v.1, n.º 2 - Jun/Dez 11. (pp.257-275).

Disponível em: [file:///C:/Documents%20and%20Settings/TEMP/Os%20meus%20documentos/Downloads/11648-18578-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/TEMP/Os%20meus%20documentos/Downloads/11648-18578-1-PB%20(1).pdf)

Acedido em julho de 2016.

Sequeira, M.F., Baptista, J. (1997). Ensino Básico (1986-1996). *In A evolução do sistema educativo e o PRODEP - Volume II* (pp.111-190). Lisboa: Ministério da Educação.

Tardif, M. e Lessard, C. (2005). *O trabalho docente - Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Editora Vozes.

Teixeira, M. (1995). *O professor e a escola - Perspetivas organizacionais*. Lisboa: McGraw-Hill.

Teodoro, A. (1994). *Política educativa em Portugal - Educação, desenvolvimento e participação política dos professores*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Vieira, R. (2007). Identidades, histórias de vida e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores - III Seminário de Educação “Memórias, Histórias e Formação de Professores”. Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/513/1/IDENTIDADES,%20HIST%C3%93RIAS%20DE%VIDA%20E%20CULTURAS%20ESCOLARES,%20in%20II~1.pdf>

Acedido em março de 2016.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Decreto-Lei n.º 290/75 de 14 de junho de 1975. Diário do Governo n.º 135/1975 - I Série. Ministério da Educação e Cultura - Secretaria de Estado da Administração Escolar.

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro de 1986. Diário da República n.º 237 - I Série. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 139-A/90 de 28 de abril de 1990. Diário da República n.º 98 - I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 105/97 de 29 de abril de 1997. Diário da República n.º 99 - I Série-A. Ministério da Educação.

Lei n.º 115/97 de 19 de setembro de 1997. Diário da República n.º 217- I Série-A. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de novembro de 1992. Diário da República n.º 259 - I Série-A. Ministério da Educação.

Despacho Normativo n.º 27/97 de 2 de junho de 1997. Diário da República n.º 126 - I Série-B. Ministério da Educação.

Lei n.º 115/97 de 19 de setembro de 1997. Diário da República n.º 217 - I Série-A. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 1/98 de 2 de janeiro de 1998. Diário da República n.º 1 - I Série-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 115-A/98 de 4 de maio de 1998. Diário da República n.º 102 - I Série-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto de 2001. Diário da República n.º 201 - I Série-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto de 2001. Diário da República n.º 201 - I Série-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 35/2003 de 17 de fevereiro de 2003. Diário da República n.º 49 - I Série-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 121/2005 de 26 de julho de 2005. Diário da República n.º 142 - I Série-A. Ministério da Educação.

Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto de 2005. Diário da República n.º 166 - I Série-A. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 229/2005 de 29 de dezembro de 2005. Diário da República n.º 249 - I Série-A. Ministério das Finanças e da Administração Pública.

Decreto-Lei n.º 224/2006 de 13 de novembro de 2006. Diário da República n.º 218 - I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 15/2007 de 19 de janeiro de 2007. Diário da República n.º 14 - I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 35/2007 de 15 de fevereiro de 2007. Diário da República n.º 33 - I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro de 2008. Diário da República n.º 4 - I Série. Ministério da Educação.

Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto de 2009. Diário da República n.º 166 - I Série. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 270/2009 de 30 de setembro de 2009. Diário da República n.º 190 - I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 75/2010 de 23 de junho de 2010. Diário da República n.º 120 - I Série. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 41/2012 de 21 de fevereiro de 2012. Diário da República n.º 37 - I Série. Ministério da Educação e Ciência.

Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro de 2012. Diário da República n.º 172 - I Série. Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 146/2013 de 22 de outubro de 2013. Diário da República n.º 204 - I Série. Ministério da Educação e Ciência.

Decreto-Lei n.º 176/2014 de 12 de dezembro de 2014. Diário da República n.º 240 - I Série. Ministério da Educação e Ciência.

Despacho Normativo 10-A/2015 de 19 de junho de 2015. Diário da República n.º 118 - II Série. Ministério da Educação e Ciência.

Despacho Normativo n.º 7-B/2015 de 7 de maio de 2015. Diário da República n.º 88 - II Série. Gabinetes dos Secretários de Estado do Ensino e da Administração Escolar e do Ensino Básico e Secundário.